

**ANL**

**REVISTA DA ACADEMIA**

**NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**



# **ANL**

**REVISTA DA ACADEMIA  
NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

Nº 42  
Natal, janeiro/março – 2015

# REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

## **Diretor:**

Manoel Onofre Jr.

## **Editor:**

Thiago Gonzaga

## **Diagramação e capa:**

CJA Edições - [www.cjaedicoes.com.br](http://www.cjaedicoes.com.br)

---

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – V.1, n.1  
(mar. 1951 - ). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Irregular.

Número atual: 42, jan./mar.2015.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-Rio-Grandense de  
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

---

Offset Editora

Rua Dr. Barata, 216 - Ribeira - Natal/RN - 59012-370

(84) 3344.3990 - [editora@offsetgrafica.com.br](mailto:editora@offsetgrafica.com.br)

# Sumário

## ARTIGOS E ENSAIOS

<b>Um sol iluminando o Brasil</b>	
<i>Diógenes da Cunha Lima</i> .....	10
<b>Luís da Câmara Cascudo e a identidade nacional: O homem, o folclore e os símbolos</b>	
<i>Victória Rincon</i> .....	14
<b>Anna e eu</b>	
<i>Sônia Maria Fernandes Faustino</i> .....	18
<b>Homenagem a Anna Maria Cascudo Barreto</b>	
<i>Ivan Maciel de Andrade</i> .....	21
<b>O adeus e a saudade</b>	
<i>Jurandy Navarro</i> .....	23
<b>Capataz dos mistérios circundantes</b>	
<i>Valério Mesquita</i> .....	27
<b>Um gramático que sabia escrever</b>	
<i>Manoel Onofre Jr.</i> .....	29
<b>Orlando Dantas e Edgar Barbosa</b>	
<i>Ticiano Duarte</i> .....	31
<b>Um índio potiguar: Enélio Lima Petrovich (1934 – 2012)</b>	
<i>Melquíades Pinto Paiva</i> .....	34
<b>De que vivem hoje os nossos escritores (uma breve reflexão)</b>	
<i>Nelson Patriota</i> .....	36
<b>Dois livros de crônicas</b>	
<i>Thiago Gonzaga</i> .....	40
<b>Paulo de Tarso e o valor da poesia</b>	
<i>Fernando Gil Villa</i> .....	44
<b>No caminho da literatura potiguar</b>	
<i>Chumbo Pinheiro</i> .....	47
<b>A literatura potiguar ou um sistema dissimulado</b>	
<i>Pedro Fernandes de Oliveira Neto</i> .....	52

**As funções da literatura ou uma pequena digressão sobre um belo tema**

*Mário Gerson*.....61

**Centenário de nascimento do violinista Gumercindo Saraiva (1915-2015)**

*Leide Câmara*.....66

**Verdades cruzadas II**

*Carlos Roberto de Miranda Gomes*.....74

**Lembrando o mesmerismo**

*Jahyr Navarro*.....83

## **ENTREVISTA**

**Pedro Bloch conversa com Câmara Cascudo**.....88

## **CONTOS E CRÔNICAS**

**Besouro Mangangá**

*Iaperi Araújo*.....98

**Apocalipse e Gênese**

*Clauder Arcanjo*.....103

**Pesadelo pendular**

*Elder Heronildes*.....106

**Num bar de Casablanca**

*José Delfino S. Magalhães*.....110

**O passarinho**

*Sanderson Negreiros*.....112

**De travessia**

*Paulo Bezerra*.....114

**Uma noite no Palácio Potengi**

*Francisco Rodrigues da Costa*.....117

**Nelson Rodrigues, atualíssimo**

*Armando Negreiros*.....120

**Encomenda para o Céu**

*Cleudivan Jânio de Araújo*.....124

# POESIAS

## **O peregrino**

*Dorian Gray Caldas*.....128

## **Sonetos de sertão e mar**

*Jarbas Martins*.....130

## **Seridó**

### **Descida da Serra**

*Humberto Hermenegildo de Araújo*.....134

### **Flor improvável**

*Rizolete Fernandes*.....135

### **Rastros, Señales/Signaux**

*Rizolete Fernandes*.....136

### **Um pé**

*Junior Dalberto*.....137



*Artigos e Ensaaios*

# Um sol iluminando o Brasil

*Diógenes da Cunha Lima*

**T**enho muito orgulho de declarar que passei cerca de 20 anos frequentando, quase diariamente, a casa de Luís da Câmara Cascudo, na convivência de simpatia com a bondade de dona Dhália e a inteligência de Anna Maria. Era a sobremesa do meu dia, a alegria do encontro, a aprendizagem festiva, o cultivo da terna amizade, a bem dizer, filial. Tentava retribuir ao Mestre com o que lhe pudesse ser útil: a busca de expressões populares, gestos, costumes; pesquisas em bibliotecas; retirada do seu salário de aposentado, do banco; ir ao Correio postar correspondência. Cascudo dizia que a maioria de suas cartas, enviadas aos quatro cantos do mundo, eram perguntadeiras, pois o que ele desejava era **COMPREENDER**.

Gentil, como de hábito, foi deixar-me no alto da escadaria da sua casa, de onde se via o Potengi. Diante de um grande e lustroso besouro, que, placidamente, atravessava o nosso caminho, ele comentou:

- O homem não tem nenhuma importância, importante mesmo é o besouro. Na melhor das hipóteses, o homem está na terra há cinquenta milhões de anos e essa espécie está há 250 milhões de anos. O homem pode destruir todas as baleias, todos os mamíferos, mas não consegue acabar com uma única classe de insetos. E quando o homem houver desaparecido, eles continuarão a voar sobre a terra.

- Os besouros são apenas mais aptos ou mais importantes que o homem?

- Quando um homem é importante, é como eu, que imita os insetos.

- O senhor imita inseto?

- Pelo menos dois desses bichinhos: tenho a obstinação do carrapato e faço a publicidade e autopromoção do vaga-lume.

Quando levei o meu livro ao professor Câmara Cascudo, ele não gostou do título.

- Indiretamente, você está chamando milhões de brasileiros de infelizes.

- Não. Estou só destacando um, feliz pelo que faz.

O tempo passou e o Mestre adotou a expressão, honrando-me com a citação.

Escreveu mais de uma centena de livros, não concluiu o que seria o último: *Antes da Noite* – noite como sinônimo de morte.

Ninguém escreveu tanto e tão bem sobre o Brasil e sobre os brasileiros quanto Câmara Cascudo. Os seus estudos etnográficos são o que existe de melhor para a compreensão do que é nosso.

Gilberto Freyre e Cascudo são duas faces da mesma moeda. Eles estudaram e revelaram o Brasil de forma insuperável - Gilberto com maior visão sociológica, Cascudo com visão antropológica. Fizaram a verdadeira interpretação social.

Enquanto Gilberto Freyre parte do Regional para fixar o brasileiro no mundo (*Casa Grande e Senzala*), Câmara Cascudo parte do Homem no universo para fixar o brasileiro (*Civilização e Cultura*).

As obras de ambos são paralelas, às vezes, convergentes e sempre complementares uma da outra. Os dois descobriram o Brasil.

Tenho proposto, sem sucesso algum, que as universidades brasileiras criem um núcleo de estudos da obra cascudiana e gilbertiana. Até agora, o assunto tem sido objeto de ensino isolado do professor Sanderson Negreiros, na UFRN.

Às universidades, como às pessoas, convém que tenham caráter. Deveria ser obrigatório o estudo do que nos é singular, do que nos distingue dos outros, do que nos confere honra e dignidade de viver.

Conversando com o Mestre, ele me desafiou a qualificá-lo com uma única palavra:

- O senhor é um inatural – eu disse.

- Como assim? Estou fora da realidade?

- Eu só vejo o senhor no passado ou no futuro, logo inatural. O seu presente é apenas para agradar a dona Dália, os filhos, os netos, os seus ouvintes e leitores.

De fato, em vinte anos de convivência quase diária, foi-me difícil encontrar Cascudo no presente. Estava sempre trabalhando com subsídios do passado e olhos no futuro.

Quando os astronautas americanos chegaram à Lua, um jornal do Sul credenciou uma repórter para entrevistar o Mestre.

- Mocinha, eu não entendo nada de Astronáutica – ele foi chegando e dizendo.

- O jornal quer saber o que o Professor notou nesta viagem.

- Ah! sim, notei que quando os astronautas desceram no Pacífico houve manifestação de regozijo. E o povo fez a saudação da mesma maneira que faziam os babilônios para os seus heróis: batendo com os dedos da mão direita na palma da mão esquerda.

Deu uma baforada no charuto e acrescentou:

- Outra coisa: quando Armstrong estava descendo na Lua, decidiu pisar com o pé direito, ou seja, a superstição já chegou à Lua.

Em 1977, Cascudo foi indicado para receber o Troféu Juca Pato, concorrendo com outros intelectuais brasileiros de renome. Ao ser indagado sobre o assunto, ele desconversava:

- Na minha idade, pato é indigesto.

Quando tomou conhecimento de que entre seus concorrentes estava Barbosa Lima Sobrinho, Câmara Cascudo declarou a um jornal de São Paulo que se a comissão julgadora tivesse juízo votaria em Barbosa Lima. A mim, ele confidenciou:

- Meu voto é dele. Seus méritos literários e sua figura humana não podem ser discutidos. Sou seu amigo do peito há trinta anos. A vida toda, ele pretendeu me levar para a Academia Brasileira de Letras, de quem vou morrer noivo sem casamento.

No centenário do nascimento de Luís da Câmara Cascudo, eu e dezenas de outros vaga-lumes tentamos iluminar a noite cascu-diana.

Quando completa vinte anos da sua ausência física, Luís da Câmara Cascudo é um sol iluminando o Brasil.

**Diógenes da Cunha Lima** é poeta e escritor, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

# Luís da Câmara Cascudo e a identidade nacional: O homem, o folclore e os símbolos\*

Victoria Ricon\*\*

**E**ra sexta-feira, 30 de dezembro de 1898, quando Luís da Câmara Cascudo nasceu. Às 17 horas e 30 minutos, em Natal, abria seus pulmões em choro de vida nova e aguardava o seio quente da mãe para lhe acalantar. Os olhos fechados, a boca colada à pele materna, Cascudo parecia ter vindo à hora exata de apreciar em silêncio seu primeiro crepúsculo. Posteriormente, passaria a colecioná-los. Por enquanto, limitava sua visão a um breu infindo de quem nunca deixou que as próprias pupilas fossem tocadas pelo mundo. Mundo que ele viria a conhecer e explorar com seu espírito curioso e sedento pelo saber, mas que ainda estava escondido acariciando suas pálpebras cerradas.

A noite já se fazia alta e, possivelmente, o Boitáta passeava pelas florestas. Incandescente, enxergava pelo menino Cascudo e, dentro de alguns anos, teria essa gentileza retribuída em forma de reconhecimento pelo futuro folclorista. Responsável pela publicação do livro *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Câmara Cascudo demonstrou interesse singular pelo povo brasileiro e por sua cultura, atribuindo-lhes valor único. Tais elementos, complementares entre si, recebiam a atenção jornalística do escritor, que observava o cotidiano e o registrava, buscando traços que caracterizassem a identidade nacional.

Desde pequeno, dedicava-se aos livros e à contemplação da normalidade. Vítima de uma infância marcada pela doença e pelo pouco vigor físico, o pequeno Luís não podia correr nem pular e lançava-se ao universo da imaginação. Longe de suas limitações, abraçava tradições e histórias. Descobria-se, então, irrestrito. O bicho-papão poderia até rondá-lo, mas é improvável que um dia viesse a lhe fazer qualquer mal. Cascudo sabia conquistar a todos e nem um monstro ou assombração poderia resistir a seus galanteios, ainda mais se tratando de um dos mais conhecidos de sua tão adorada cultura popular brasileira.

Já homem feito, associando seu carisma à sua notória capacidade intelectual, teve importantes e renomados amigos. Dentre eles, destaca-se Mário de Andrade, escritor modernista que viria a influenciar e ser influenciado por Câmara Cascudo. Ainda à época do movimento modernista no país, conheceu Menotti del Picchia e serviu de elo entre São Paulo e o Rio Grande do Norte na disseminação das ideias recentemente apresentadas à sociedade paulista.

Atento às mais sutis manifestações culturais, fosse pela fala ou pelos gestos, e conhecido por seu perfil de “provinciano incurável”, o “Mestre Cascudo” lançou as bases do que o antropólogo José Reginaldo Santos Gonçalves denomina *antropologia nativa* e desenvolveu uma obra de personalidade marcante. Sua universidade não precisava de muros, parecia ser ele próprio um centro acadêmico. Levava dentro de si todo o material necessário à sua produção e poderia fazer da mesa de um bar o escritório perfeito para estudar costumes. O Cascudo boêmio, homem simples de charuto nos lábios, ia logo se confundindo e se misturando ao ícone sagrado das letras.

Autor de mais de 160 livros, teve seu trabalho aclamado por diversos prêmios, como o Grande Prêmio Machado de Assis e o Prêmio Nacional de Cultura de 1970. Em 1977, recebeu o troféu Juca Pato de Intelectual do Ano. Com isso, pela primeira vez, a União Brasileira de Escritores saiu de São Paulo para entregar essa premiação ao vencedor, devido à situação de saúde de Câmara Cascudo no período. O evento, neste contexto, ganhou grande repercussão e atraiu intelectuais de vários pontos do Brasil, reafirmando a relevância de seu nome a nível nacional e internacional.

Por onde passava, Luís da Câmara Cascudo deixava seu rastro, cultivando respeito e admiração nos que com ele conviviam. Se era boto ou não, restaria à sua esposa Dahlia Freire Cascudo responder. “Eu era uma menina, quase uma menina moça, adolescente, propriamente dita, mas me atraí por ele, em grande parte pelos lindos olhos verdes que ele tinha”, relata. Jovem bonito e bem vestido, conforme descreve Dahlia em depoimento disponível no site *Memória Viva*, o próprio Cascudo poderia ser associado a um personagem folclórico pelo imaginário popular e, provavelmente, teria prazer em estudar as elucidações feitas a seu respeito. Seja qual for o motivo

que garantiu a ele o coração de sua esposa, acabou descrevendo o amor como um estímulo e disse ter conhecido a diversidade dos amores ao longo da vida.

Além de sua companheira e de sua família, uma das maiores paixões da existência cascudiana foi, sem dúvidas, Natal. Tamanhas eram sua adoração e valorização do local de origem que escreveu: “O homem é a cidade em que nasce. O povo da minha cidade foi a minha curiosidade inicial, a pesquisa do repórter, a análise do estudioso. O povo na convivência termina sendo a grande família anônima, da qual nós vivemos. Por isso, eu acredito aos oitenta anos, que quem não tiver debaixo dos pés da alma, a areia de sua terra, não resiste aos atritos da sua viagem na vida, acaba incolor, inodoro e insípido, parecido com todos”. Sua fala, assim, demonstra evidente exaltação ao que há de coletivo e comum aos membros de uma sociedade, o que diferencia e individualiza uma região ou nação perante as demais. Enaltece, portanto, a identidade de um povo e, conforme exposto previamente, contribui para a formação e o estudo dessa identidade.

Ao lado de intelectuais como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, Cascudo integra sua obra a uma fase de construção da identidade nacional, que ganha força a partir do final do século XIX, com a Proclamação da República em 1889 e a consequente necessidade de novos símbolos patrióticos que legitimassem o regime instaurado. Na busca por raízes e particularidades que pudessem representar o povo brasileiro em sua totalidade, explora a história brasileira e seus desdobramentos, percebidos nos costumes e expressões da população a ele contemporânea.

Com relação a sua própria história, Cascudo, apelido do avô paterno, foi sobrenome que surgiu sem família que o precedesse, tendo sido adotado primeiramente pelo pai de Luís. Por se referir ao conservadorismo obstinado do avô, poderia ser dito que a denominação nada tinha a ver com nosso folclorista de influências tão marcadamente modernas. Luís da Câmara Cascudo lembrava muito mais o peixe cascudo, bichinho dócil de pele grossa, habitante de água doce, conhecido por limpar aquários. Era homem pacífico de alma forte, fazia de tudo doce e era conhecido por tirar a poeira de estórias. Cascudo também era Luís, era guerreiro glorioso, fazendo

jus a seu nome. Em um Brasil de cultura ainda em formação e de academicismo ainda precário, era intelectual e autodidata, pesquisava, catalogava e publicava. Cascudo era Luís, era conhecimento, era luz.

No dia 30 de julho de 1986, Câmara Cascudo se une à eternidade, despedindo-se de seu corpo já desgastado. Abandona, sob a forma de legado, tudo o que produziu e se deixa seduzir pelo canto irresistível de uma Iara que paira no céu. Cascudo, peixe de água doce, conhecido por limpar aquários, lança-se ao ar e troca a segurança do rio por sua imortalidade. Rende-se à personagem folclórica que o esperava para um último e breve estudo. Em contato com a atmosfera, seus pulmões se fecham em suspiro de vida longa e ele aguarda o seio quente da sereia para lhe acalantar. Então, rodopia e se espalha em cores avermelhadas de crepúsculo infindo. Afinal, Luís era Cascudo e era conhecimento, mas também era luz.

\*Trabalho vencedor do Prêmio “O Fundador”/2014, promovido pela Academia Norte-riograndense de Letras em convênio com o Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo.

\*\***Victória Rincon** é aluna do CEI.

## Anna e eu

*Sônia Maria Fernandes Faustino*

**A**pós a missa de sétimo dia pelo encantamento de Ana Maria encontro o nosso confrade Manoel Onofre Júnior que me solicita um texto para a revista da ANRL.

Mesmo tendo vários trabalhos engavetados, resolvo, diante deste “mar sem fim”, compor uma narrativa sobre os inúmeros momentos vivenciados ao lado da minha imortal amiga...

Não me recordo como se deu o nosso primeiro encontro. Sei bem que foi nos anos sessenta. À época já exercíamos funções na área jurídica. Mesmo como estudante do curso de direito, atuava como adjunto de promotor, nos meses de férias do titular, na comarca de Pau dos Ferros.

Na década seguinte já éramos amigas, quando fui entrevistada no seu programa semanal da TV Universitária, nominado, salvo engano, A outra face. Anna fez questão de exibir minhas telas a óleo que compunham a mostra individual na galeria Vila Flor do nosso saudoso Augusto S. Neto... Era também a face de Anna promovendo as mulheres da sua Natal, muitas vezes apequenadas pela vaidade dos que se acreditam “ídeos”.

A nossa convergência se fazia sentir através da vontade que tínhamos de promover o trabalho do então chamado “Segundo Sexo”; éramos feministas sem comungar com a simbólica queima dos su-tiás. O campo de atuação de Anna era o jornal e a televisão; o meu, além da sala de aula se estendia aos clubes de mães e centros comunitários, incluindo uma experiência jornalística como redatora-chefe da página feminina do jornal Tribuna do Norte, com a logomarca desenhada pelo artista plástico Carlos José, intitulada: “Mulher, para homens e mulheres que pensam”.

Nos aniversários das crianças de Anna Maria a meninada se divertia com os atores populares, ao mesmo tempo em que se deliciava com o caldo de cana e pão doce servidos na casa número um da nossa cidade. Mas, o ponto alto da festa, não era o parabéns a você,

com direito a lancheira e bolo confeitado, e sim a fila que era organizada para que cada criança tomasse a bênção ao avô de Daliana, Newtinho e Camila, o qual sentado em sua cadeira de balanço, entre uma baforada e outra de charuto, muito se divertia abençoando, um a um, os amiguinhos dos seus netos.

Festivo era também o ritual do “beija mão” no dia trinta de dezembro, onde pelas escadas do casarão subiam e desciam pessoas para os cumprimentos ao ilustre aniversariante. Este, da sacada, ao lado de autoridades locais assistia as apresentações dos diversos grupos folclóricos que, da avenida, reverenciavam o mestre Cascudo. Enquanto circulando, pelos salões, o meu pensamento delineava uma festa em Donnafrugata, em companhia de Lampedusa...

Já que estou falando de festas da vida privada, relembro o casamento de Daliana, em uma manhã de sol, na ala externa da reitoria, no novo campus universitário. Com o serviço de um consagrado buffet de Natal, a mãe da noiva ofereceu uma recepção aos amigos íntimos da família. Sugeri à minha colega da Escola Doméstica C. Santa Rosa, que incluísse meninas moças vestidas de camponesas, com floridas cestas servindo docinhos e salgadinhos... e assim, as filhas de Sônia, Celina e Terezinha, entre outras, foram bem treinadas, como havíamos aprendido na ED.

Não conto as vezes em que recebi Anna Maria no aeroporto de Brasília, para hospedá-la em nosso apartamento funcional da SQN 302. Era comum participarmos de recepções do mundo oficial, em companhia de João Faustino. Ela não perdia a oportunidade de levar livros do consagrado pai, para entregá-los em mãos, aos homenageados da ocasião.

O evento de “entronização” em nosso apartamento, de um Espírito Santo que nos foi presenteado pelo casal Camilo Barreto, teve a nossa amiga do conselho de cultura, Zilda Lopes como testemunha.

Ao falar sobre o casal, foi em nosso apartamento que em companhia dos amigos Zélia e Getúlio Madruga, soubemos do diagnóstico (aterrador) sobre a doença de Camilo. Estávamos reunidos para uma ceia nordestina.

Mas, “para não dizer que não falei de flores”, relembro a divertida viagem às cidades oestanas, com pernoite em Portalegre. Uma comitiva formada pelos casais Camilo, João, os irmãos Carlos e Paulo Dutra, além dos amigos Cléa e Figueiró, do Mato Grosso do Sul. O nosso destino era a cidade de Pau dos Ferros, onde a minha confreira da Academia de Letras, seria a oradora oficial na inauguração do “busto” em bronze de Lindalva Torquato Fernandes, minha mãe e amiga sincera de Anna Maria Cascudo Barreto.

Natal, verão de 2015.

**Sônia Maria Fernandes Faustino** é professora e escritora, ocupa a cadeira N° 24 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# Homenagem a Anna Maria Cascudo Barreto

*Ivan Maciel de Andrade*

Como é possível explicar que alguém consiga construir sozinho, à base de muito talento, é verdade, mas sobretudo de determinação e obstinação – numa cidade em que (ainda hoje) há pouco ou quase nenhum interesse por atividades culturais – uma espécie de microcosmo adequado à realização de um amplo, ambicioso, exigente, sólido, inovador, apaixonante projeto nos campos da literatura e das ciências sociais? É inacreditável o que Câmara Cascudo conseguiu realizar sem perder a sua condição de “incurável provinciano”: sua vida transcorreu, por inabalável decisão dele próprio, sempre em Natal, ignorado por muitos, desdenhado por outros e admirado por um extenso grupo de amigos que, em sua maioria -- constatação incômoda, irreverente e até mesmo dolorosa --, talvez não estivessem sequer à altura de perceber e dimensionar o seu verdadeiro valor.

Aqui, ele adquiriu conhecimentos que o tornaram comparável, concreta e não metafóricamente, a um sábio renascentista. Aqui, ele produziu um conjunto de obras de pesquisa, análise e interpretação da realidade brasileira de elevado grau de criatividade e densidade cultural. Poucos escritores brasileiros (Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda?) produziram tantas e tão importantes contribuições voltadas para o conhecimento do homem e da sociedade de nosso país. Tudo isso ele fez na condição de um cidadão simples, sem privilégios de fortuna ou poder, tendo que trabalhar para manter a família e ausentando-se de Natal apenas por curtos períodos, a serviço de seus projetos intelectuais. Gilberto Freyre teve uma requintada formação acadêmica nos Estados Unidos. Sérgio Buarque da mesma forma, principalmente na Alemanha. Toda a formação cultural de Cascudo, da aprendizagem de idiomas (compreendendo grego e latim) ao domínio que adquiriu sobre ciências em geral e literatura de todas as épocas e partes do mundo, é fruto de um esforço isolado, paciente e contínuo, que teve como único e invariável cenário o es-

paço físico e emocional do casarão da Junqueira Ayres.

Zila Mamede, em sua introdução à “bibliografia anotada” que documenta, analiticamente, 50 anos de produção intelectual de Câmara Cascudo (três compactos volumes), ressalta algo que é realmente impressionante no “fenômeno” Câmara Cascudo: ele provou que é possível escrever obras que revelam não só “indagação de campo” como a mais ampla erudição numa “cidade nordestina sem bibliotecas” e cujas preocupações dominantes são a política e o futebol. Nessas obras, como constata Américo de Oliveira Costa (“Viagem ao universo de Câmara Cascudo”), “há o historiador, o etnógrafo, o folclorista, o antropologista, o sociólogo, o ensaísta, o jornalista, o tradutor-comentador, o memorialista, o cronista, (e até) um indigitado e insólito romancista de costumes... animais (de genial originalidade)”.

Anna Maria Cascudo Barreto nos introduziu, com sensibilidade e generosidade de aliciante anfitriã, no cotidiano da vida doméstica de seu pai, falando de “seus pratos favoritos”, de suas preferências por autores, livros, músicas, filmes; de seu estilo de trabalho; de seus interesses pela política e políticos; de seu amor pela família e pela cidade de Natal; de sua afeição não só pelos amigos daqui, que recebia sem formalismos ou cerimônias, como de todo o Brasil (os grandes nomes da “intelligentsia” nacional) e, mesmo, de países de quase todo o mundo (cientistas e escritores), com quem se correspondia. Realmente, ela tem razão: “‘O Colecionador de Crepúsculos’ é um livro singular na medida em que só poderia ser escrito pela única filha de Cascudo”. Maior elogio que se pode fazer ao livro: o homem espantoso e intelectualmente surpreendente que foi Câmara Cascudo emerge do livro na plenitude de sua grandeza humana. O que é ainda mais ressaltado pelo tom coloquial, de conversa descontraída, que Anna Maria soube imprimir a essa comovente homenagem de filha/fã.

**Ivan Maciel de Andrade** é Procurador aposentado, ex-Consultor Geral do Estado, e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

## O adeus e a saudade

*Jurandy Navarro*

**D**e espírito aberto à vida. Expansiva, de palavra fácil e voz audível. Não era afeita ao silêncio das meditações. A consciência, liberta de algemas convencionais, alma irrequieta, cujo cálice da emoção transbordava, no entusiasmo das orações acadêmicas. O temperamento, sujeito às oscilações do raciocínio rápido e conclusivo.

Por vezes, o irrequieto espírito, de que era possuidora, infringia formalidades.

Escritora memorialista, elegeu o legado do genitor para enaltecê-lo e perpetuar-lhe a grandeza da personalidade. Preocupava-a, também, a literatura feminina. Vários, os livros a ela dedicados, louvando o seu valor, em nossa terra, incluindo o da nacionalidade pátria. Em páginas saudosas, evocou antepassados.

Igualmente a todos os interessados pelos assuntos da inteligência, vizualizava o extraordinário da vida, qual seja, ter curiosidade por seus segredos e mistérios, na tentativa de decifrá-los, qual oráculo, sabendo que, na sua maioria, fossem indecifráveis, no fértil campo da literatura clássica e folclórica, esta última, tecida pelos costumes populares, como é do conhecimento geral.

O adeus de Anna Maria Cascudo Barreto, deixou saudade.

O seu combate, sempre aceso, e a ousada perseverança em tudo que empreendia, fizeram-na uma vitoriosa da linha de frente, provando, assim, que, sem a luta diária, o final triunfo pertencerá ao fracasso dos inoperantes.

Fonte: Instituto Ludovicus



A investidura na classe jurídica e a sua episódica ação no colunismo social, da nossa imprensa escrita e falada, foi complementada pela posterior participação no meio cultural.

Este, o trinômio vivencial da sua laboriosa atuação em nossa sociedade. A sua fase adulta foi preenchida pelo exercício da Promotoria de Justiça e, depois, promovida à Procuradora, anteriormente à sua aposentadoria. Em seguida, a passageira trajetória em jornais e rádios, e, por fim, alcançando o coroamento simbólico já na “melhor idade”, conferido por três Academias: a de Letras, a Feminina e a Jurídica, o Instituto Histórico e outras Instituições, entre as quais, algumas como sócia correspondente.

Sabe-se que a doutrina platônica, dividiu a alma em três partes distintas: Razão, Paixão e Desejo.

Ciente disto, Anna Maria aplicou, em sua pessoa, tal distinção.

A parte destinada à Razão, ela a usou no preparo da sua vida, aprimorando-a ética e intelectualmente. No tocante à Paixão, ela o fez em relação à sua Família, organizada em dois consórcios matrimoniais, instruindo-a e educando-a.

E, por fim, a parcela concernente ao Desejo, ela escolheu o lazer cultural, coroamento de uma existência entregue, dentro do possível, a realizações de caráter nobilitante.

Desempenhou bem o seu papel, na peça teatral do mundo em que vivemos. Na travessia do oceano do tempo, ela o fez com equilíbrio possível, aprumando as velas brancas da sua Caravela, contornando a oscilação dos ventos.

A perda do primeiro marido, Newton, ainda na flor da juventude, não perturbou-lhe o entendimento psicológico. Anos depois, veio-lhe o segundo golpe do destino, retirando-lhe o segundo pai de seus filhos, Camilo.

Inobstante, cobrir-lhe a frente, o negro véu da tristeza, consegue ela superar a medonha circunstância, equilibrando, mais uma vez, com destemor, o comportamento vivencial.

De cerviz erguida, prosseguiu na sua caminhada de anos, frequentando, assiduamente, as atividades culturais, encontros sociais, cultos religiosos, os mais diversos e demais programações.

Nada impediu a perpetuidade do florescimento e da felicidade da sua vida!

O seu zelo na perpetuação da memória do genitor, fez dela a idealizadora do LUDOVICUS – Instituto “Câmara Cascudo”, cuja organização foi partilhada pela filha Daliana, há longos anos, dirigente do Memorial “Câmara Cascudo”, da Fundação José Augusto e especialista, das mais competentes, na área de Museus. Ela será a legítima continuadora do grandioso e importante projeto cultural.

Luis da Câmara Cascudo fôra, em vida, uma espécie de “biblioteca ambulante”, dito secular atribuído a Rui Barbosa, o conhecido “Águia de Haia”.

Disponível a todos que o cercavam, e de modo especial à diletta filha, que, quando viúva, pela vez primeira, ficou ao seu lado, e nos iniciais anos do segundo casamento.

Habitava, Anna, a atmosfera de uma verdadeira sala de aula e tertúlias intelectuais, cujo docente era mestre consumado em humanismo. Recebia, por osmose, por assim dizer, ensinamentos advindos do permanente contato, irradiados de múltipla erudição.

Por aqueles dias, Câmara Cascudo já era considerado uma das referências intelectuais brasileiras. A exemplo de museus internacionais, exibidores de máscaras funerárias de vultos mundiais, a dele faz parte do acervo, rico acervo, do nosso Instituto Histórico. Quando da minha passagem pela presidência do Instituto, tive o grato ensejo de prestar-lhe tributo de justiça, homenageando-o, dando seu nome ao Salão Nobre daquela instituição, em placa fixada, à posteridade.

Homenagem merecida a quem, inteligentemente, denominou aquela entidade histórica de “Casa da Memória”, tendo sido, por longo tempo, o seu orador oficial.

Anna Maria foi, em vida, uma cidadã genuinamente urbana. Sua permanência existencial ela passou na “Cidade do Sol”, a esplendorosa Natal! Daí, o seu fácil triunfo, na órbita do bacharelismo jurídico e da cultura em geral.

Possuidor de lógica, o pensar do historiador Hendrik Van Loon, quando afirma que “o ar da cidade respira a liberdade”, figurando como dito popular da Idade Média.

Diz ele que a cidade propicia as artes, as ciências, a escrita, a literatura, teatro, biblioteca, etc., enquanto a região agrícola limita o aprendizado, por falta de espaço cultural.

Em síntese, o ambiente é formador de individualidades cultas. O cidadão urbano tem os recursos da modernidade evolutiva, onde pode desencadear, melhormente, a energia intelectual.

Anna Maria, além de se utilizar dessa atmosfera favorável, adicionou a isso a convivência do pai genial, sendo, nesse aspecto uma escritora privilegiada.

A ambiência é a definidora do destino humano na esfera do desenvolvimento civilizatório. O Santo Evangelho fala na “semente lançada em terra boa”. A planta tem seus tropismos, a água lava as suas raízes e as folhagens iluminadas pelo sol.

Germinada em terra fértil, a planta dá bons frutos.

A personalidade da nossa homenageada, foi, também, semeada em ambiente espiritualmente sadio, preparado pelo coração amável da sua mãe, D. Dália.

Anna Maria Cascudo Barreto teve, com a graça celeste, existência utilíssima, tornando realidade os sonhos acalentados na mocidade. Esposa por duas vezes, genitora de filhos inteligentes e educados: Daliana, Newton e Camila. Deixa um legado rico de ternura e amor.

Mãe de méritos múltiplos!

Já foi anunciado que os Sinos da Igreja, ao repicarem, têm o poder de acordar os mortos. O mesmo se dá à publicação dos imortais escritores falecidos. A leitura de suas obras os torna redivivos, despertando-os do sono profundo.

Assim, reviverá o espírito de Anna Maria, toda vez que for lida uma página do livro Saudade.

**Jurandy Navarro** é escritor, autor de vários ensaios, organizou a antologia do Padre Monte, entre outras. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ocupante da cadeira nº 28.

## Capataz dos mistérios circundantes

*Valério Mesquita*

**É** assim como consigo definir o amigo que se encantou: Pedro Simões Neto. Ele foi “o pássaro azul” de Maurice Maeterlinck que dizia “nós só morremos, de fato, quando somos esquecidos”. A minha amizade com Pedro nasceu nas manhãs de ressurreição dos idos de cinquenta quando ingressamos no Colégio Marista: primário, ginásial, secundário, até a Faculdade de Direito, direto depois para as lutas da vida. Atravessou as fases do tempo, como advogado, professor de Direito, escritor, jornalista, pensador e acima de tudo, como ceará-mirinese de corpo e alma. Ele foi tanto Ceará-Mirim ao ponto de assemelhar-se a Leon Tolstoi quando afirmou: “se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia”. Falar sobre ele a literatura emerge de todas as variáveis da condição humana. Porque Pedro sabia captar as verdades que se ocultavam por detrás do funcionamento da sociedade de sua época.

Fomos missivistas e nativistas incorrigíveis. Fazíamos de Ceará-Mirim e Macaíba, irmãos siamesas. Numa de suas notáveis epístolas telúricas, confidenciou-me que ia sempre a sua “Quinta dos Pirilampos”, paraíso incrustado em Tabatinga, área rural, território macaibense. E em sua viagem de circunavegação polar, além da ponte de Igapó, proveniente de Ceará-Mirim, dizia-me na narrativa, que “apesar de todos os perigos, sentia-se tentado a seguir pela estrada que leva à ponte das lavadeiras, à curva da morte, ao peixe-boi, pelos Guarapes, até chegar a Mangabeira, só para evocar o tempo de menino dos anos cinquenta”. Pedro Simões foi excelente cronista, memorialista e ficcionista nato.

Tudo estava dentro dele. A percepção da beleza de Ceará-Mirim e o encantamento do seu vale, de sua história, como junção amálgama e simbiose entre o ver e o querer, o desejar e o fazer, o sonhar e o buscar, o nascer e o renascer. Como Pedro aplacava a indignação dos maus que o afligia? Como ele deflagrava um renascer permanente de esperanças em torno de sua terra? Eu percebia nele

uma perfeita sintonia de escritor com a vida e a beleza. Acreditava, como o apóstolo Paulo, que o sofrimento engrandece o homem. Foi um idealista na forma, no conteúdo e no proceder porque universalizava os seus temas, nascidos na província, entre os simples. A Academia Ceará-Mirinense de Letras e Artes, da qual é fundador, imprimiu nova dimensão e estatura cultural ao município de tantas tradições. Pedro a criou para Ceará-Mirim ascender, sempre, avançar um percurso sem fim.

A instituição transformou-se no seu legado, transferido às novas gerações, não obstante, os contrastes e as heterogeneidades da vida social e política. Ela se consagra pelo homem e para o homem. Revela a humanidade ontem, hoje e sempre do Ceará-Mirim. Pedro trazia dentro de si, vivo, a alma do seu tempo; os sonhos, os encantos e desencantos, as paixões telúricas e atávicas, as crenças, os valores e compromissos. Na sua literatura, entre a realidade e a ficção, muitas vezes fazia-me lembrar Gustave Flaubert ante a estupefação da sociedade francesa da sua época, com as aventuras e desventuras de Madame Bovary, desvendou o mistério: “Madame Bovary sou eu”. Nos seus voos literários em busca de decifrar enigmas, ele reafirmou a sua vocação literária com um estilo articulado, conciso e moderno. O nome de Pedro Simões Neto está chantado na província submersa do Ceará-Mirim, porque foi memória, presente e futuro

**Valério Mesquita** é escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

## Um gramático que sabia escrever

*Manoel Onofre Jr.*

O nome sonante parecia não se ajustar à discreta figura de Ascendino Henriques de Almeida Júnior.

Intelectual respeitado além das divisas estadu-ais, era um tipo fora de série. Simples, modesto, nunca ostentou as suas melhores qualidades, inclusive os seus dons intelectuais. Distinguiu-se, no entanto, nas três variantes de sua vocação: a odontologia, o magistério e as letras.

Nascido em Catolé do Rocha (PB), a 25 de fevereiro de 1915, mudou-se, ainda menino, para Patu (RN), em companhia dos seus pais adotivos, e aí viveu a infância.

Estudou no tradicional Colégio Diocesano Santa Luzia, de Mossoró, vindo a terminar o curso secundário no Atheneu, de Natal. Formado pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, Ascendino exerceu o ofício de cirurgião-dentista em várias cidades do Rio Grande do Norte, em Belo Horizonte e São Paulo.

Casou-se bem moço, com D. Maria do Carmo Marques de Almeida, que lhe deu três filhas.

Voltando-se para o estudo do idioma pátrio, Ascendino resolveu abandonar o consultório, para dedicar-se ao magistério e às letras. Durante muitos anos, lecionou Português no Colégio Estadual do Atheneu e noutros educandários de Natal, e foi, também, Professor da Faculdade de Odontologia e Farmácia de Natal (Cadeira de Patologia e Terapêutica Aplicadas).

Paralelamente a estas atividades, Ascendino exerceu, por algum tempo, o cargo de Secretário de Educação do Município de Natal.

Dos seus estudos filológicos resultaram três livros de inquestionável importância: “Português para o Vestibular”, “Gramática da Língua Portuguesa” e “Gramática Funcional”, esta em colaboração com sua filha, a Professora Vera Lúcia Marques de Almeida, e desti-

nada ao ensino da língua nacional na escola primária.

Mas, afóra as obras didáticas, Ascendino escreveu “Pensamento em Férias” (Natal: Imprensa Universitária – UFRN, 1967), seleção de crônicas e artigos, alguns destes já publicados em jornais de Natal.

No meu livro “Salvados” (2ª. ed.) expressei-me a propósito de sua obra literária, nos seguintes termos:

Costuma-se dizer que o gramático conhece as regras do escrever bem, todavia, não sabe escrever. Se é verdade, não vale generalizar. Excetuam-se alguns gramáticos, dentre estes, sem dúvidas, Ascendino de Almeida.

Ainda não tive oportunidade de ler o seu livro – “Pensamento em Férias”, há muito esgotado, no qual encontra-se, com certeza, o escritor, o artista da palavra. Mas, li, atentamente, um texto autobiográfico e vários ensaios de sua autoria, publicados na Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, através dos quais pude constatar que Ascendino, apesar de gramático, escrevia bem.

Prosador fluente, embora nada prolífico, Ascendino também fez versos, mais precisamente, trovas, sem que conseguisse a mesma excelência demonstrada na prosa. De qualquer modo, deixou a sua contribuição válida para essa modalidade de poesia breve e lúdica. É bem possível que a encarasse como simples divertimento.

Toda a sua energia intelectual canalizava-se para a prosa e, de modo especial, para a filologia. É como filólogo que ele se distingue na história da inteligência, no Rio Grande do Norte e no Brasil.

Ascendino Henriques de Almeida Júnior faleceu em Natal, no dia 11 de novembro de 1989.

Tive a honra de sucedê-lo na cadeira nº 5 da Academia Norte-rio-grandense de Letras. E é com alegria que lhe rendo homenagem pelo transcurso do centenário de seu nascimento.

**Manoel Onofre Jr.** é escritor, autor de *Chão dos Simples*, *Ficcionistas Potiguares* e outros livros, ocupante da cadeira nº 5 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# Orlando Dantas e Edgar Barbosa

*Jiciano Duarte*

No dia 11 de fevereiro de 1896 nascia em Ceará-Mirim, o jornalista Orlando Ribeiro Dantas, um dos mais famosos e prestigiados do jornalismo brasileiro. Fundador e proprietário do jornal “Diário de Notícias”, que circulava no Rio de Janeiro, que foi sem dúvida o órgão mais importante da imprensa carioca, no século passado.

Orlando tem uma história que orgulha o nosso Estado e o nosso povo. Sua carreira profissional, por outro lado, garante-lhe um lugar honrado na luta para conseguir espaço na mídia nacional, pela coerência de princípios, pela respeitabilidade, tivesse do lado do governo ou da oposição, (onde permaneceu por mais tempo), defendendo as causas mais nobres dos movimentos políticos e revolucionários, desde o tempo da Aliança Liberal, em 30, à revolução constitucionalista de 32; ao combate ao Estado Novo e à batalha pela volta do estado de direito, em 1945, com a queda de Getúlio Vargas.

Em 1948, por relevantes serviços prestados ao jornalismo, recebeu das mãos do general Dwight Eisenhower, reitor da Universidade de Colúmbia e futuro presidente dos Estados Unidos, o prêmio Maria Moors Cabot, um dos mais importantes do continente americano.

Foi deputado federal pelo estado de Sergipe, na legenda do Partido Socialista, quando essa agremiação tinha em seus quadros nomes como, Pelópidas Silveira, Rafael Correa de Oliveira. Osório Borba, Hermes Lima, Evandro Lins e Silva e tantos outros autênticos militantes da esquerda brasileira. Teve atuação brilhante na Câmara dos Deputados, tendo sido um dos baluartes, naquela Casa, na luta pela implantação do monopólio estatal do petróleo que redundou na criação da Petrobras, em 1953, através da lei 2004, sancionada por Getúlio Vargas. Faleceu no exercício do mandato parlamentar, no mesmo ano da vitória do pleito nacionalista.

Não conheço nenhuma homenagem do Rio Grande do Norte ao seu ilustre filho, ao homem de imprensa que combateu a ditadura getuliana, negando-se, como é fato público e notório, de acatar a tentativa de suborno ao seu jornal, para silenciar sobre uma licitação fraudulenta do governo com o empresário Peixoto de Castro, que ganhara a concessão para administrar e explorar a Loteria Federal, e outros episódios históricos de ameaças ao exercício da liberdade de imprensa.

Outro ceará-mirinese ilustre que completa o seu aniversário de nascimento, no próximo dia 15, é o jornalista e escritor, Edgar Barbosa. Magistrado, professor, humanista, “historiador do nosso civismo”, como disse José Augusto Bezerra de Medeiros, no prefácio do seu livro, “História de uma campanha”, que relata a luta política que dividiu o Rio Grande do Norte, dentro de um cenário que incendiou paixões entre perrés e maristas (pelabuchos), o “Suetônio” dos dias gloriosos de luta no jornal “A Razão”, órgão de oposição ao governo de Mário Câmara.

O Edgar Barbosa estilista consagrado na província, sempre convidado para exercitar seu talento no sul do país, vocação iniciada ainda aos 18 anos, nas colunas de “A República” ao lado de Otacílio Alecrim, Luis da Câmara Cascudo, Cristóvão Dantas, Aduino Câmara, João Maria Furtado, Nilo Pereira, entre outros.

Aliás, Nilo Pereira, seu grande amigo de infância, no Vale do Ceará-Mirim, afirmava que o texto de Edgar tinha musicalidade. A frase sonora. No seu livro “Imagens do Ceará-Mirim”, segundo Nilo, Edgar evoca sua terra, “traz a paisagem, a cena, o colorido”. Para o grande jornalista também ceará-mirinese (sua lição é de muita atualidade), o verdadeiro dom do estilista “é tratar bem o substantivo, sempre sujeito à tirania do adjetivo que irrompe bravo como uma fera, em certos autores”.

O Rio Grande do Norte também deve uma grande homenagem a Edgar Barbosa. A última vez que o vi, foi em 1975, quando recebeu do governo do Estado, com outras personalidades, a medalha “Alberto Maranhão”, discursando em nome de todos os agraciados. Sua palavra bonita foi publicada no órgão oficial do Estado “A República”: “Quanto ao portador do agradecimento, cumpre-lhe

agora espelhar-se na sabedoria daquela estrofe camoniana - melhor é merecê-los sem os ter, que possuí-los sem os merecer”.

Tribuna do Norte, 04/02/2015.

**Ticiano Duarte** é jornalista e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# Um índio potiguar: Enélio Lima Petrovich (1934 - 2012)

*Melquíades Pinto Paiva*

**N**asceu e morreu em Natal (RN), em 13 de junho de 1934 e 06 de janeiro de 2012. Eis o espaço mais costumeiro e o tempo da preciosa vida de Enélio Lima Petrovich.

Este meu velho e querido amigo completou 77 anos de vida muito bem vivida, sempre voltado para os interesses da terra e do povo potiguares.

Olhando-o na perspectiva da sua memória, recordo o levante dos índios do Açu, nos idos de 1662, indomáveis defensores de sua terra e cultura.

Esta lembrança está associada ao permanecer terreno do escritor/historiador Enélio Lima Petrovich, produzindo livros da melhor qualidade, entrincheirado no centenário Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do qual foi o presidente-perpétuo. Combatente indormido em defesa de ideais telúricos, sem o cansaço apressado de muitos outros, sempre a favor do chão nativo e gente que o habita.

Com certeza, não foi fácil o viver do meu amigo, desprendido e dedicado à sua valorosa instituição, sem a busca de dinheiro que corrompe sonhos elevados e não deixa juntar amigos, conhecimentos e tantos saberes. Foi um modelo do ser intelectual, sem preocupações que o tirassem do caminho que vinha trilhando, na missão de elevar o mais possível, o velho Rio Grande do Norte.

Tive a honra do acesso ao quadro de sócios correspondentes do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte pelas mãos do amigo, título que muito prezo e procuro enaltecer. Recordo as alegrias do anoitecer de 22 de agosto de 2003, quando recebi de

Enélio Lima Petrovich o diploma que enriquece o meu trajeto intelectual.

Naquela ocasião, procurei relembrar pessoas e feitos da vida que me prendem à terra potiguar. Tudo de pouca valia, caso não contasse com a boa vontade do amigo agora louvado.

Esta é uma homenagem póstuma merecida, decorrente dos longos anos de firme amizade e mútuo respeito. Descanse em paz, velho guerreiro!

**Melquíades Pinto Paiva.** Professor, cientista e escritor cearense radicado no Rio de Janeiro.

## De que vivem hoje os nossos escritores (uma breve reflexão)

*Nelson Patriota*

**N**um país onde ainda se lê tão pouco, de que vivem tantos escritores hoje em plena atividade país afora, levando em conta o número e o tamanho das livrarias, sem falar nos eventos literários gigantescos, como as bienais, feiras de livros, ciclos de debates, revistas e programas midiáticos especializados?

Para esclarecer essa perplexidade, o também escritor Santiago Nazarin, da Folha de S. Paulo, publicou matéria no dia 27 de dezembro passado na “Ilustrada” onde procura resposta para essa pergunta intrigante, lembrando em suas primeiras linhas o grande paradoxo que é viver da escrita num país onde pouco se lê.

A primeira descoberta que faz Nazarin é a de que é realmente expressivo o quantitativo de autores trabalhando hoje no Brasil, e nada parece indicar, a curto prazo, que essa realidade vá sofrer alterações significativas em contrário.

Uma segunda constatação é de que não existe, ainda assim, uma ligação direta entre escrever e viver da venda de livros. Vive-se, é verdade, da escrita, não do livro. A exceção, entre os cinquenta autores investigados, é um grupo de três autores, enquanto os quarenta e sete restantes se ancoram em atividades diversas – oficinas literárias, renda familiar, palestras, jornalismo, tradução, atividades acadêmicas, outra profissão (funcionário público, empresário etc.), prêmios literários, dentre outras.

Outro dado que ajuda a entender as mudanças verificadas no meio literário: a situação do escritor melhorou para 34 dos 50 autores consultados, enquanto 11 não souberam avaliar e apenas um julgou que a situação piorou.

Prevalece, portanto, um clima otimista para a maioria dos autores, que veem na multiplicidade de atividades relacionadas à

escrita um vasto campo de possibilidades, favorecendo, de quebra, outros importantes elementos a ela vinculados: a independência, a liberdade e a autonomia do escritor.

Apesar desse cenário confiante, a grande maioria dos escritores ouvidos por Nazarin apontaram como prioridade de seu trabalho valores não contábeis: contar uma boa história, fazer boa literatura, ser lido. Salta aos olhos que tais objetivos resultam de uma pré-condição: a aceitação do trabalho desses autores, estimulando-os a se voltarem cada vez mais para o aperfeiçoamento de sua arte.

A realidade nas letras potiguaras contemporâneas apresenta pontos de coincidência, mas também facetas próprias, quando comparada à retratada por Nazarin. Por exemplo, alguns escritores nossos procedem do jornalismo, como Sanderson Negreiros, Woden Madruga, Carlos de Sousa, Tácito Costa, Jóis Alberto, Vicente Serejo, Marize Castro, Ticiano Duarte, Josimey Costa, Alderico Leandro, nós próprios, entre outros, reafirmando uma identificação já antiga entre jornalismo e literatura em nossas letras, que vem ininterruptamente desde Ferreira Itajubá e Câmara Cascudo até os nossos dias. Outros, ainda, vêm do serviço público – magistério, assessoria etc., como Tarcísio Gurgel, Francisco Ivan, Diva Cunha, Paulo de Tarso Correia de Melo, Jaumir Andrade, Iracema Macedo, Moacyr Cirne, Francisco Sobreira, Márcio de Lima Dantas.

Mas, diferentemente do que se passa na pesquisa da “Ilustrada”, a grande maioria dos nossos autores provém da área do direito, como se constata facilmente consultando os dois volumes de “Impressões Digitais”, de Thiago Gonzaga. Vejam-se, por exemplo, os nomes de Valério Mesquita, Cláudio Emerenciano, Carlos de Miranda Gomes, Diógenes da Cunha Lima, Jarbas Martins, Nei Leandro de Castro, Alexandre Abrantes, Lívio Oliveira, Carmen Vasconcelos, Manoel Onofre Jr., Aldo Lopes, François Silvestre, Eduardo Gosson, Anna Maria Cascudo Barreto, Jurandyr Navarro.

Mas nem sempre foi assim. Se voltarmos no tempo e adentrarmos o começo do século XIX, vamos deparar com a professora Nísia Floresta, nossa primeira autora, em andanças por terras europeias e sempre preocupada com questões ligadas à educação das mulheres, o indianismo, a educação dos filhos etc. Outros nomes que se destaca-

ram em nossas letras desde fins do século XIX até fins do século XX vão mostrar um caleidoscópio de profissões que dialogam e contribuem para as letras simultaneamente.

O nome incontornável é o de Luís da Câmara Cascudo, mestre nos principais segmentos que tomaram nossas letras, sempre com contribuições vultosas e marcantes. Sua origem é o jornalismo, profissão que compartilha com a poetisa do “Horto”, Auta de Souza.

O mesmo poder-se-ia dizer do poeta Ferreira Itajubá, enquanto que Esmeraldo Siqueira teve começos multifacetados: passou pelo magistério, pelo jornalismo e até pela medicina. Eloy de Souza foi um típico jornalista, apaixonado pelo lado mais desafiador dessa profissão: a investigação dos grandes problemas socioeconômicos, enquanto seu irmão Henrique Castriciano provém das lides jurídicas. Ezequiel Wanderley, por seu turno, provém da medicina, enquanto Américo de Oliveira Costa procede do magistério. Os exemplos sucedem marcados pela multiplicidade de fontes profissionais, o que reflete, a rigor, a própria dinâmica da sociedade potiguar do período. É possível se observar certa prevalência do jornalismo aí, mas nunca de forma monopolista. Outros exemplos poderão ser obtidos nos livros “400 nomes de Natal” (Prefeitura Municipal de Natal, 2000, org. Rejane Cardoso) e “Dicionário dos escritores norte-riograndenses: de Nísia Floresta à contemporaneidade” (Natal: Edunp, 2014), organizado pela professora Conceição Flores.

A modernização sofrida pela sociedade norte-riograndense a partir da virada dos anos 1950 passou a exigir maior profissionalização dos escritores. Não era mais exequível o estilo boêmio de um Bosco Lopes, de um Blecaute ou de um Milton Siqueira distribuindo poemas e exercendo a boemia como uma profissão auxiliar.

Em seu lugar, impôs-se o escritor bem-comportado, ancorado numa profissão liberal estável capaz, portanto, de garantir-lhe uma base material sólida a partir da qual pode planejar uma carreira literária.

Há claras razões sociológicas para tornar a literatura uma segunda atividade dos bacharéis e magistrados potiguares, como a estabilidade que certas funções jurídicas proporcionam aos seus ocupantes, condição importante para a criação literária.

Além disso, não se pode ignorar a crise que se abateu sobre a imprensa escrita – principal base de formação dos escritores até fins do século passado – desde o surgimento da internet, na virada dos anos 1980, fechando jornais, encolhendo outros, e disseminando o pessimismo sobre o futuro dessa profissão. Como resultado, esses fatos vêm desencorajando candidatos aos cursos de jornalismo e reorientando-os para profissões mais “rentáveis” e mais bem colocadas no campo de aspirações dos jovens. Alguns jornalistas, mesmo, estão trocando as atividades ligadas à sua profissão por outras mais estáveis e que pouco ou nada têm a ver com o exercício da palavra escrita.

Tudo somado, restam as evidências, para muitos, de que os ganhos de visibilidade e projeção social proporcionados aos intelectuais oriundos do direito e de outras áreas profissionais em ascensão poderiam sugerir que esse modelo não deva sofrer mudanças significativas nos próximos anos. Essa, porém, é uma pergunta que deixar que o próprio tempo se encarregue de responder.

**Nelson Patriota** é escritor e poeta, autor de *Uns Potiguares*, *Um equívoco de gênero* e vários outros livros. Membro (eleito) da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

## Dois novos livros de crônicas

*Thiago Gonzaga*

### Uma Garça no Asfalto

**E**ntre os variados gêneros literários que fazem sucesso de público no Brasil, a crônica com certeza tem lugar cativo. De alcance extenso, a crônica nunca sai de cena e tem como marca a informalidade, estabelecendo um diálogo direto com os leitores. Ressaltamos que uma de suas qualidades é a forma como ela estimula o exercício de um olhar mais apurado sobre o presente, uma ligação com os acontecimentos do dia a dia, tornando-se muito pertinente e dinâmica em sua mensagem.

Acabo de ler “Uma Garça no Asfalto”, livro de crônicas, que tem todos os ingredientes de uma boa obra do gênero. Este é o quarto trabalho do escritor mossoroense Clauder Arcanjo, sendo o primeiro de crônicas, que por sinal, há muito ele devia à literatura potiguar. Nos textos breves, sucintos o autor evoca lugares, personagens, e traça retratos do cotidiano. Começa de forma primorosa, agarrando o leitor logo de cara, com a primeira crônica: “Tributo a uma mãe desconhecida”, exemplo da intensidade dramática que irá confundir realidade com ficção num eficaz artifício literário. Outras crônicas nos surpreendem pelo relato de fatos cotidianos, com muita sensibilidade e poesia. Basta lermos “Carta ao meu pai”, “Carta a um amigo”, e “Crônica da melancolia”, nas quais as palavras parecem catadas para formar cada frase, e construir uma comovente história. O autor também carrega alegria e arranca-nos sorrisos em textos como “Lição de coelho”, “Meu bem-te-vi” e “O Rei David do subúrbio”.

Clauder Arcanjo consegue motivar o leitor para que este experimente da melhor forma possível os textos atemporais de “Uma Garça no Asfalto”. Nas 55 crônicas há um pouco de quase tudo: vivências, situações, questionamentos, sentimentos, comportamentos sociais, humor. A crônica de Clauder é significativa até mesmo por não possuir limites temáticos.

A crônica brasileira agradece.

## Radiola – Conversa de Música

**S**e existe um gênero literário que pode ser classificado quase que exclusivamente como de origem brasileira é a crônica. Deixando de lado o aspecto de erudição do ensaio ou a objetividade do artigo, a crônica trata de assuntos de todo dia, principalmente de fatos mais pessoais, relacionando-os a contextos característicos do nosso país, como política, futebol, carnaval e música. Não é de admirar que, no Brasil, tenhamos tantos cronistas ilustres, como Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Rachel de Queiroz, Luís Fernando Verissimo e outros grandes nomes.

No Rio Grande do Norte, na seara da crônica, há uma tradição relativamente nova, se comparada, por exemplo, à poesia. Temos excelentes cronistas - Newton Navarro, Berilo Wanderley, Dorian Jorge Freire, Manoel Onofre Jr, Vicente Serejo, Clotilde Tavares, Sanderson Negreiros e Woden Madruga. Este último, um ícone da crônica jornalística, é o único, dos escritores citados, que não publicou em livro suas contempláveis crônicas.

Nos últimos anos tem surgido uma nova safra de bons livros de crônicas em terras potiguaras. “Cartas de Salamanca” de David de Medeiros Leite, “Guriatás e Muçambês” de Marcos Medeiros, “Verão Veraneio” de Carlos Fialho e “Uma Garça no Asfalto” de Cláuder Arcanjo, são obras que fazem jus a essa tradição.

Agora, o escritor Damião Nobre publica seu mais novo livro de crônicas, que mantém o nível de qualidade nessa vertente literária. “Radiola – Conversa de Música”, lançado pela Editora Sarau das Letras é um livro simplesmente agradável, o terceiro do autor, que anteriormente já havia publicado “Conversa de Médico”, e “Conversa de Mãe”, com crônicas conforme o título sugere.

Voltando à especificidade da crônica, entendemos que ela é, geralmente, um texto para ser veiculado em jornais e revistas. Assim já se lhe determina vida curta; em alguns casos são datadas, em outros não; muitas permanecem atemporais, como é o caso das crônicas do livro “Radiola – Conversa de Música”. Percebemos que há ocasiões em que a crônica torna-se mais pessoal, às vezes, poética, às vezes, didática, às vezes, memorialística, bem-humorada, satírica ou

irônica e, claro, sempre relacionada a fatos cotidianos. Esse gênero, que se afirmou no Brasil através dos jornais, hoje é difundido sobretudo em livros, blogs e sites pela internet. Os grandes veículos continuam recorrendo à crônica para um contato mais próximo do leitor.

Existe uma linha muito tênue entre a crônica e o texto exclusivamente informativo. Assim como o repórter, o cronista se inspira nos acontecimentos diários, que constituem a base da crônica. Entretanto, há elementos que distinguem um texto do outro. Após acercar-se dos fatos cotidianos, o cronista dá-lhes um toque próprio, incluindo elementos como humor, poesia, ficção, fantasia e criticismo, elementos estes que os textos essencialmente informativos não contêm.

Com base nisso, podemos dizer que “Radiola–Conversa de Música” situa-se entre o jornalismo e a literatura, e o escritor Damiano Nobre, na qualidade de bom cronista, pode ser considerado o poeta dos acontecimentos do dia a dia, nesse caso mais especificamente, quando a temática é a música, assunto que ele domina. Damiano Nobre dialoga com o leitor, fazendo jus ao subtítulo do seu livro, Conversa de Música. Isso faz com que a sua crônica desperte uma ampla gama de leitores atraídos cada vez mais. Damiano utiliza linguagem simples, espontânea, situada entre a linguagem oral e a literária, o que, também, contribui para que o leitor se identifique com o cronista.

Após a leitura do livro, não temos dúvida: Damiano Nobre tem vocação para a crônica. Depois de “Conversa de Medico” e “Conversa de Mãe”, seus curtos e sintéticos textos têm tudo aquilo que se pode esperar de uma crônica.

O livro Radiola enfeixa escritos que o autor publicou quando colaborador da revista “Papangu”, com acréscimo de alguns que circularam em outros veículos e um inédito. Inúmeras crônicas merecem elogios, como “Pobre música potiguar brasileira”, em que o autor discorre sobre os poucos músicos nossos que tiveram ascensão nacional. Em outra reporta-se a pseudônimos e apelidos usados na música. Por exemplo, Julinho de Adelaide. Você sabia que este foi um dos pseudônimos de Chico Buarque para driblar a censura?

Damião Nobre nos dá uma aula de cultura musical, com informações e dados muito relevantes; é nítido seu profundo conhecimento da área musical nas mais variadas vertentes, trata desde Roberto Carlos, Chico Buarque, Caetano Veloso e Elis Regina, até Lindomar Castilho, Waldick Soriano, Altemar Dutra e Fernando Mendes, cantores considerados bregas, por sinal, termo que tem sua origem também explicada em outra crônica. No final, um texto emocionante sobre importante compositor e músico potiguar, Elino Julião, cuja vida daria um roteiro de filme hollywoodiano.

Ao lado de “Uma Garça no Asfalto”, “Radiola – Conversa de Música”, é um dos melhores livros publicados, ano passado, no Rio Grande do Norte.

Vale a pena conferir.

## Paulo de Tarso e o valor da poesia\*

*Fernando Gil Villa*

**T**omo um café com Paulo de Tarso na Plaza Mayor de Salamanca. Que acha de Patativa do Assaré? pergunto em determinado momento. “Eu o invejo”. Com isso está dito quase tudo, a diferença de formação entre Patativa e Paulo é evidente, sendo o segundo professor. Mas as semelhanças são mais interessantes. Paulo deixou passar meia vida sem escrever poesia. Sua longa vintena de livros foram aparecendo em uma segunda parte de sua biografia, aquecidos com o fogo lento da maturidade, quando as tentações da fama são menores.

A trajetória de Paulo deve confluir com a de Patativa em outro ponto, em um terreno de interseção entre a alta cultura e a cultura popular que outorga identidade ao poeta através do povo. Porque a um “velho professor” a poesia só pode trazer-lhe isso, uma grande viagem ao coração das coisas aonde melhor se conhecem, uma busca de raízes. No livro como *Misto Códice* ou *Livro de Linhagem* se adivinha parte do plano de rotas. Em pura lógica, tal viagem deve ter duas estações: Brasil e Portugal. Na primeira estação coincide com os grandes modernistas, com Mário de Andrade e Raul Bopp. Um poeta nordestino não pode evitar mergulhar nas ricas lendas de sua vasta região, que está sempre por descobrir, a mudar continuamente, por exemplo, com as novas ondas de urbanização e a mestiçagem com os novos integrantes nacionais e estrangeiros. Um século antes dos modernistas temos os viajantes europeus, como Langsdorff e seus desenhistas, retratistas de impressões que hoje em dia estão igualmente vivas na pena do poeta.

Uma segunda estação é a mais rara e nem todos a percebem. Paulo de Tarso, sim. Paulo sentado em Porto contemplando um entardecer na romântica ribeira do Douro. Contempla ao fundo uma figura feminina que aparece e desaparece. Paulo, o poeta antropólogo ou o poeta pintor, o Langsdorff, Rugendas ou Bopp, por um momento duvida entre esboçar ou anotar. Finalmente escreve em

seu “diário” (todo livro de versos é um diário): “Porto: Moça passando nos jardins de entre Quintas na tarde do dia 4 de outubro de 1886”. Estamos, não obstante, no século XXI, e o poeta brasileiro, dentro de um processo de reconquista de sua identidade talvez adivinha na figura portuguesa uma mãe distante, a mãe terra, a mãe que é a língua portuguesa, esta sim, nem louçã nem alegre, senão algo já esbatida, um tanto crepuscular e decadente como a moça da cena.

O poeta observa a moça- pátria original e com olho de juiz expressa seu veredicto: “És um pouco de incerteza e de promessa e mais não tens”. Mas não sente decepção, nem mágoa. Na verdadeira poesia não cabe o ressentimento, este fica imediatamente superado pela compaixão que é humanidade, não apenas aquela que cria a fraternidade do idioma, senão aquela que cria, em primeiríssimo lugar, a relação de dois seres humanos que se encontram e se interpelam com o rosto e o olhar. Este diálogo primitivo que dá lugar a solidariedade mais primitiva é o que melhor descrevem os poetas. É tanto que o poema continua: “... eu tudo mais te empresto para que a memória não esqueça teu corpo de lembrança, carne e gesto”. Que pode um poeta do Novo Mundo emprestar ao Velho Mundo, a velha Europa? A memória.

Neste paradoxo se reflete o poder da poesia. O que o poeta empresta não é a memória histórica, nem a memória fotográfica – para isso Paulo podia ter tomado uma foto da moça com seu celular –, senão uma memória poética. Nela a lembrança *se recria* no passado. O que se viveu se revive de forma diferente, com novos componentes, pensamentos, vivências, sensações que se agitam nesta coqueteleira mental que é a paleta de palavras coloridas do poeta. Não faz falta, inclusive, haver estado ali antes, haver vivido a revolução que deu nome a esta praça, ou haver presenciado a cena de despedida da moça e seu noivo conquistador, cinco séculos antes.

A memória está hoje cada vez mais desgastada. Há congressos, leis, cursos, seminários e artigos nas revistas e jornais sobre a memória. Assim tem sua importância que os poetas “emprestem” sua memória às moças de hoje e de amanhã, isto é, as novas gerações que têm perdido já suas raízes. Se o progresso desfigura a aldeia portuguesa de Amarante em que Teixeira de Pascoaes passou sua infância em meados do século XX, dando lugar a um *Livro de memórias* do-

lorido, a globalização completou a tendência apagando os restos das identidades locais.

Precisamente porque jovens e adultos andam cada vez mais desmemoriados, este gesto de Paulo de Tarso deve dar uma pista a psicólogos, pedagogos e políticos: redescobrimos na poesia, o território zero da humanidade, por trás do fim da história, despido das culturas que nos dominaram. Patativa do Assaré foi um exemplo dessa bela nudez. Entende-se a inveja de Paulo... e a minha.

**Fernando Gil Villa** nasceu em Zaragoza-Espanha. Ensina na Universidade de Salamanca e outras instituições. É autor de vários ensaios além de contos e livros de poesia.

\* Tradução de **David de Medeiros Leite**.

# No caminho da literatura potiguar

*Chumbo Pinheiro*

Um olhar mais aguçado para a literatura potiguar pode nos causar alumbramentos. Quando pensamos na arte de escrever, muitas vezes os nomes que a nossa lembrança nos traz estão distantes geograficamente de nós. De fato, os grandes escritores têm a capacidade e a sensibilidade de transformar em palavras sentimentos e fatos que são essencialmente humanos; por isso mesmo nos identificamos com os personagens, clássicos de lugares e épocas remotas que parecem nos transplantar e fazer conviver com cada um, com sua história como se fossemos nós mesmos que estivéssemos nas páginas que lenta ou vorazmente vamos consumindo.

Poetas e prosadores escrevem a própria história da humanidade com seu olhar particular ao mesmo tempo em que envolvem os acontecimentos em idealizações, imaginações que ultrapassam os seus próprios limites, chegando ao leitor como se tal situação pudesse ser imaginada ou vivida por ele mesmo.

Uma das mais ricas manifestações culturais do Rio Grande do Norte é a literatura. Esta afirmação pode parecer estranha para muitos em virtude do Estado ser um dos menores e economicamente um dos mais pobres do país; ser um Estado com um elevado número de analfabetos e ainda está entre os que apresentam menor e pior qualidade de ensino.

IDHM	BRASIL	RN
	0,739w	0,597

Renda	Ext. Pobre	Pobre	Vulneráveis a pobre	Crianças ext. wpobre	Crianças pobre	Crianças vulneráveis a pobre
BR	6,6	15,2	32,56	11,47	26,01	49,41
RN	10,33	23,79	47,7	16,44	37,30	65,13

Analfabetos	11 a 14 Anos	15 a 17 Anos	18 a 23 Anos	24 Anos	25 ou mais
BR	3,24	9,61	2,20	2,61	11,82
RN	6,63	18,54	4,33	5,35	23,16

IDEB BRASIL	METAS	NOTAS
ANOS INICIAS	4,9	5,2
ANOS FINAIS	4,4	4,2
ENSINO MÉDIO	3,9	3,7

IDEB RN	METAS	NOTAS
ANOS INICIAIS	4,9	4,4
ANOS FINAIS	4,4	3,6
ENSINO MÉDIO	3,9	3,1

As tabelas não serão analisadas neste momento, servindo apenas como amostra para as informações já prestadas. Isso não significa dizer que não possam ser posteriormente estudadas com uma abordagem mais sociológica.

Voltando para a afirmação inicial, e diante do quadro apresentado, é inevitável a pergunta: Como um Estado com condições tão adversas pode apresentar uma literatura considerada rica? Talvez a resposta exija mais do que as considerações que serão levantadas aqui; exija na verdade um estudo mais profundo e envolva várias outras questões das quais, uma parece ser inquietante a partir da afirmativa inicial: Quem é o escritor potiguar? Esta questão poderá constituir o ponto de partida de uma problemática que espera por uma investigação mais acurada. Ao mesmo tempo é necessário aos interessados em tal problema conhecer os diversos estudos na área da literatura potiguar realizados dentro e fora do espaço acadêmico.

Neste sentido, alguns trabalhos são fundamentais pela definição com que apresentam o escritor potiguar ou aqueles que produzem nossa literatura. É importante destacar alguns dos nossos principais estudiosos que, apesar de suas valiosas colaborações para

a História da Literatura Potiguar, são modestos na apresentação de suas obras. Senão vejamos:

Autor do livro **Informação da Literatura Potiguar**, o professor Tarcisio Gurgel já no título se exime da condição de historiador e, logo em seguida, afirma: “É fácil ver que não se trata de uma História Literária Convencional, embora se considere o ano de 1998 como limite da pesquisa”. (Pág.14). E continua: “Não tive preocupação rigorosa com questões como periodização, estilos de época, cronologias”.

No entanto, Tarcisio Gurgel aponta os métodos que utilizou, o que torna sua contribuição fundamental para aqueles que se interessem pelo tema. Destacaria alguns pontos orientadores de sua metodologia de pesquisa: primeiro, a impossibilidade de dissociar a criação literária da política, principalmente no início do século XX; segundo, a contribuição de Câmara Cascudo, tanto na vida literária quanto na própria História da Literatura local; terceiro, o agrupamento de períodos mais recentes sob a égide de movimentos culturais marcantes pela contribuição editorial, bem como, pela mudança de posição ideológica do produtor literário e, por fim, a data de 1998 como limite temporal.

Estes critérios metodológicos constituem sem dúvidas elementos fundamentais para a constituição de uma história crítica da literatura potiguar. É o próprio Tarcisio Gurgel que nos ensina: “Tentei aproveitar o melhor possível, didaticamente falando, o material trabalhado, acrescentando ao texto histórico crítico uma iconografia revelando imagens inéditas, antologias de poesia e prosa, as quais por injunções de ordem editorial contém apenas parte dos autores analisados.” (Pág15).

Ponto fulcral da apresentação é sua definição de autor potiguar. Neste sentido, a partir de seu próprio juízo de valor e critérios pessoais, considera o autor potiguar aquele que produz aqui sua obra; sendo assim, considera “potiguar a contribuição literária da autora Zila Mamede, enquanto o mesmo não ocorre em relação à legendária Nísia Floresta. Ninguém mais literariamente norte-rio-grandense que a primeira,... Ninguém mais europeia, carioca, pernambucana, que a segunda, autora de obra onde a ênfase se coloca numa perspec-

tiva da pedagogia romântica e feminismo avant la lettre”. (Pág.15).

A perspectiva do professor Tarcisio Gurgel em relação à literatura potiguar está focada na contribuição do autor, sua inserção e contextualização literária aos limites geográficos do Rio Grande do Norte, o que isenta de uma análise, a partir dessa perspectiva, autores nascidos em solo potiguar que produziram ou produzem sua literatura “descontextualizada” da terra natal.

Muito próximo deste conceito de autor potiguar de Tarcisio Gurgel, porém de forma mais explícita é a definição do pesquisador Manoel Onofre Jr., autor potiguar que tem se dedicado ao estudo da literatura local, sendo autor de uma importante e vasta obra de História da Literatura Potiguar com títulos como **Salvados, Ficcionalistas Potiguares, Alguma Prata da Casa**, entre outros. Para Onofre Jr., “potiguar é o escritor que, havendo ou não nascido neste Estado, tem a terra nossa entranhada em sua obra; é o que aqui morou bastante tempo ou mora, e aqui construiu ou vem construindo sua obra”. (In. Ficcionalistas Potiguares. Onofre Jr. M. 2010).

Mais uma vez notamos por este critério que certos autores nascidos no Rio Grande do Norte, não são considerados autores potiguares. Segundo Onofre Jr., Nísia Floresta e Peregrino Junior, apesar de sua projeção no mundo literário “devem ser situados, igualmente, fora da história de nossas letras”, pois apesar de excelentes, fazem de outros lugares o seu universo ficcional e só casualmente referem-se a terra onde nasceram.

Sem estar preso aos conceitos definidores para o escritor potiguar, por sua própria natureza revolucionária, a obra de J. Medeiros se constitui em uma importante contribuição para história das letras norte-rio-grandense. Trata-se de **Geração Alternativa – Antilogia poética potiguar anos 70/80**. O organizador afirma: “Em momento algum se pretendeu oferecer um estudo de cada autor, tampouco uma possível bibliografia. Partindo da produção mimeografada em seu aspecto revolucionário, traçamos um perfil quase histórico, a partir do momento em que permite novo comportamento nas relações produtivas”. (pág.313).

A partir destes autores é possível destacar inicialmente dois aspectos: primeiro, os autores não consideram que estão escrevendo

a História da Literatura Potiguar; segundo, é notória uma preocupação com a definição do autor potiguar. Certamente uma pesquisa mais ampla encontrará novas contribuições em obras que constituem de fato uma História da Literatura Potiguar.

Vale salientar que temos ao longo dos últimos cem anos, registrado manifestações literárias que estão sincronizadas com a vanguarda da produção literária nacional, destacando-se a obra de Jorge Fernandes e poetas do Poema Processo das décadas de 70/80. Isso nos faz crer que este é um campo aberto para o estudo e a pesquisa.

É necessário também deixar claro que as obras de crítica em referência citadas pela sua importância para o estudo da literatura potiguar; podem de fato, oportunamente, ser objeto de estudo ou parte de uma pesquisa sobre o tema ao lado de outras de igual importância. Constam em suas páginas biografias, crítica literária, antologias e ainda informações sobre escritores potiguares de várias épocas e estilos. Não há espaço nem foi nossa intenção tratar detalhadamente de cada uma neste artigo.

**Chumbo Pinheiro** é bacharel em História pela UFRN e cursa Ciências Sociais na mesma Universidade. Autor de *Alguns Livros Potiguares (CJA Edições, 2014)*.

## A literatura potiguar ou um sistema dissimulado

*Pedro Fernandes de Oliveira Neto*

**D**os últimos anos temos visto se afirmar uma literatura no Rio Grande do Norte, seja pela redescoberta e pelo reconhecimento de nomes do passado, seja pela intensificação e afirmação de alguns nomes e grupos na cena contemporânea, seja ainda pela formação de núcleos interessados em fomentar a crítica, a publicação e a divulgação das obras. E, embora o número de livrarias – depois de um significativo aumento – volte a diminuir e ocupar uma posição vergonhosa a nível nacional, parte delas trabalham com uma política de valorização da literatura local a partir de espaços exclusivos para autores que têm pouca ou nenhuma divulgação no grande mercado editorial; esta que é, entretanto, uma atitude um tanto questionável e esperamos discuti-la ao longo deste texto. Em linhas gerais, isso significa dizer que vimos construindo também uma consciência literária.

Quando saímos desse universo de produção, divulgação e circulação da literatura e vamos para o que se produz de leitura crítica sobre as obras, lugar hoje ocupado em grande número pelos cursos de Letras (e são muitos no Rio Grande do Norte) ou mesmo a leitura comum, àquela que deve estar integrada às aulas de Língua Portuguesa na formação básica, percebemos certo fosso: vemos se repetir não apenas o desconhecimento de uma literatura potiguar por parte de professores e alunos, como uma quase total ignorância sobre o que se passa contemporaneamente nesse cenário; mesmo que haja o esforço minoritário de alguns cursos na ampliação de lugares na academia onde se possa pensar o fazer literário no estado, por exemplo, o que se nota é um isolamento construído por ambos os lados – dos grupos literários formados pelos que escrevem e da academia e escolas de ensino básico.

O que este texto busca é examinar a estrutura do sistema literário potiguar compreendendo por esses termos o ciclo autor → obra → público para, a partir disso, visualizar a posição que ocupa

este sistema em relação à literatura nacional. Compreende-se que o grupo produtor deva ter mais ou menos uma consciência sobre o seu papel; que a obra alcance níveis estéticos que a aproxime ou mesmo ultrapasse o cânone; e que o público possua se constitua de forma heterogênea a ponto de não apenas ser dado ao consumo da obra, mas possa construir uma posição crítica acerca do lido. Essa aproximação dos termos e sua relação na formação de um sistema literário não têm um fim aqui, já que cada um deles se constitui de amplas ramificações as quais muitas das vezes serão motivo apenas de menção para esta ocasião; em suma, diríamos que este texto tem muito mais de provocação pautada em algumas situações vistas a olho nu por quem se interessa em compreender as fronteiras do sistema literário potiguar.

É, portanto, um texto datado pelo menos por uma geração, visto que o curso das transformações desses elementos está diretamente relacionado aos movimentos da cultura, da sociedade e da história de um grupo, o que quer dizer que não são transformações oferecidas de uma hora para outra, mas produzidas da sedimentação de uma série de pequenos acontecimentos; não dizem ainda de uma visão acabada sobre o tema, visto que estamos lidando com um sistema em movimento e algo que se aproximasse não de um acabamento, mas de uma visão mais completa, exigiria maior tempo de observação da natureza e do fenômeno literário e conseqüentemente maior espaço de maturação. Também não tem interesse ser uma intervenção direta, quando muito um adendo crítico, sobre a ordem desse sistema, uma vez que, sua movimentação não tem lugar apenas numa atitude desse tipo isolada, mas numa atitude que atinja ao menos em parte suas componentes. Por exemplo, ao produzir determinado deslocamento estético ou estabelecer a presença de um dado tema ou aspecto numa obra, isso necessita ser observado pela leitura crítica ou se tornar obsessão recorrente – ora de aproximação ora de distanciamento – entre os outros escritores. É essa comunicação entre as componentes do sistema o que assegura no tempo e no espaço uma movimentação das suas fronteiras e do seu aspecto.

De certo modo, estamos alinhando o sistema literário potiguar à ordem de outros sistemas do tipo, já que vista de perto toda literatura é movimento, tenha ela a quantidade de séculos que tiver.

Mas, consideraremos para o caso que nossa literatura encontra-se num estágio primitivo, dada sua recente maturação em relação a outros sistemas. E, mesmo integrada a movimentos significativos da literatura nacional e estrangeira, e por vezes até exportadora de estéticas, como é o caso do Poema Processo, o tempo que a rege é outro e, portanto é uma literatura que carece de ser pensada com outras bases que da história tradicional; nossa juventude sequer permite uma visão clara e igualmente pronta acerca de uma tradição própria, de modo que soa estranho, toda vez que alguém vem falar que determinada obra ou autor rompe com a tradição. O termo, aliás, em qualquer situação necessita sempre de uma contextualização porque tem ele suas especificidades e, no caso do Rio Grande do Norte, com o desabrochar de uma consciência literária tão recente, mais ainda.

Embora tradição possa ser tudo o que nos antecede, soa anacronismo considerar um autor ou uma obra do nosso tempo, por exemplo, como tradicional se, nem um e nem outro, chegou ainda a ser representação ou singularidade de seu tempo, se é ainda parte de um processo em curso carente de uma série de acontecimentos, inclusive tempo, para que assim possa, de fato, nomear-se como tradição. Não é o caso que nosso sistema seja desprovido de nomes ou de obras capazes de constituir o que estamos chamando por tradição literária, mas há fatores que ainda carecem ser vencidos até que possamos especificar o que está no nosso passado com estes termos.

Mesmo a tradição sendo um processo cujo fator temporal é um dos principais elementos de formação, não é algo que deve ser entregue aos ditames do tempo. É a recorrência dos escritores e dos leitores o que dá forma a tradição e, por isso, nem um nem outro pode, a ponto de legitimar o presente, virar as costas para o passado. Lá estão os que são considerados fundadores e os que estabeleceram temas, formas pelas quais os que sucedem devem trabalhar sobre. Como linhas de força entre os tempos, os escritores e os leitores precisam estar sempre atentos ao conjunto das produções literárias do passado e do presente. Por isso que, nesse caso, a política da leitura é tão importante – embora, estejamos fazendo distinção escritor/leitor – para a formação geral, isto é, de um público que leia e de um público que escreva. O escritor não pode, sob o crivo de não ser influenciado pelo passado ou de aderir a um modismo corrente, deixar

de ter contato com o passado nem com seus pares; não pode ignorar que, mesmo sendo parte de um sistema literário menor, também não tenha qualquer responsabilidade diante do clássico. Fechar-se em si como o centro do mundo sem contato com o que lhe é externo é uma das principais deficiências dos autores de nossa literatura.

Parece que temos nos habituado com o faz de conta, com a ignorância e o mau gosto, três graves faltas que atrasam a formação intelectual de nossos escritores. Parece ser ainda corrente entre nós a falsa mística do escritor inspirado, o que escreve porque escreve, o que escreve porque é tomado de uma necessidade de escrever, e os escritores têm estado sempre desatentos à compreensão de que o que exercem é uma profissão cuja ferramenta de trabalho é a linguagem e nesse exercício uma de suas obrigações, quase regra primeira, é se abeberar de todos os materiais do tipo que quer produzir, dentro e fora de seus limites literários, a ponto de estar em contato com a lapidação de sua escrita, que dentre tantas, deve garantir uma identidade própria.

No atual cenário são raros os escritores que têm essa preocupação com uma formação pautada no trabalho de intensa leitura e laboração estética da linguagem. Grande parte está cerrada no seu próprio mundo do escreve-publica e dispensam uma postura crítica e elaborada sobre seu próprio trabalho, na maioria das vezes protegido pelo cômodo cenário que ocupa, esse minúsculo e menor lugar onde a obra transita pelas mãos de poucos que sem um critério formado enaltecem-na em detrimento da amizade pessoal. Quando não, deixam-se tomar por um bairrismo; colocam a literatura local num gráfico de valores cuja maior importância deve ser obrigatoriamente dada aos de casa não importando que qualidades tenham a obra. Muitas vezes substituem o clássico em detrimento do escritor do bairro. Toda forma de bairrismo como toda forma de extrema valorização do que vem de fora, é também uma forma de pedantismo. E é preciso saber que em se tratando de literatura, mesmo esta sendo também produto do embate entre o atual e o clássico há uma ordem impossível de ser desfeita. O clássico, por exemplo, é clássico e pronto. Dependerá da força com que o autor engendra sua obra fazer dela lugar ao lado do clássico. Escrever não é necessariamente ter demasiada consideração pelos outros, mas há que saber, obrigato-

riamente, o lugar conveniente onde possa pousar sua voz.

Não é só a técnica contínua da escritura aquilo que dá forma a um escritor; é sua inquietação perante o que escreve, resultado de uma postura crítica que se forma ora do contato com outras literaturas, ora do contato com o que dizem sobre seu trabalho, ora de sua relação com sua obra, relação essa que deve sempre ser a de distanciamento com o que escreve sob pena de ser contaminado por um orgulho que aflora naturalmente depois de ver elaborado o produto de seu exercício intelectual. Não se nasce escritor, torna-se. Esta talvez seja uma das consciências urgente de ser alcançada. Distanciando-se da obra, o autor também se distancia do mero afã de ser escritor, aquele com um número significativo de títulos, para fazer da profissão coisa séria, em que aí se unem em simultâneo trabalho e não divertimento, crítica e não palavras de massagem ao ego. Sim, a literatura é divertimento sério.

A obra literária nasce de uma motivação particular, mas não deve se fechar aí, também deve escapar dos lugares comuns e buscar uma aproximação com os sentimentos universais; de igual forma, deve primar por uma sofisticada elaboração formal e estética. São tais elementos que lhe garantem uma particularidade entre as demais obras e dão-lhe subsídio para angariar um lugar entre as do cânone. Embora haja elementos que funcionem como legitimadores – a crítica, os prêmios, o alcance do público etc. – o que define, de fato, a grandiosidade de uma obra é a própria obra. Nem é preciso dizer que apenas uma pequena parcela daqueles poucos que antes da caneta solta dão-se ao exercício da laboração literária são os responsáveis por obras dessa natureza. Que a escrita nunca é produto da inspiração gratuita – quando só isto, o que o escritor apresenta é um amontoado de situações a que denomina narrativa ou um amontoado de palavras soltas que alinhadas numa estrutura verbal clássica e chama isso de poesia. A prateleira da Literatura Potiguar, sobretudo a contemporânea, está cheia de ponta a ponta desse tipo de exercício medíocre e esta uma das causas do distanciamento de nossa produção literária do resto país e não apenas a acusação reiterada quase como um complexo de que estamos à margem dos grandes centros. Ousaríamos dizer que aqueles casos em que os escritores fogem desse lugar repetido da periferia para os tais grandes centros se justificam

não como uma imaturidade ou fechamento aos confrades, mas a busca por espaço onde sua literatura possa ser lida como literatura; o que não pode ser compreendido como verdade absoluta – fosse isso e estaríamos à beira do abismo ou já teríamos angariado de uma vez por todas a glória nacional. Também fora dessas fronteiras há conveniências, o problema é quando elas se tornam vício.

Uma obra, entretanto, não se sustenta sozinha e nem mesmo caso de ser uma grande obra trará visibilidade por si só; necessita, sobretudo, de leitores. E o paternalismo com que uma obra ou escritor se sustenta – um problema vivo como um dos vícios mais grotescos na política literária potiguar – é o grande empecilho para a concretização de um sistema literário forte o suficiente para angariar sua amplitude de espaço e acesso ao cânone. Uma sociedade fechada de escritores e livros é o pior dos defeitos do bairrismo (pior ainda que o gesto “do só leio o local”), no momento em que estes (escritores e livros) devem circular por searas das mais diversas sob pena de não cair no ostracismo. Uma sociedade fechada produz uma literatura anêmica que só sustém à custa do seu próprio ego.

Aqui, permitam-nos um parêntesis sobre a sobrevalorização do local pela disponibilidade de espaços exclusivos nas livrarias para a apresentação de obras de escritores potiguares. À primeira vista, esta atitude parece coerente: chamar atenção dos leitores para o que se produz de literatura perto de si e que, por razão diversa, cai no seu desconhecimento. Mas, a situação é um tanto medonha quando descobrimos qual espaço é este, como as livrarias o organizam e como o mantêm. Não há qualquer fronteira entre os gêneros publicados e os livros não são apenas jogados de qualquer maneira como são expostos, em grande parte, nos recônditos da livraria. Se a reunião de títulos numa só estante já reitera certa segregação porque separa o local do universal, numa postura em que a literatura local é colocada como um apêndice das produções nacionais, inclusive, o que dizer dessas condições em que são apresentadas as obras? Fechemos o parêntesis e voltemos à especulação sobre as precariedades de nosso sistema literário. Mais adiante retornaremos a questão do papel das livrarias quando nos ativermos nas rotas do mercado editorial potiguar, questão para outra ocasião, mas que deixaremos a ponta dela pelo caminho neste texto.

Num sistema literário como o nosso não há escassez de leitores, temos é escassez de formação de leitores o que se reflete na deficiência da crítica literária e dos espaços de circulação dessa crítica. Aqui chegando, é notável já que concordamos haver incipiências em todos os eixos desse sistema, porque há antes de tudo uma escassez de mentes e de vontade política. Sim, a literatura não é um sistema morto ou elemento obsoleto da engrenagem social ou ainda sistema que se mantém sozinho fora da esfera social, mas produto e pulsão dessa engrenagem. Os leitores críticos ainda estão fechados nos seus gabinetes universitários e têm uma preocupação muito maior em redizer o que já foi dito pela crítica tida especializada que assumir uma leitura acurada e séria do trabalho a ser criticado; quando não, repetimos, estão presos a um favoritismo pessoal que se acaba numa troca de elogios (ou de farpas, se for a inimizade) e num claro exercício impressionista de leitura.

Reafirmamos que nas conveniências está o pior dos vícios; e, tudo finda com a falta de espaço em que, mesmo a crítica incipiente, se exponha. Se a nível nacional os cadernos de literatura foram transformados em cadernos de cultura para caírem no fim ou na pasmaceira, no Rio Grande do Norte, em nada difere e, por vezes, é mesmo mais caótico, seja pelo cerceamento dos grupos dominantes, seja pela natureza da crítica. Porque o que aprendemos a fazer e com falsa qualidade, e os jornais ainda inflam o peito para chamar de cultura, é fofoca. Produzir fofoca. Este cenário de apagamento do crítico só não se completa porque há os que persistem com os alternativos, com os blogs, os surgimentos das comunidades virtuais sempre atentas e hoje as que desempenham o papel de verdadeiros sismógrafos do que se passa na cena das letras contemporâneas, ainda que com um material que não tem, muitas vezes, nem tiragem e nem a circulação de um grande jornal. Mesmo assim, pode estar aí uma saída para o que se avista como crise que solapa todos os sistemas literários.

Mas, e o leitor comum? Voltemos ao lugar das livrarias, estas que devem também deixar de ser adestradas pelo capital a fim de servir de papel para angariar leitores. Grande parte delas não demonstra o menor interesse em servirem de espaço para intercâmbio entre obras, escritores e leitores. A prática da mera disposição de espaço

para o escritor potiguar sem quaisquer critérios está fadada ao fracasso, assim como a mera prática da comercialização sem o chamado do público. De igual maneira se portam as poucas bibliotecas de que dispomos. Neste cenário, atravessamos a pior das misérias humanas; basta dizer que se contam pelos dedos das mãos e ainda sobram dedos vazios o número de livrarias, essas sobras são ainda suficientes para dar contas das bibliotecas públicas e (pasmem!) ainda ficam dedos órfãos. A miséria ou o apagamento literário do estado pelas políticas públicas de fomento da cultura é reflexo de uma instituição pouco interessada no aterramento do fosso social corrente entre público e poder dominante.

Provada nossa deficiência quanto sistema, prova-se também porque nossa literatura, apesar de não perder-se no sistema nacional por ser elemento constitutivo dele, não alcança o relevo necessário a fim de se firmar entre um dos desse sistema. Não é só a ignorância e o massacre de outros bairrismos nacionais – como os conduzidos pela literatura do centro-sul-sudeste do país –, sustentados pelos grandes conglomerados editoriais; é também a ausência de esforço dos elementos constitutivos de nosso próprio sistema ou certa anemia genética que insiste na baixa qualidade estética e se contenta com os subterfúgios que constroem para amolar egos individuais. Mesmo admitindo que, vez ou outra, tenhamos trabalhado em novos passos, em tudo, ainda engatinhamos.

Além do que, para uma literatura se constituir, é necessário, no interior dessa correlação autor → obra → leitor, a existência de um conjunto de obras que mantenham um diálogo entre si, uma correlação, e crie entre essa tríade uma perspectiva de continuidade. Voltamos aqui ao lugar da tradição, para que enfim, possamos colocar um ponto final nestas especulações. Para que um sistema literário ganhe movimento, é necessário que possua um projeto literário fundador cujo conjunto de obras que dele faz parte possa ter influência sobre outras obras. É esta rotatividade que denominamos de tradição; a tradição local deve, por sua vez, estar em correlação com a tradição nacional e é desse modo que podemos notar acerca de um valor do patrimônio simbólico junto a outras literaturas. Não há sistemas, vê-se, isolados.

Em várias ocasiões da história da literatura potiguar, visualizamos esse lugar, embora o que vigore (pelo próprio teor dos termos *ocasiões históricas*) seja uma descontinuidade. E isso não é negativo. Pelo contrário, é lugar propício para que se desenvolva *o diferencial*. Se nossa literatura *nasce* a partir de uma produção poética, por exemplo, (efeito que se mantém pela quantidade de escritores do gênero), dotada pela imitação dos padrões literários nacionais, contemporaneamente, do ponto de vista estético e temático, quase que a totalidade dessa produção permanece indexada ao que chamaríamos de *talento individual*, quase que espontâneo, distante, portanto, de uma consciência estética universal. Podemos mesmo compreender que estamos no instante de formação de uma tradição. Resta ver o que faremos com as tentativas contemporâneas de direcionamento de nossa identidade literária conduzida de maneira diversa e adversa.

**Pedro Fernandes de Oliveira Neto** é professor de Teoria da Literatura na Universidade Federal Rural do Semiárido. É autor de *Palavras de pedra e cal* (poesia, edição independente) e *Retratos para a construção do feminino na prosa de José Saramago* (ensaio acadêmico, Editora Appris).

# As funções da literatura ou uma pequena digressão sobre um belo tema

*Mário Gerson*

**F**oram os rapsodos os primeiros que, sem se utilizar da linguagem escrita, levaram o que chamamos hoje de literatura aos diversos continentes, cada um com uma forma diferente de se expressar, de ver o mundo, de sentir as coisas, as estações.

Este mesmo rapsodo, tempos depois, na figura do trovador, expandiu a fantasia e suas narrativas (o primeiro poema de que se tem notícia é a lenda de Gilgamesh) e, assim, cumprindo um papel inconsciente de propagador literário, possibilitou que hoje chegássemos a ter a poesia, o romance, a tragédia, o conto, a crônica, enfim, as várias formas literárias, encontradas aos montes, nas livrarias. Mas, qual a função disso tudo?

A literatura existirá somente para mimese? Para a catarse? Para a sublimação? Horácio (1989, p. 65) salienta que uma das funções do poema (da literatura, em si) não é apenas ser a imitação da beleza – a sua representação – mas também carregar, em si mesmo, a simpatia, configurando-se, ele próprio no chamariz da audiência. Desta forma, é necessário frisar que A arte poética de Horácio difere da Arte poética de Aristóteles. Para o grego Aristóteles (1989, p. 17), “a criação de poesia geralmente se deve a duas causas, ambas enraizadas na natureza humana. O instinto de imitação é inerente ao homem, desde os seus primeiros dias”. Assim, o filósofo atesta que escrevemos e produzimos a literatura para imitarmos o que está posto. “O homem se diferencia dos animais pelo fato de ser a mais imitativa das criaturas, e aprende com a imitação as suas primeiras lições”.

Seríamos, desta forma, apenas imitadores da realidade? Por que razão produzimos e quais as funções de nossa escrita? Para transformar o mundo? Cyro dos Anjos, em um de seus ensaios literários

mais conhecidos, perpassa todos os principais questionamentos da função da literatura. Mas levanta um importante e essencial questionamento: “Convida-nos a literatura a fugir do real ou, pelo contrário, nos dá acesso a uma realidade mais profunda?” (1956, p.3).

Para Challaye (1956, apud Anjos, p.5), além da imitação levantada por Aristóteles, há o jogo, o folguedo, a diversão. Desta forma, uma das funções da literatura seria a de entreter, dentro de um sistema de necessidades do próprio organismo humano, o indivíduo. Tal concepção está marcada não apenas como forma de jogo, mas necessidade de dissipação de energia. Porém, é importante salientar que a *poiésis* possui função lúdica. É jogo espiritual, que a alma cria para si, elaborando aspectos diversos, às vezes obscuros, enraizando, assim, na literatura, a sua forma enigmática, a maneira pela qual podemos esconder ou não determinados acontecimentos e coisas.

Onde estaria, se levarmos em consideração apenas a ideia de literatura como divertimento, entretenimento e ludicidade, a sua função estética? Anjos (1956, p. 19) salienta que “a arte põe em atividade energias diferentes das do jogo. O artista vê, diante de si, a sua tarefa como uma espécie de dever interno, e sua consciência estética não lhe permite aplicar sua arte de um modo tão arbitrário como no jogo”. O instinto estético se sobrepõe ao da literatura como mero jogo – dissipação de energia – e dá lugar, por sua vez, a outro aspecto da literatura: a catarse. Mesmo exprimindo, através das palavras, sua dor, sua alegria e sofrimento, como válvula de escape, a literatura pode não comportar tudo. Assim, para Anjos (1956, p.44), atrás da palavra comum e convencional, que “exprime e cobre um estado de alma, o poeta procurará o sentimento simples e puro: mediante arranjos ritmados de palavras – que chegam assim a se organizar harmonicamente e a se animar de vida original – sugere-nos coisas que a linguagem não foi feita para exprimir”.

O que há mais por trás das palavras? A literatura, este suporte convencional impregnado, tradicionalmente, de letras e papel, carrega muito mais do que a mera representação de algo, pode exprimir um belo oculto, a ser descoberto por cada leitor-partícipe. Esse seria o despertar do belo? Seria o despertar de nossa libertação, para nos lembrarmos, aqui, de Goethe, que sentencia, no ensaio de Anjos

(1956, p.25): “Poesia é libertação”. Ou Ibsen: “Escrever é libertar os demônios que habitam as câmaras secretas do espírito” ou ainda Dostoiévski, para quem a escrita era “a eliminação de nossos fantasmas”.

Como válvula para suas fortes emoções, os escritores que detêm o domínio da escrita e da comunicação com seu público, se utilizam, desta maneira, da literatura para expressar-se. Assim, o homem-soma-de-suas-desgraças cede lugar ao homem-soma-de-seus-sonhos. Mas, desses sonhos surge outra função da literatura, já que sonhar, apesar do conceito freudiano nos dizer o contrário, está ligado, de certa forma, à realidade que conhecemos (não no sentido do espírito, mas dos objetos em si): surge o *engagement*.

Ideia contemporânea, oriunda do pós-guerra, precisamente ganhando mais popularidade no Existencialismo, o engajamento sugere que a literatura pode ser usada para transformar a sociedade, fazendo com que os escritores, por sua vez, se engajem, se empenhem. Mas para quê?

Para Sartre (apud Anjos, p. 81), de modo algum, a arte se lhe afigura “atividade desinteressada, contemplação de essências platônicas ou de arquétipos de beleza”. Nessa linha de pensamento, o escritor não pode ser imparcial. Ele existe para um fim e este fim, ao final de sua produção, seria influenciar pessoas, pois que, sozinho no mundo, com sua escritura, jamais veria “a luz do dia”, no alvorecer das ideias compartilhadas. Afora o engajamento – seja nas lides políticas ou não – seja na transformação da sociedade ou na estagnação das ideias e reprodução do estabelecido – é preciso salientar que a literatura pode coexistir na chamada práxis.

Anjos (1956, p. 97), destaca que uma literatura da *práxis* significa ação na história e sobre a história, isto é, “síntese da relatividade histórica, do absoluto moral e metafísico e deste mundo hostil e amistoso, terrível e ilusório que ela nos revela”.

Para esta corrente, a literatura só poderá subsistir e existe apenas no cenário de um mundo democrático e em um ambiente de paz. Por esta mesma literatura, a sociedade é desvelada e adquire “uma consciência infeliz, uma imagem sem equilíbrio, que procura sempre modificar e melhorar” (ANJOS, 1956, p.99). Porém, seria

este o cenário ideal para a produção literária? Seria apenas esta a função da literatura, servir como arma da práxis?

Mas não existe, como diria Barthes (1974, p.117), “linguagem escrita sem rótulos”, toda ela possui um conjunto de signos dados sem relação com a ideia, com a língua ou com o estilo, “destinados a definir, na espessura de todos os modos de expressão possíveis, a solidão de uma linguagem ritual”.

Porém, na tapeçaria das ideias, a literatura não será apenas objeto utilitário dos que preenchem suas lacunas com as palavras. Sua função se estende para além de um conceito meramente político ou de uma bandeira de causas, está impregnada de mais questionamentos que de respostas. Para Gondim (2008, p.11), escrever e, por conseguinte, a literatura é “desdobrar a alma, multiplicar o sentido das coisas, mergulhar na imensidão da existência, perceber o mistério dos simples, registrar o gozo infinito do corpo, querer a vida além de todos os limites, sentir a presença do outro, projetar o ser na medida do próprio ser”.

Meio de chegar ao outro, mergulho na imensidão do ser, práxis, plano político e ideológico de seu autor, a literatura e suas funções podem, ainda, ser o grande mistério por trás do mistério; são, em caminhos bifurcados, a dúvida e a certeza de que, entre todas as artes, ela é, ainda, a mais complexa, a das entrelinhas, a do não-dito, a do não presente, o texto por trás do texto, a palavra que não está e está, ao mesmo tempo.

A literatura – como apontava Pound (1970, p. 36) “não existe num vácuo”. Os escritores, mesmo os que não aceitam essa ideia, possuem uma função social definida, “exatamente proporcional à sua competência como escritores. Essa é a sua principal utilidade. Todas as demais são relativas e temporárias e só podem ser avaliadas de acordo com o ponto de vista particular de cada um”.

Será?

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Cyro dos. **A criação literária**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1956.

ARISTÓTELES. Horácio. **Crítica e teoria literária na antiguidade**. Tradução de David Jardim Júnior. São Paulo: Ediouro, 1989.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escritura**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas; Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974.

FILHO, Raimundo Leontino Leite Gondim. **A geometria do fragmento**. São Paulo: Scortecci, 2008.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.

**Mário Gerson** é jornalista e escritor. Autor de *O Suspiro do Inimigo* (Contos), *A Noite de Luvas Brancas* (Poemas) e *A Morte do Pescador* (Novela). É membro da Academia Mossoroense de Letras Atualmente, edita o caderno *Expressão*, do jornal *GAZETA DO OESTE*.

# Centenário de nascimento do violinista Gumercindo Saraiva (1915–2015)

*Leide Câmara*

## Relatos de uma vida

O virtuoso violinista Gumercindo Saraiva de Moura nasceu na cidade de Baixa Verde, atual João Câmara -RN, em 2 de junho de 1915. Filho do ferroviário, poeta, musicista e seresteiro Gabriel Saraiva de Moura e Maria Cabral Saraiva. Em 1927, o casal se separou em virtude da vida boêmia do marido. Maria, costumava dizer, “mulher não deve sofrer na mão do homem”, o que resultou na partida de Maria para o Rio de Janeiro-RJ. Com seus filhos, Manoel, Geraldo, José, Jandira, Lourdes e Terezinha, (um dos seus filhos acabou falecendo, antes de chegar no Rio), deixando apenas Gumercindo, na época com doze anos, que preferiu ficar com o pai, em Natal. Morou uma temporada na casa de um professor de música, no bairro das Rocas, que o ensinou a aperfeiçoar e a tocar piano, acordeom e violino, que foi sua grande paixão, um dom divino, tocava desde os quatro anos de idade nas feiras livres, onde era levado por Gabriel. Desfrutou da amizade da família de Luís da Câmara Cascudo, que também o abrigou um tempo. Casou-se com Wilhermin de Oliveira Saraiva (28/4/1915 – 18/4/2010) no dia 27 de janeiro de 1940, em Extremoz, onde se conheceram; o casamento no civil no 4º Cartório em Natal. Tiveram quatro filhos: Maria Chaminade Saraiva Caldas (1940), nome dado por sugestão do Maestro e amigo Waldemar de Almeida em homenagem a pianista francesa Chaminade (Cécile Louise Stéphanie Chaminade); Gumercindo Saraiva Júnior (1941-2010); Toinha (Antônia Maria Saraiva, (1945) e Sônia Maria Saraiva (1959).

Seu primeiro emprego, foi de jornalista da República, mais tarde foi trabalhar no escritório do empresário chileno, Carlos Lamas (1905-1972), na rua Dr. Barata, no bairro da Ribeira, outra grande escola e experiência para Gumercindo. Começou a escrever para jornais por volta de 1932, sob direção de Café Filho (João Café

Filho, 1899-1970). Escreveu também para os jornais “Comerciário”, “A República”, “A Ordem”, “Correio do Povo”, “Jornal do Comércio”, “Tribuna do Norte” e “Diário de Natal”, entre outros.

No ano de 1933, foi criado o Instituto de Música, ano em que Gumercindo ganhou uma bolsa de estudo para o curso de violino com o professor José Monteiro Galvão. Em 1936, é lançada pelo Instituto de Música a *Revista Som*, idealizada por Luís da Câmara Cascudo, Waldemar de Almeida e Gumercindo Saraiva, como bandeira em defesa da valorização da vida musical no Rio Grande do Norte. No dia 29 de dezembro de 1939, recebeu o diploma de concluinte do curso de teoria musical e solfejo e no ano seguinte, formou-se em História da Música.

Fundou, na década de 1940, a Casa da Música, que foi um marco na divulgação da música brasileira. Foi um dos primeiros comerciantes de instrumentos musicais no estado. O prédio permanece na Avenida Rio Branco, 705, no Centro, onde hoje funciona o Sebo Vermelho de Abimael Silva.

Gumercindo recebeu do famoso compositor Tonheca Dantas, uma cópia do Dobrado “Gumercindo Saraiva”, com a dedicatória do autor:

*“Ao insigne musicista Gumercindo Saraiva, ofereço este Dobrado com seu nome (Gumercindo Saraiva), como reconhecimento do que tem realizado em nossa terra, em prol do desenvolvimento artístico-cultural do Rio Grande do Norte. Assinado Tonheca - janeiro de 1945”.*

Nota que diz: ofertório contido na capa do Dobrado intitulado “Gumercindo Saraiva, cujo original se encontra em poder do Tenente Jacinto Carvalho, antigo mestre da Banda do 16º R.I.”.

No ano de 1958, coube a Gumercindo Saraiva a missão de substituir Waldemar de Almeida, na direção do Instituto de Música, do qual já era professor de História da Música. Foi sócio fundador da Sociedade de Cultura Musical, da Associação Norte-rio-grandense de Imprensa e do Conservatório de Música do Rio Grande do Norte, conforme Decreto nº 2.869, de 4 de janeiro de 1960, nomeado pelo Governador do Estado para o quadro do Magistério Público, da cadeira de História da Música do Instituto de Música. E em abril de 1961, assumiu a presidência do Conselho Regional da Ordem

dos Músicos do Brasil no estado, em que permaneceu por nove anos.

Na contracapa do livro, *Risos e lágrimas no Mundo da Música*, de 1964, onde escreveu Luiz de França Moraes: “Em 1961, Gumerindo Saraiva, visitou a Argentina e Uruguai. No Teatro Colon, de Buenos Ayres, conheceu e travou palestras com grandes musicólogos de fama internacional. Na cidade de La Plata foi homenageado por uma sociedade de folguedos tradicionais. Nessa oportunidade Gumerindo Saraiva visitou na Argentina mais de dez conservatórios de música, inteirando-se plenamente do seu funcionamento e “metier” das aulas.

O grande maestro Villa-Lobos, em sua vida manteve cordial amizade com Gumerindo Saraiva e lhe escrevia de onde se encontrava. A última carta do maior músico brasileiro dos nossos tempos para o Sr. Gumerindo foi dos Estados Unidos, e Villa-Lobos mandou sua fotografia autografada para o mesmo.”

Em 2 de junho de 1975, Gumerindo fundou o *Centro de Pesquisas Culturais e Artísticas Gumerindo Saraiva* com o intuito de divulgar tudo que havia em seu acervo como fonte de pesquisa e disponibilizou obras raras como “O Almanaque do Rio Grande do Norte”, editado em 1897 por uma gráfica de Natal, “Revista Klaxon”, do Movimento Modernista de 22 (todos os números encadernados) e tantos outros importantes volumes sobre os mais abrangentes temas. Uma biblioteca de valor imensurável. Dois anos depois fundou o Centro de Pesquisas Folclóricas Musicais - Poéticas, em que disponibilizava para pesquisas todo seu acervo particular de livros, jornais, panfletos, partituras, discos entre outras memórias do Carnaval Potiguar.

Imortal da Academia Norte-rio-grandense de Letras tomou posse na cadeira Nº 6 no dia 8 de dezembro de 1976, foi saudado pelo acadêmico Paulo Pinheiro de Viveiros (1908-1979). O Patrono da referida cadeira é Luís Carlos Lins Wanderley (1831-1890) e fundadora Carolina Wanderley (1891-1975). Gumerindo foi seu sucessor, atualmente, é ocupada por João Batista Pinheiro Cabral.

Recebeu o título de Cidadão Natalense propositura do vereador Antônio Cortez, em setembro de 1977. No ano seguinte, eleito Presidente da Academia de Trovas do Rio Grande do Norte, ocu-



**Paulo Pinheiro de Viveiros e Gumerindo Saraiva no dia da posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras.**



**Gumerindo Saraiva em seu discurso de posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras.**

pando a cadeira Nº 50, cujo patrono é Deolindo Lima (Deolindo Ferreira Souto dos Santos Lima, 1885-1944).

Proferiu diversas palestras, dentre elas, “Carlos Gomes, sua vida sua obra”; “O Impressionismo na música de Debussy”, “O Ballet ajuda no aformoseamento da Mulher”, “A Música religiosa no Brasil”, “Dualidade do Hino do Rio Grande do Norte”, “A música e a morte”, “Tonheca, o Strauss do Rio Grande do Norte”, “A música erudita no Brasil em decadência”. Foi um estudioso das modinhas do Rio Grande do Norte, deixou inédito o livro, “Modinhas e Modinheiros Norte-rio-grandenses” (três volumes)...

Gumercindo Saraiva faleceu em Natal em 20 de maio de 1988, após tocar o seu violino pela última vez, durante a festa de lançamento do jornal *O Galo*, da Fundação José Augusto, em que seria homenageado. Eu me encontrava presente e ainda guardo na memória o instante e o som de seu violino naquela noite de glória que foi sua despedida da vida.

Gumercindo Saraiva, pesquisador renomado, compositor, musicólogo, folclorista, violinista, professor, poeta, escritor, cordelista, produtor e tantos outros atributos, que ainda assim, são poucos para definir a trajetória desse ilustre potiguar que viveu 73 anos, dos quais 61 dedicados à música, pesquisa e a produção cultural da Nação Potiguar. São mais de 250 crônicas publicadas em jornais e periódicos do estado, todas catalogadas e arquivadas por ele, relíquias que hoje são fontes de minha pesquisa. Oxalá ainda existisse sua biblioteca que foi fragmentada e assim se “perderam memórias seculares” de nossa cultura, de nossos costumes e tradições do Rio Grande do Norte, em seus 415 anos.

## **Musicografia**

Em suas obras como compositor, encontramos valsas, hinos e modinhas, embora sem registro fonográfico. Poeta e compositor de inúmeras modinhas, como por exemplo, “Minha Natal”, em parceria com Zé Praxédi, o Poeta Vaqueiro, “Segredos”, em parceria com Esmeraldo Siqueira, entre outras canções de uma cidade que lançou músicos para todo o Brasil e porque não para o mundo.

## **Letra e música**

- Na casinha do meu bem (canção)
- Canção de um trovador...
- Resignação
- Cabocla da minha terra (toada, 1942)

## **Musicou os poemas:**

- Segredos, de Esmeraldo Siqueira;
- Boêmia, de Ferreira Itajubá;
- A cruz da estrada, de Carlos Serrano;
- Dentro da noite, de Marcos Falcão (1972);
- Eu quero ainda sonhar, de Palmira Wanderley;
- Minha Natal (Minha terra), de Zé Praxédi (1960);
- Lamentos, de Manoel dos Passos (1971);
- Amor filial..., de Défilo Gurgel;
- Líricas..., de Paula e Sousa;
- Sorrisos, de Gabriel Saraiva (1935);
- A Cruz da Estrada, de Carlos Serrano.

## **Cordéis de sua autoria**

- A Mulher do violão;
- Timbre dos animais;
- O Beco da Quarentena.

## **Livros e Plaquetes**

- O Esperanto e o Mundo Atual, com apresentação de Arlindo Castor de Lima, Delegado da Associação Universal de Esperanto (Patrocinada pela Associação Potiguar de Esperanto). Gráfica União. Natal, dezembro de 1959. Plaquete;
- Trovadores Potiguares. Impresso nas Oficinas Gráficas de Saraiva S.A - Livreiros Editores de São Paulo, 1962. Prefácio de Jaime dos Guimarães Wanderley, (Presidente da Academia Potiguar

de Letras) e orelhas de Veríssimo de Melo), 1962;

- Trovadores Potiguar. Reedição. Uma edição Fac-similar pela Coleção João Nicodemos de Lima, Sebo Vermelho (Abimael Silva), 2010;
- Adagiário Musical Brasileiro. Impresso nas Oficinas Gráficas de Saraiva S.A - Livrários Editores de São Paulo. Prefácio de Waldemar de Almeida. Orelha de Paula e Sousa;
- Risos e Lágrimas no Mundo da Música. Ricordi, São Paulo, 1963;
- Geografia do violão brasileiro;
- Antologia da Canção Brasileira. Oficinas Gráficas de Saraiva S.A - Livrários Editores, São Paulo, 1963;
- A Canção Popular Brasileira em três tempos. Oficinas Gráficas de Saraiva S.A - Livrários Editores, São Paulo, 1968;
- Câmara Cascudo - Musicólogo Desconhecido. Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Companhia Editora de Pernambuco (Recife), 1969. Orelha de José Amaral (Presidente da Academia Potiguar de Letras e Academia de Trovas do RN);
- Baixa - Verde, sua vida, seus costumes, tradições e credências. Em homenagem ao cinquentenário da emancipação política do município - com denominação de João Câmara (1928-1978. Prefácio de Alcyone Abrahão. Plaquete;
- 2ª edição Coleção Baixaverdense - volume II, 2010. Edição Comemorativa do 100º aniversário da Fundação de Baixa-Verde. Apresentação de Aldo Torquato (Presidente da Câmara Municipal) e Leide Câmara (Pesquisadora Musical);
- Lendas do Brasil. Editora Itatiaia Limitada - Belo Horizonte, 1984. Prefácio de Raimundo Nonato e orelhas de Neide Magalhães Fonseca;
- Adágios, Provérbios e Termos Musicais. Editora Tatiaia Limitada - Belo Horizonte, 1985). Apresentação de Jurandyr Navarro. Orelhas: depoimentos de escritores renomados, 1985;
- Jorge Fernandes um século depois. Composto e impresso na Editora Clima - volume 62, dezembro de 1987, Natal (RN). Prefácio de Geraldo Fernandes de Oliveira e apresentação de

Luís da Câmara Cascudo;

- A Gíria Brasileira dos Marginais às Classes de Elite. Editora Itatiaia Limitada - Belo Horizonte, 1988. Prefácio de Vicente Serejo e Orelhas de J. Inojosa.

### **Livros inéditos (citados pelo autor)**

- Modinhas e Modinheiros Norte-rio-grandenses (três volumes),
- Emboladas do meu Brasil,
- O que os homens disseram sobre a música,
- O Fandango do Rio grande do Norte,
- Antologia da crônica musical brasileira, entre outros

### **Homenagens**

Em reconhecimento dediquei o Dicionário da Música do Rio Grande do Norte, 2001, a Gumerindo Saraiva, Câmara Cascudo e Waldemar de Almeida.

O Projeto de Lei nº 005/2001 cria o dia 2 de junho como o Dia da Cultura em João Câmara, dia do nascimento de Gumerindo Saraiva. Propositura do vereador Luiz Gameleira do Rego.

É nome da Casa de Cultura “Palácio Gumerindo Saraiva”, na Cidade de João Câmara, no Governo de Wilma de Faria, instituído em 30 de março de 2010.

É nome de rua no bairro de Pajuçara, em Natal - Rua Trovador Gumerindo Saraiva.

**Leide Câmara** é pesquisadora da música brasileira, autora do Dicionário da Música do Rio Grande do Norte e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Em 1996 fundou o Instituto Acervo da Música Potiguar. É diretora da ANASPS/RN.

## Verdades cruzadas II

*Carlos Roberto de Miranda Gomes*

### A REPRESSÃO NA UFRN

*No início dos anos 1970, foram criadas Assessorias de Segurança e Informações nas Universidades brasileiras, como resultado do processo de expansão do sistema repressivo do regime militar. Tais agências eram ramificações da comunidade de informações no interior do sistema universitário, para melhor vigiar um setor considerado estratégico.*

**Rodrigo Pato Sá Motta.** *Incômoda Memória.* Os arquivos das ASI universitárias (RJ: Acervo, v. 21 n. 2 julho/dez/2008).

Nesse período de escuridão, mas também de abertura ocorreram reflexos diferenciados nos diversos Estados da Federação. No Rio Grande do Norte o governo politicamente conservador de Aluizio Alves, que já cantara loas a João Goulart, apressou-se em criar uma Comissão de Inquérito destinada a investigar atividades subversivas, atuando em conjunto com os IPMs – Inquéritos Policiais Militares, envolvendo mais de uma centena de funcionários do Estado que seriam afastados e a maioria presa.

Desde 05 de maio de 1963 o Estado do Rio Grande do Norte já havia sucumbido em sua autonomia, aderindo aos encantos oferecidos pelos Estados Unidos, conforme convênios assinados com o embaixador americano Lincoln Gordon que trouxeram investimentos da Aliança para o Progresso<sup>1</sup>.

A propósito, a **Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, administrada por um Reitor reconhecidamente de índole conservadora, também entrou no clima de repressão, embora sem exageros, mas causando apreensão nos três segmentos de sua composição institucional – corpo docente, discente e funcional.

1 ... a Aliança para o Progresso e todos os interesses políticos norte-americanos inerentes à sua implantação foram o elemento de operacionalização das obras modernizadoras no Estado, enquanto principal fonte financiadora (Carlos H.P. Cunha e Walclei de A. Azevedo - Podres Poderes-política e repressão. Natal: Infinita imagem, 2013).

No início dos anos 1970 foram criadas entidades de investigação nas universidades brasileiras com função de controle ideológico através das denominadas Assessorias de Segurança e Informação – ASI, ramificações da comunidade de informações das forças armadas, para melhor vigiar um setor considerado estratégico. Na UFRN o seu criador foi o Reitor Onofre Lopes (gestão 1959-1971), antes ocupante do cargo de Diretor da Faculdade de Medicina, por determinação do MEC, já no final do seu mandato. Inicialmente, convidou para chefá-la o Professor da Faculdade de Direito Carlos Augusto Caldas da Silva, pessoa bem entrosada com a classe estudantil e que, pelo que se apurou, não deu seguimento a nenhum ato de repressão, permanecendo por curto espaço de tempo.

Com a escolha do novo Reitor, na pessoa do Professor Genário Alves Fonseca (1971-1975), da Faculdade de Farmácia e militar da reserva da Aeronáutica, este gerou um outro perfil para a ASI, colocando em sua chefia o Professor do Curso de Química e também militar da reserva do Exército – Zacheu Luis Santos, que deu início às ações investigativas, contando com colaboradores, entre professores e servidores, como são apontados em depoimentos, em especial a figura do servidor Ivan Benigno, registrando-se vários atos típicos da intolerância, emitindo informações e pareceres recomendando a não renovação de contratos de professores e o afastamento de estudantes e servidores.<sup>2</sup>

Assumindo o terceiro Reitor na pessoa do Professor Domingos Gomes de Lima (1975-1979), que modificou toda a estrutura da equipe do seu antecessor, pelo que foi considerado por aquele, como traição<sup>3</sup> e, segundo apurou-se, não deu incentivo ao trabalho da ASI, embora tenha permitido a continuidade colocando na sua chefia o Professor Jurandyr Navarro da Costa<sup>4</sup>, logo substituído pelo Senhor Adriel Lopes Cardoso, este considerado por todos como uma pessoa muito rigorosa, trazendo transtornos para a comunidade uni-

---

2 Foi localizado o endereço eletrônico de Ivan Benigno e lhe foi oferecido o direito do contraditório, mas o mesmo limitou-se em enviar o seu currículo, o que autoriza a se dar validade ao quanto produzido nos depoimentos tomados.

3 Depoimento de Genário Fonseca no Programa “Memória Viva” da TVU. Foi tentado, em três oportunidades, contato com o Professor Domingos, através do e-mail de sua esposa, inclusive enviando um questionário para respostas e não foi dada nenhuma resposta, o que permite o acatamento das informações dos depoentes e registros da imprensa e mídia eletrônica.

4 Depoimento em 21/6/2013.

versitária, sendo protagonista de inúmeros episódios desagradáveis relatados e denunciados pela imprensa.

Na sequência dos Reitores, e na medida em que se esboçava a abertura democrática, tivemos os Professores Diógenes da Cunha Lima (1979-1983)<sup>5</sup>, apontado como solicitador dos serviços da ASI, apenas como órgão de informação, mas mantendo o chefe Adriel; Genivaldo Barros (1983-1987)<sup>6</sup>, que providenciou a retirada da ASI do espaço da UFRN, colocando-a na Delegacia do MEC, sob nova chefia, do Coronel José Renato Leite<sup>7</sup>, pondo fim ao “reinado” de Adriel. Depois Daladier Pessoa da Cunha Lima (1987-1991)<sup>8</sup>, em exercício na época em que o Presidente da República Fernando Collor determinou a extinção da ASI em 1990. Já então se respirava o ar da liberdade, com a realização das primeiras eleições diretas para a Reitoria. Na abertura foram Reitores Geraldo Queiroz (1991-1995)<sup>9</sup>, José Ivonildo do Rêgo (1995-1999; 2003-2007; 2007-2011); Ótom Anselmo de Oliveira (1999-2003) e a Reitora atual Ângela Maria Paiva Cruz, que iniciou sua gestão em 2011, tendo sido reeleita para mais um mandato a partir de 2015.

*Artigo X - Fica permitido a qualquer pessoa, qualquer hora da vida, uso do traje branco.*

**Thiago de Mello: Estatuto do homem**

*Já podeis da Pátria filhos,  
Ver contente a mãe gentil;  
Já raiou a liberdade  
No horizonte do Brasil  
Já raiou a liberdade,  
Já raiou a liberdade  
No horizonte do Brasil.*

**Evaristo Ferreira da Veiga**  
*(trecho do Hino da Independência do Brasil)*

O Brasil realizou eleições diretas em 1989 para a Presidência da República – gestão 1990-1994, com ferrenha disputa entre

---

5 Depoimento em 30/5/2013

6 Depoimento em 10/5/2013.

7 Depoimento em 15/02/2013.

8 Depoimento em 14/6/2013.

9 Depoimento em 03/5/2013.

vinte e dois, candidatos, sendo os mais votados Fernando Affonso Collor de Mello (PRN), Luís Ignácio Lula da Silva (PT), mas participaram Leonel Brizola, Mário Covas, Paulo Maluf, Guilherme Afif, Ulisses Guimarães, Roberto Freire, Aureliano Chaves, Ronaldo Caiado, Affonso Camargo, Enéas Carneiro, e outros pouco conhecidos, saindo triunfante o Governador alagoano Fernando Collor, com um discurso de moralidade – acabar com a praga dos “Marajás” e mudanças profundas na República brasileira o que, por medidas contraditórias e demagógicas, inclusive um desastroso Plano Collor, lhe valeu o impeachment após crise que ganhou as ruas, onde jovens com os rostos pintados exigiram a sua saída, o que aconteceu em 29 de dezembro de 1992. O Vice-Presidente Itamar Franco já assumira interinamente no período de outubro a dezembro de 1992 e a partir do impedimento assume em caráter definitivo até 1994.

O seu mandato, apesar do curto espaço de tempo realizou o saneamento político do País, restaurando a credibilidade na democracia com o bem sucedido Plano Real, preparando caminho pacífico para a sua substituição através de pleito muito disputado.

Em 1994, precisamente em 3 de outubro, novas eleições são realizadas para a gestão 1995 a 1998, agora com os candidatos Fernando Henrique Cardoso (PSDB), prestigiado com a execução do Plano Real quando ministro do Governo Itamar, Luís Ignácio Lula da Silva (PT) vindo da classe proletária e outra vez Leonel Brizola, Orestes Quércia, líder municipalista, Enéas Carneiro, Esperidião Amin, Carlos :Antonio Gomes e Hernani Fontoura.. Vence FHC no segundo turno, disputando com Lula.

Sua gestão atendeu às expectativas com um trabalho organizado no sentido da retomada do crescimento econômico sustentável, o que lhe proporcionou disputar em 1998 uma reeleição para o período 1999-2002, disputando com os candidatos Luís Ignácio Lula da Silva, Ciro Gomes, Enéas Carneiro, que se tornou figura folclórica em razão da forma de sua campanha na TV e mais oito disputantes desconhecidos da mídia nacional.

No caminhar democrático, novo pleito é realizado em 2002, turnos em 6 e 27 de outubro, para o período de 2003 a 2006, saindo vitorioso, afinal, o batalhador Luís Ignácio. Começava a Era Lula,

cujo governo trouxe indiscutível mudança na concepção da democracia brasileira, tornando-se uma figura notória internacionalmente, após uma disputa com os candidatos José Serra (PSDB), Anthony Garotinho e Ciro Gomes.

Mercê de uma gestão que permitiu a recuperação gradativa do valor da moeda, ganha a credibilidade do povo brasileiro e em 2006, pleito realizado em dois turnos: 1º e 29 de outubro, logra retribuinte reeleição para o período de 2007 a 2010, suplantando os candidatos Geraldo Alckmin (PSDB-PFL), Heloisa Helena, Cristovam Buarque, Ana Maria Rangel, José Maria Eymael, Luciano Bivar e Rui Costa Pimenta.

Seu desempenho e prestígio permitiu fazer seu sucessor no governo, na pessoa da candidata do PT Dilma Rousseff, disputando com os candidatos José Serra (PSDB), Ivan Pinheiro, Zé Maria, José Maria Eymael, Levy Fidelix, Marina Silva e Plínio Sampaio, saindo Dilma vencedora no segundo turno realizado no dia 31 de outubro de 2010 para um mandato até 2014. Foi a primeira mulher a assumir a Presidência da República em nossa história republicana. Em 2014 foi reeleita, disputando com Aécio Neves, seu principal concorrente.

*Artigo Final. Fica proibido o uso da palavra liberdade, a qual será suprimida dos dicionários e do pântano enganoso das bocas. A partir deste instante a liberdade será algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, e a sua morada será sempre o coração do homem.*

**Thiago de Mello: Estatuto do homem  
Santiago do Chile, abril de 1964.**

O Governo atual, da Presidenta Dilma Rousseff, como prefere ser denominada, através da Lei nº 12.528, de 18 de novembro de 2011 criou a Comissão Nacional da Verdade no âmbito da Casa Civil da Presidência da República, com a finalidade de examinar e esclarecer as graves violações de direitos humanos praticados no período fixado pela Constituição Federal – art. 8º do ADCT, que compreende o lapso temporal iniciado em 18 de setembro de 1946 – data da promulgação da Constituição de 1946 e do período co-

nhecido como de redemocratização do Brasil até 05 de outubro de 1988 – data da promulgação da Constituição Federal vigente, denominada “Constituição Cidadã” pelo eminente Deputado Federal Ulisses Guimarães, tudo no sentido de efetivar o direito à memória e à verdade histórica e promover a reconciliação nacional.

Tal providência serviu de base para a criação de outras comissões semelhantes pelos Governos Estaduais e Municipais e Instituições Públicas, cada uma aperfeiçoando as informações pesquisadas em espaços mais próximos dos acontecimentos.

No âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte a providência da Reitora Ângela Maria Paiva Cruz surgiu com a edição da Portaria nº 1.809/12-R, de 31 de outubro de 2012 criando a Comissão da Verdade da UFRN, em conformidade com o artigo 39 do Regimento Geral, em acatamento à feliz ideia dos estudantes de Direito em solenidade realizada na Universidade, designando para a sua condução representantes das categorias docente, discente e funcional, congregando professores aposentados e em atividade, o representante do Diretório Central dos Estudantes (DCE), de representante do Sindicato dos Docentes da Universidade Federal em Natal, Caicó, Currais Novos, Santa Cruz, Macaíba, Macau e Nova Cruz (ADURN Sindicato) e do Sindicato Estadual dos Trabalhadores em Educação do Ensino Superior (SINTEST)<sup>10</sup>.

Na composição inicial foram designados os membros Carlos Roberto de Miranda Gomes, Professor Adjunto aposentado, na condição de Presidente; Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade, Professor Adjunto aposentado, na condição de Vice-Presidente; Almir de Carvalho Bueno, Professor Associado; Justina Iva de Araújo Silva, Professora Adjunta aposentada; Diretório Central dos Estudantes (DCE) representado pela aluna do Curso de Pedagogia Danyelle Rosana Guedes; Sindicato dos Docentes da Universidade Federal em Natal, Caicó, Currais Novos, Santa Cruz, Macaíba, Macau e Nova Cruz (ADURN Sindicato), representado pela Professora Associada Maria Ângela Fernandes Ferreira e o Sindicato Estadual dos Trabalhadores em Educação do Ensino Superior (SINTEST), representado pelo funcionário da UFRN, vigilante Moisés Alves de Sousa.

---

10 A ideia partiu dos estudantes do Curso de Direito.

Para secretariar a Comissão foi designada a servidora Kadma Lanubia da Silva Maia, conforme a Portaria nº 2.021/12-R, de 18 de dezembro de 2012.

Posteriormente, por motivos superiores, foram designados o aluno André Felipe Bandeira Cavalcante (Portaria nº 574/13-R, de 21 de março de 2013) em substituição a Danyelle Rosana Guedes e o Professor Titular José Antonio Spineli Lindoso (Portaria nº 906/13-R, de 30 de abril de 2013) para substituir a Professora Justina Iva de Araújo Silva. Outra alteração foi feita na representação do DCE, com a substituição do estudante André Felipe pelo estudante do Curso de Direito Juan de Assis Almeida (Portaria nº 1.956-R, de 11 de setembro de 2013).

Já em andamento da construção dos textos definitivos do Relatório, o Professor Spineli pediu afastamento em razão de enfermidade que o impede de, momentaneamente, continuar no exercício de sua missão, razão pela qual foi solicitado à Magnífica Reitora o convite ao Professor Willington Germano para efetuar a elaboração do texto que competia ao membro afastado.

No decorrer dos trabalhos a Comissão sentiu a necessidade de recrutar alunos bolsistas, tendo realizado uma seleção que aprovou os nomes dos estudantes Edilson Pedro Araújo da Silva (Curso de História); Juan de Assis Almeida (Curso de Direito); Kaline Faria de Araújo (Curso de História); Lucila Barbalho Nascimento (Curso de História); Mayane Ranice Costa da Rocha (Curso de História); Patrícia Wanessa de Moraes (Curso de História); Thales Gomes de Lima (Curso de Direito); Yasmênia Evelyn Monteiro de Barros (Curso de História) e Monique Maia de Lima (Curso de História), que prestaram um serviço relevante, com eficiência e entusiasmo, permitindo êxito às tarefas da Comissão.

O Plano de Trabalho traçado adotou a metodologia de coligir fontes primárias e complementares sobre os fatos em apuração, ouvindo 51 pessoas, que prestaram os seus testemunhos e apresentaram documentos; também foram obtidos importantes subsídios documentais junto a vários cursos da UFRN e por liberalidade do Arquivo Nacional sediado em Brasília, que foi solícito e rápido na remessa das solicitações da Comissão da UFRN, sem contar com

outros documentos do arquivo pessoal dos membros da Comissão.

De fundamental importância registramos, também, a consulta às mídias do Programa Memória Viva, disponibilizados pela TV Universitária e vasta bibliografia obtida no correr dos trabalhos, bem assim fotografias recolhidas de várias fontes e outras tomadas nas sessões realizadas pela Comissão e que foram apresentadas em capítulo específico do Relatório, já entregue em caráter provisório à Magnífica Reitora a fim de providenciar a formatação dentro das regras técnicas vigentes, após o que será facultado à consulta pública em solenidade que se aguarda para o primeiro semestre de 2015.

Concluída a tarefa da instrução do trabalho, foram divididas as tarefas de redação entre os membros da Comissão e o Professor Willington Germano, abordando-se temários como por exemplo:

1. Antecedentes e registros históricos de criação da Comissão da Verdade na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
2. Arcabouço histórico da Ditadura Militar no Brasil – Eclosão da ditadura e os reflexos no Estado do Rio Grande do Norte e na UFRN.
3. A Assessoria de Segurança e Informações do Ministério da Educação e Cultura (MEC) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (ASI/UFRN): o braço da repressão nas universidades brasileiras<sup>11</sup>
4. Diligências para localização do acervo documental da extinta assessoria de segurança e informações da UFRN (1970 a 1990).
5. A ação estudantil pré-1964 e posterior ao golpe e atuação das entidades estudantis DCE e DA's no período.
6. IPM da UFRN: 1964/RO. IPM do Restaurante Universitário: 1968/7ªRM.
7. Ação Estudantil pós-golpe de 1964.
8. Movimento Docente. Criação da ADURN no período de redemocratização.
9. Movimentação dos servidores.
10. Decisões de processos individualizados: Casos: do ex-ser-

---

<sup>11</sup> Com a colaboração de bolsistas de apoio técnico, estudantes de História e Direito da UFRN.

vidor Alberto Lima, relator Moisés Alves; do Cidadão Manoel Meireles, relator Prof. Carlos Gomes; do Professor Juliano Siqueira, relator Juan de Assis Almeida; do Professor Rinaldo Barros, relatora Professora Ângela Ferreira; da Professora Luíza Maria Nóbrega, relator Professor Carlos Gomes; do ex-servidor Francisco Canindé Pegado, relator Juan de Assis Almeida.

11. Graves violações aos Direitos Humanos (mortos, desaparecidos e presos políticos). Caso de Luiz Maranhão Filho, José Silton Pinheiro e Emmanoel Bezerra.

12. Conclusões (recomendações). Colegiado da Comissão.

13. *Bibliografia* (relacionada na parte I deste trabalho).

14. A N E X O S

a) Documentos

b) Iconografia.

**Carlos Roberto de Miranda Gomes**, é advogado, professor e escritor. Presidente da Comissão da Verdade da UFRN. Eleito membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

## Lembrando o mesmerismo

*Jahyr Navarro*

No tempo em que exercia a Odontologia, fiz parte - como membro efetivo - de uma delegação natalense numa jornada Norte-Nordeste de Odontologia realizada na cidade de Caicó. Ficamos hospedados no hospital recém construído, porém ainda não inaugurado como uma deferência toda especial da diretoria do conclave. Além dos trabalhos científicos bem elaborados pelos membros das diversas delegações, o que mais me impressionou foi a exibição de hipnotismo praticada pelo colega Diniz Pípolo na festa de encerramento realizada numa fazenda próxima à cidade.

Pelo o que se ouvia na época, todo ato de hipnotismo tinha que ser acompanhado de um bom apagamento, sob pena da mente hipnotizada ficar na dependência da mente hipnotizadora. O receio natural relacionado à prática médica, era para evitar os abusos praticados por profissionais inescrupulosos que existem em todas as profissões. Depois daquela exibição, passei a me interessar pelo hipnotismo assistindo várias extrações dentárias e outras tantas cirurgias de pequeno porte, tudo sob o efeito da hipnose, porém, realizadas por profissionais de extrema rigidez ética. Assim mesmo, preferi ficar com meus cuidados a ter que penetrar no mundo desconhecido do inconsciente alheio.

A história da hipnose sempre esteve associada à noção do poder de uma mente sobre outra e, havia razões para isso. Muitos rituais religiosos nos quais os fieis obedecem cegamente às ordens dos sacerdotes, xamãs ou feiticeiros, se alicerçam em manobras hipnóticas, ainda que os envolvidos desconheçam totalmente os papéis que estão representando. Tão forte era o fascínio por essa crença que ela se alastrou ainda mais quando os fundamentos da hipnose começaram a ser estudados a partir do século XVIII. Foi quando fez sua espetacular entrada no cenário europeu, aquele que foi o maior hipnotizador de todos os tempos: Franz Anton Mesmer!

Médico austríaco, começou sua carreira em Viena. De início, estudou direito, depois, optou pela medicina. Conseguiu seu diplo-

ma plagiando a tese “De Planetarum Influxu” de um conterrâneo. Logo em seguida, tratou de assegurar seu sustento, casando com uma viúva rica, em cujos jardins de sua mansão, Mozart encenou sua primeira obra musical.

Mas, Mesmer tinha “outras” pretensões científicas. Impressionado pela descoberta da eletricidade, especulou que um fluido igualmente invisível e poderoso, poderia existir no organismo humano passando de um para outro. Pensou também, que sua má distribuição, poderia resultar em doenças, que ele se propunha a curar. Com essa ideia na mente, criou um tratamento para sua clientela, em sua maioria, mulheres, em geral, histéricas. Sentavam-se ao redor de uma espécie de banheira na qual havia um líquido e neste, mergulhava uma haste metálica, cujo simbolismo era mais que evidente e assim, elas entravam em transe, quando ele aproveitava para estimulá-las.

No ano de 1776, a Imperatriz Maria Tereza criou uma comissão para investigar Mesmer e, como resultado, deu-lhe quarenta e oito horas para deixar Viena. Foi então, para Paris, onde na rua Montmartre hipnotizava as clientes, - inclusive a famosa madame Du Barry - vestido de um terno lilás e tocando flauta, desfilava para sua clientela na clínica situada no hotel Bullion. Tinha também, tubos magnéticos, onde as clientes se encostavam e de mãos dadas, esperavam pelos assistentes, que eram jovens escolhidos a dedos. Estes, massageavam as clientes ao longo da coluna, no pescoço e nos seios, acelerando assim os sintomas de histeria. Em alguns casos, ocorria a “crise”, quando uma paciente começava a gritar, suar frio e a se debater o que servia de catarse para o resto do grupo. Embora Maria Antonieta e Luiz XVI achassem Mesmer “uma doçura de gente”, a Academia de Medicina de Paris, constituiu uma comissão composta de sumidades, como Benjamin Franklin - embaixador dos Estados Unidos - cientista interessado em eletricidade, o botânico Jussier, o químico Antoine Lavoisier e o médico Joseph Guillion - o inventor da guilhotina -, tendo como finalidade analisar a conduta profissional de Mesmer. Além de um relatório muito extenso, a comissão chegou à simples conclusão:

“- Nada prova a existência do magnetismo animal; a imaginação sem magnetismo, pode produzir convulsões; magnetismo sem imaginação, nada produz”.

Finalmente, a Revolução Francesa acabou com a carreira de Mesmer que fugiu para Londres e depois para Viena e, terminou numa aldeia junto ao lago Constanza, onde nasceu. Morreu no esquecimento aos 81 anos, mas sua lembrança ficou, não apenas, na expressão “Mesmerismo”, mas como uma ideia de sugestão hipnótica. O hipnotismo seguiu seu curso, sendo usado inclusive por Freud, que a ele recorreu no início de seus trabalhos como uma chave para abrir a porta do inconsciente alheio.

**Jahyr Navarro** é médico e escritor, membro da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte e do Conselho Regional de Medicina.



*Entrevista*

## Pedro Bloch conversa com Câmara Cascudo\*

Quando Gervásio Baptista, fotógrafo de Manchete, acabou de bater as chapas de Luís da Câmara Cascudo, em sua velha casa da Av. Junqueira Alves, 377, em Natal, Rio Grande do Norte, pediu de repente ao gênio do nosso folclore: “Posso lhe dar um beijo?” E antes que o autor de Jangada pudesse esboçar um gesto ou palavra, beijou-o e foi embora. Depois perguntei ao Gervásio por que tivera aquele impulso e ele, que nem lhe sabia o nome, explicou: “Senti que o homem é grande mesmo, compreende?”

Quando eu disse a Luís da Câmara Cascudo que tinha vindo a Natal especialmente para entrevista-lo, olhou-me meio desconfiado, os olhos expressivos se encheram de água, a cabeleira grisalha pareceu mais revolta e mastigando comovido o charuto (fuma dezoito deles por dia, em média) comentou: “Eu digo como o meu velho compadre José Mariano Filho: - É mentira, mas é gostoso!” E ficou a me olhar do fundo de sua velha cadeira de balanço. (“Sabe? Meu genro fez aquelas duas poltronas modernas, ali. Levou dois anos desenhando e inventando. Depois de prontas eu descobri uma coisa: - São uma maravilha, mas servem pra tudo, menos pra sentar!”)

É antiga (“nesta casa nasceu minha mulher, aqui me casei, aqui nasceram e casaram meus filhos”). Ao subir a escada de pedra a gente dá de cara com flores: *Rainha-da-noite*. E um aviso: “O Prof. Câmara Cascudo só recebe à tarde e à noite.” (“Eu sou o único homem feliz do Brasil, sabe, Pedro Bloch?”) Grande terreno com bancos e gaiolas, dois cachorros, o Ming e o Mambo. Dentro da casa, livros entulhando estantes e mesas, quadros invadindo todas as paredes, fotos autografadas de grandes de todos os tempos, recortes de revista com o retrato de um cardeal negro, porta com a pintura de um cangaceiro, estátua de S. Francisco de Paula olhando desconfiado certas imagens africanas e indígenas, gavetas entulhadas de anotações e obras em elaboração. Nas paredes, autógrafos de gente famosa e de amigos que por ali passam. Avesso à política, recebe líderes de todas as correntes. No mesmo dia podem ali estar o Francisco Julião e D. Eugênio Sales, o bispo. Graças a este homem singular, Natal é hoje

o maior centro folclórico do Brasil. Cascudo é das mais respeitadas figuras de sua especialidade em todo o mundo.

- A rua em que nasci se chamava lindamente: Rua das Virgens. Em 55 pregaram na rua o meu nome: Câmara Cascudo. Escrevi desaforo, xinguei meio mundo. Mas a placa ficou lá. E na casa ainda botam uma outra que diz que ali nasci eu, a 30 de dezembro de 1989. Conclusão: sou o único norte-rio-grandense vivo que não pode negar a idade. Sou da geração de Lampião e Luís Carlos Prestes. Também da de seis acadêmicos da Brasileira de Letras. Eu na academia? Pra quê? O Afrânio Peixoto dizia que eu era um provinciano profissional e incurável. Não sou nem federal, nem estadual. Sou municipal. Fico por aqui. E quando saio sou como pombo-correio. Volto certinho pro meu canto. Daqui, só pro Alecrim. (Bairro do cemitério de Natal.)

- Meu pai era o Coronel Francisco Cascudo, da Guarda Nacional. Coronel por afeto, de graça. Foi rico. Sou filho único. Pois o homem morreu pobre. Sabe por quê? Porque deixou 1.500 afilhados. E ajudou a todos.

E Cascudo me olha, ainda assombrado com aquela enormidade.

- Não existe uma fortuna em Natal que não deva nada a ele. Andava de polainas, monóculo e bengala trazida do Egito. Papai, comerciante, era um homem tão extraordinário que manteve, do próprio bolso, um jornal, de 14 a 27, para que a geração nova pudesse escrever. A imprensa, naquele tempo, defendia até direito de greve! Escrevi meu primeiro artigo em outubro de 1918. Daí por diante nunca mais me restabeleci. Papai, apesar das poucas letras, era inteligentíssimo, resolvia qualquer eleição, derrotava qualquer governo. Mas era tão bom, que em vida dele nunca ninguém chorou por sua causa. Quando morreu, sim. Foi o maior enterro que já se viu por estas bandas. Veja a grandeza de papai: sendo um homem prático, nunca quis fazer de mim um homem prático. Respeitou a minha mania de livros. Pra manter este filho inútil só pediu uma coisa: - que estudasse Latim. Estudei.

- Mamãe (Anamaria) morreu no ano retrasado. Era ela a única pessoa do mundo para quem eu continuei sempre criança.

Câmara Cascudo se manteve fiel ao seu Estado. Fora dele o esperavam o Rio, a academia, a projeção fácil. Mas, além do seu amor ao Rio Grande do Norte, o prendeu um pai que adoeceu e que não quis abandonar. Escolheu, então, por vocação e obrigação, algo que só pudesse ser feito em Natal. – Resolvi fazer a valorização da cultura popular brasileira.

- Estudei, em pequeno, em casa, com grandes professores, passei pelo Ateneu Norte-Rio-Grandense, fui estudar Medicina na Bahia, em 1918 (“nesse tempo nem havia candomblé de verdade”). Fui até o quarto ano. Depois fui vadiar, usar polainas e escrever em jornal. De 24 a 28 estudei Direito, no Recife. Em 29 casei com Dália, nome de flor sem espinhos. Minha sogra está com 95 anos. É uma marquesa da fidalguia. Até os noventa tocava piano comigo, a quatro mãos. Tenho dois filhos, Fernando Luís, que você conhece (trabalha em publicidade e é compositor inspirado. Todo o Brasil canta *Prece ao Vento*, que compôs com Gilvan Chaves), e Anamaria, que me deu uma neta: Daliana.

Djalma Maranhão, prefeito de Natal, diz: o “Rio Grande do Norte tem seu folclore mantido, defendido, vivido. Câmara Cascudo, sem sair da província, com recursos pessoais, incompreendido durante certa época e até negado, iniciou sua campanha pelo folclore num ângulo original. Ajudei-o quanto pude.”

Desde *Animais Fabulosos do Nordeste a Vaqueiros e Cantadores* até o monumental *Dicionário do Folclore Brasileiro* e obras mais recentes, a dezenas de trabalho do grande estudioso, abrangendo vários setores da cultura, mas convergindo para a cultura popular, tem assombrado nossos centros. Seu nome, Câmara Cascudo, é hoje quase folclore também.

- Nunca me interessei pelo folclore. Ele é que se interessou por mim. Eu não achava graça no que se escrevia por aqui. Era tudo na base do *alto gabarito*. Eu achava interesse mas era no trivial cotidiano. Comecei a fazer rodapé: “Ronda da Noite.” Acompanhava, a cavalo, a ronda policial e ia descrever o que vira: pileques e prostitutas, brigas e trapaças. O escândalo maior era isso ser feito por menino rico, bem. Depois vieram, naturalmente, as outras coisas que eu via: “Festas dos Reis Magos”, tanta coisa! Mário de Andrade

não podia compreender. Pensava que eu tinha sido levado à cultura popular pela erudição. Mentira! A cultura popular é que me levou a esta. (“Por esta sala já passaram Juscelino e Villa-Lobos. Mas também aqui vieram Jararaca e Ratinho.”) Compreenda bem. Quando comecei a trabalhar, observei que as pessoas só viam o matutismo, o anedotário da cultura popular. Prometi a mim mesmo: “só escreverei de corpo inteiro.” Estudo poesia sertaneja no duro. Por que isso? De onde veio? Por que baixa o violão? Por que isso e mais aquilo? Todo o trabalho é orientado no sentido de conservar o essencial e dispensar o acessório.

Explica Maranhão: “Já em 43 ele dava as *permanentes* do conto popular: antiguidade, anonimato, divulgação, persistência, subentendendo-se oralidade como meio de transmissão. Foi Cascudo, em 1942, quem distinguiu história de estória, quando se refere ao conto popular. Pouca gente se lembra disso.”

- Neste trabalho, Seu Pedro, é preciso em primeiro lugar honestidade na colheita do material. Depois, é preciso confrontar, cotejar com outras regiões dentro e fora do país. Finalmente se pesquisa a origem. Por que o Rio Grande do Norte é tão rico de material? É que o povo defende há séculos o seu teatro, o seu direito ao divertimento, da maneira mais pura, quase sem enxertos. Dois estados valorizaram o seu folclore: o Rio G. do Sul, com aquelas danças, e o Rio G. do Norte. Sabe por quê? Porque não era pra mostrar pra turista. O povo dançava pra si mesmo. Guardava dinheiro pro Auto no tempo de Natal. Por isso mesmo é dos mais puros aqui. Eu não deixava deturpar. Agora já não posso intervir tanto: foram pra Brasília e usam fitas e coisas, mas oitenta por cento ainda são autênticos. A verdade é uma só: onde aparece o turista, acaba o folclore. A não ser que esteja tão estratificado que não se deixe conspurcar: “se não gostar, não venha!” De outro modo vai, de concessão, até se despersonalizar. Aqui nós temos os autos que existem no Nordeste com algumas variações, da Bahia ao Maranhão. Você conhece o Boi-Culemba? O Fandango (A Marujada) é um auto de temas portugueses, mas feitos todos no Brasil. Portugal não tem. O Moçambique, por exemplo, existe entre nós, e em Moçambique tal dança nunca viveu. Você assistiu ao Bambelô. Viu que beleza? Pois é. Duas palavras cuja origem sempre me intrigaram: bambelô e vatapá. Não sei. Alias, sou o único professor

no Brasil que tem a coragem de dizer “não sei”, sem se julgar diminuído ou desmoralizado. “Não sei, não sei”, pronto, está acabado! A Chegança veio em 26. Foi um oficial que mandou encenar no Teatro Carlos Gomes e o povo gostou. Aliás, todo o romanceiro partiu do alto pra baixo.

- Veja você se não é curioso: O desafio, que é português, vem pro Brasil e se torna popular, e o fado, que é eminentemente brasileiro, se torna canção nacional em Portugal. Os portugueses que voltaram com D. João VI é que levaram o fado.

- A Severa (acreditem ou não!) nunca ouviu um fado na vida dela. Nem podia, seu mano! Quando os primeiros fados foram cantados ela já tinha morrido! Você pode confirmar isso com a minha responsabilidade.

Câmara Cascudo me dá algumas das nossas preciosidades folclóricas:

- Em Natal temos o Bambelô, Coco de Roda, danças em círculo, acompanhados de instrumentos de percussão, fazendo figuras no centro da roda um ou dois dançarinos. Comum nas praias. Só se vê no Rio G. do Norte.

- No Ceará, temos o Desafio.

- No Maranhão, o Bumba-Meu-Boi. A indumentária é assombrosa! Aliás os autos populares maranhenses superam tudo o que possa existir de parecido no mundo. Nem Diaghilef. E depois, a multiplicidade dos centros de interesses é impressionante. A coisa é tão fabulosa que o grande fotógrafo que me acompanhava perdeu vários momentos importantes. Ficou como que hipnotizado... e esqueceu de fotografar!

- No Pará temos as Festas de Nazaré.

- Em Manaus, que ninguém perca as Festas de São João.

- Recife, o frevo. No mundo, só em Pernambuco existe o frevo. É a grande alucinação do carnaval pernambucano. A multidão fica a ferver. É justamente de frevura, frever, que vem a palavra frevo. Essa dança apareceu em 1909! Foi o Zuzinha, ensaiador da brigada Militar de Pernambuco, quem estabeleceu a linha divisória entre o frevo e a polca-marcha. A coreografia é individual. Centenas de

dançarinos, ao som desta música excitante, dançam diversamente. Instinto, improvisação, variabilidade. Vale tudo!

- Em Alagoas, os Reisados. Má música, enredo pobre, mas uma indumentária que nem Luís XV sonhou! Cascudo indaga: “Você já imaginou um chapéu que pesa seis quilos e ornado com 400 espelhos? Pois aqui está! Às vezes o chapéu reproduz toda igreja!”

- Na Bahia você pode ver a Capoeira, o Candomblé, Iemanjá.

- Eu poderia ficar a noite inteira falando de coisas pra ver neste Brasil assombroso. Mas nada existe de mais impressionante que Os Guerreiros de Alagoas, que pertence ao ciclo dos reisados. Quando eles aparecem acaba tudo. Um homem do Life parou assombrado olhando para mim. Cadê jeito pra bater a chapa? A mão tremia de emoção.

- Você sabia que nosso cantador nordestino é o único no mundo que vive a fazer versos e cantar? Em todos os cantos da Terra isso já desapareceu.

- E a jangada? É a mais antiga embarcação conhecida pelo homem, que desapareceu mesmo na Polinésia, onde existiu comumente. Duas mil jangadas sustentam famílias do Ceará ao Sergipe. E a rede de dormir? Mais de meio milhão é produzido por ano. Na rede milhões de brasileiros nascem, vivem e morrem.

- Sou professor de Direito Internacional da Universidade e no Estado me aposentei de terceiro-consultor-geral, com 36 anos de serviço.

- Quando nasci, o Brasil esta à beira do abismo. Passados os anos compreendi que uma das duas coisas deve ter acontecido: ou o abismo fechou ou o Brasil alargou. O que está se processando no Brasil é uma fase lógica com a presença dos problemas mundiais que aqui arribaram. Falar em problemas brasileiros, em abismos, é ignorar o que se passa e passou no resto do mundo. Desvalorização da moeda, desajustamento psicológico, tudo isto são ciclos. Antes de tudo é preciso acreditar que estamos aqui numa missão humana e que nada disso é castigo nem penitencia acima de nossas possibilidades de resolução. O melhor produto do Brasil é o brasileiro.

- Sim. Desconfio que sou supersticioso. Não é bem o pé direi-

to, nem o 13, nem o gato preto. Pesquiso superstições, mas devo ser supersticioso. Napoleão, Goethe e Vítor Hugo eram supersticiosíssimos. Alguém já disse que o jumento não tem nenhuma superstição.

- Quer saber de uma coisa engraçada? Quase sempre meus encontros com Villa-Lobos eram no estrangeiro. O grande bem que Villa me queria era ... porque eu nunca lhe falava de música. E o mais assombroso é que fui durante vinte anos professor de História da Música!

Depois começamos a falar de frases do povo, coisas do povo, e Cascudo me mostra umas frases deliciosas como: No Ceará quem faz coisa impossível “dá nó em pingo d’água”.

- Vejam o sabor destes ditos: “Boca calada é remédio”; “Defunto de esteira é que faz visagem”; “Gato com fome come farofa de alfinete”; “Silêncio também é resposta”; “Queda de velho não levanta poeira”; “Em terra que não tem carne, espinha de peixe é lombo”; “Cada um com a sua certeza”.

- Vejam estas comparações: “Velho como o chão”; “Apertado que só um pinto no ovo”; “Encarnado como fita”.

- Em 1909, viajei pela primeira vez com meus pais. Sem passaporte. Agora é diferente: a gente tem que carregar um negócio pra provar que a gente é a gente. Se eu viajei muito? Viajei seis passaportes.

- Em 1940, me apaixonei pela alimentação. Não estava pensando em hidratos de carbono ou proteínas. Queria era a história da comida. Tentei seduzir Josué de Castro para escrevermos juntos a história da cozinha brasileira. Mas ele estava mais preocupado com o que o homem deixa de comer, com a fome. Continuei com uma teima de jumento jagunço pesquisando. Os povos escolhem determinados alimentos e, mais tarde, a ciência. Chateaubriand, esse homem fabuloso, a convite de quem eu já havia escrito Jangada e Rede de Dormir, me convidou para escrever uma História da Alimentação no Brasil. Quem resiste a essa força da natureza que se chama Assis Chateaubriand? O primeiro volume já está no prelo, na Brasiliana. O segundo está pronto, e o terceiro em andamento. Salomão já disse: “Todo o trabalho do homem é para a sua boca.”

- Eu estava desconfiado de toda a minha sabedoria, ao começar o trabalho. Queria ver as áreas de origem dos escravos que tinham chegado ao Brasil. A comida devia ser, na essência, a mesma. (“Uma das forças aculturativas mais poderosas e sutis é justamente a cozinha. Quando um emigrante começa a gostar da cozinha local é porque está conquistado pela nova pátria. Os cozinheiros franceses têm feito pela França tanto quanto os escritores ou diplomatas. Mas não é cozinha de requente a que dura. Para o etnógrafo o que interessa é a culinária, ordeira e pobre, a de todo dia, sem enfeite.”)

- Corri a África e fiquei doutor em negro. Eu queria ver o que ele planta, colhe, come e dança. Voltei encantado. Fui ver a criatura humana em sua mais encantadora naturalidade. A Europa é uma constatação (a gente já a conhece antes de ir); a África é uma revelação. Possui cidades supermodernas e, em outros aspectos, está no passado; canta século XV e passeia de lambreta. Imagine que o mesmo negro, que, tatuado e de lança na mão, me aparecia naquele ritual belíssimo da véspera, surgia, agora falando cinco línguas, piloto do meu avião e com ar mais civilizado do mundo. O negro é inteligentíssimo. Vive sua cultura. Tem mercado para o seu artesanato e cria coisas admiráveis.

- É preciso compreender bem a diferença entre civilização e cultura. Cultura é o conjunto de técnicas que podem melhorar e facilitar a produção, tornar a vida mais fácil, a terra mais produtiva. Civilização é uma capitalização de sensibilidade através de gerações. É a fisionomia da cultura no tempo.

- Você sabe que um ministro da Nigéria é descendente de um escravo brasileiro que voltou para a África?

Câmara Cascudo é membro de não sei quantas associações, academias, dono de não sei quantas honorarias e títulos. Mas o mais humano e curioso é o de Presidente de Honra de Os Inocentes, um grupo que assalta as casas em Natal e carrega com as bebidas. Trabalha sempre em casa. Quando está concentrado, fica se balançando na rede até amadurecer a ideia. Gosta de música de Caymmi, Ari e Noel.

Cascudo (tratado pelos íntimos de Cascudinho) ordena à fiel criada Anália quando lhe confesso minha sede: “Traga o copo de

prata de meu pai, que o Pedro Bloch vai beber nele. Água só em copo de prata.”

Diante do espanto de Anália percebo o tamanho da homenagem que me presta.

Luís da Câmara Cascudo me acompanha até o carro que me aguarda, descendo a escadaria de pedra. Ao lhe reafirmar que foi ele quem me trouxe a Natal, seus olhos se enchem de água outra vez e me sufoca com um abraço agradecido, como se sua grandeza não justificasse até a viagem à Lua.

O chofer que me leva, contudo, ao divisar pelo espelho do carro a figura do grande brasileiro que acena de longe, diz:

- Este home é grande, doutor!...

E conta:

- Às vezes, quando ele está cansado de trabalho, venho apanhá-lo e, de amigo em amigo, de conversa em conversa, vamos varando a noite, de manhãzinha eu trago ele pra casa. Mas cadê coragem de cobrar? É a pior hora, doutor. Cobrar desse homem. Pode?

E olha com a mesma cara do fotógrafo Gervásio Baptista quando pergunta ao velho Cascudo:

- Posso lhe dar um beijo?

O que o Gervásio sentiu é que estava diante de um pedaço do Brasil. Gervásio não beijou Cascudo. Beijou o próprio folclore brasileiro, em sua beleza, em sua grandeza, em sua expressão maior e mais pura.

\*Entrevista publicada na revista Manchete nº 619. Rio de Janeiro 29 de fevereiro de 1964.

*Contos e Crônicas*

# Besouro Mangangá

*Iaperi Araújo*

Ninguém sabe de onde veio aquele ceguinho, que chegou num certo dia na cidadezinha de Flores do Seridó. Era um fim de tarde de uma sexta feira, coincidentemente 13 de agosto, que todo mundo se lembra por ser véspera do sábado, dia de feira no povoado.

Aquela sexta feira, mesmo sendo de agosto, foi de muito vento. O estranho é que o mês das ventanias é julho. O vento vinha por detrás da igreja, na entrada da rua principal, corria pela praça e sumia pelo fim da rua, depois de esbarrar na porta do cemitério. Ninguém se abalava a sair de casa. O vento trazia poeira e um cheiro forte de chuva.

Mas era só cheiro, porque chuva mesmo, nem sinal. O céu estava muito claro, sem nuvem a não ser no horizonte do poente. O vento de vez em quando formava uns redemunhos estranhos. Uma roda de poeira, folha seca e papel velho que rodeava a praça e depois se desmanchava.

Algumas velhas faziam cruz com os dedos apontando pro redemunho na tentativa de espantar quem viajasse nele. Uns diziam que era o fute, o bicho preto gafento. Outros achavam que era o anhangá tihoso, uma espécie de assombração com uma perna só que gostava de fumar cachimbo e fazia tudo por uma peinha de fumo.

O vento soprou bem uma meia hora e quando o céu começou a avermelhar ele cansou. Ficou tudo parado, estancado na mesma madorna do fim de tarde. Aí vieram as andorinhas voando em círculos para espantar a chuva que se prenunciara pelo cheiro. Fizeram volteios no patamar da igreja e logo, logo se recolheram nos ninhos que tinham no telhado da capela de São Sebastião.

Foi aí que o ceguinho apareceu. De um nada. Não se viu um carro, um misto, uma carroça sequer. Nem burro em que ele viesse montado prá gente pensar que chegara num deles. Num

instante, lá estava ele na praça, sentado no único banco, diante do busto do fundador da cidade, Joaquim Feliciano de Moura. Era um ceguinho, tão frágil e delicado que causava pena.

Vestia humildemente. Tinha um óculos escuro meio velho, todo remendado com tiras de pano. A bengalinha de pau parecia que havia servido por muitos anos a uma enxada. As alpercatas eram bem gastas e um saco de pano nas costas denotava que carregava nela seus outros trens, inclusive a rabequinha.

Ali parado, sentado no banco da praça. Parecia que esperava alguma coisa. Um transporte para seguir viagem ou alguém que o fosse buscar. Quando a noite chegou e o motor de luz foi ligado, o único poste de luz da praça foi aceso. O ceguinho continuava lá, sentado, balançando os joelhos de um lado pro outro. Aí vieram os meninos brincar. Esconde-esconde, tica e uns ludi de correr, saltar e se esconder. As meninas menores brincavam de donas-de-casa e de anel. As maiorezinhas que já mostravam o volume dos peitos crescendo sob os vestidos, passeavam de braços dados, rodeando a praça, num converseiro sem fim.

Quando os meninos começaram a se cansar das brincadeiras, descobriram o ceguinho. Um deles, foi se chegando e sentou na ponta do banco. Outros vieram e ficaram como um magote, admirando o estranho visitante.

- Ei, seu Zé, o senhor é cego?

O homem não deu nem cabimento. Bateu duas vezes com a bengala no chão como estivesse enxotando os importunos.

*- Nessa vida sofredora,  
Que me vive a maltratar,  
Sou viajante do tempo  
Nas asas do mangangá,  
Sou valente, sou tirano,  
No reino sou soberano,  
No sertão sou marajá.*

Ele cantava baixinho. Logo os meninos se achegaram mais prá perto do ceguinho para ouvir se tinha mais coisas naquela latomia.

O homem limitou-se apenas a fechar a boca e ficar repetindo muitas vezes a pobre melodia dos seus versos.

Quando o motor da luz deu o sinal que ia ser desligado e já era umas 9 da noite, os meninos saíram em desabalada carreira pela rua. Uns pinotavam e se voltavam para os companheiros que se distanciavam, estirando o dedo médio da mão. Outros, peidavam com a boca, levantando uma perna.

O ceguinho deitou-se com as pernas dobradas sobre o banco e começou a cochilar, logo que o motor da luz foi desligado.

No outro dia, bem cedo, quando os feirantes foram se chegando nos caminhões e nas carroças, com os produtos da terra para exporem à venda, já encontraram o ceguinho sentado no chão, escorado na estaca que marcava a entrada principal do mercado do povoado.

Aquilo não era mercado não. Um simples telheiro, todo aberto que limitava seu terreno com bancas de alvenaria, único melhoramento que seu Juvenal fizera nos três anos de sua administração como sub-Prefeito.

Ali dentro se misturava de um tudo. Bancas de carne, miudezas, utensílios de casa, bancas de tecidos, comida caseira, bolachas, choriço, doce de espécie, fígado de boi cozinhado na água e sal, fumo de rolo, raízes da terra, batata, macaxeira, feijão, farinha, açúcar e sal e as verduras.

Só não se podia vender dentro do mercado, animais vivos, que ficavam no redor. Cabras, bodes, porcos, garrotes, jumentos e cavalos, amarrados nas estacas de sustentação do telhado. Galinha, guiné, patos e as miunças do terreiro, nuns engradados que Mileira, vigia do mercado, guardava todo fim de feira, enganchados nuns ferros que pendurara nos caibros.

O ceguinho, postado na entrada do mercado, puxava umas cantigas tristes. Falava de filhos abandonados pelos pais, de órfãos que passavam privação e de amores não correspondidos. Era uma choradeira danada. Umhas poucas moedas caíram na sua bacia, feita de lata de queijo do reino, que de vez em quando ele agitava para chamar a atenção dos passantes, mas acredito mesmo que era pra sa-

ber se os meninos não tinham roubado seu apurado. Pela zoadá que as moedas faziam ele era capaz até de saber quanto tinha de esmola e se alguém aumentara ou diminuira seu patrimônio.

No fim da feira, ele juntou suas coisas e foi pra sombra de uma algarobeira, comer uns brebotes que tinham dado como esmola. Depois, quando o sol começou a se esconder por trás da serra, ele voltou pra praça e ficou ali, parado, cantarolando baixinho a melodia triste que falava nas asas do mangangá.

O anoitecer foi muito triste naqueles tempos de seca. O sol descambou num átimo de tempo por trás da serra, pintando tudo de amarelo e depois bem encarnado. Parecia um anoitecer de sangue. Os bichos não piaram. Apenas um caboré destrambelhado passou rasante pela praça com um canto triste parecendo choro de sofrimento de fome de menino. O ceguinho ficou no banco, na mesma posição assumida na noite anterior. Solfejava a melodia cabulosa do mangangá com a boca fechada. A praça era um deserto só. Ninguém se aventurava a sair prá prosear. Uns poucos colocaram cadeiras nas calçadas e somente se olhavam. Não conversavam de nada, como se quisessem economizar palavras.

Aí apareceu o mesmo vento. Veio forte lá de cima, levantando poeira, rodou na praça e no mercado, bateu na porta do cemitério e se foi. Depois da ventania, ninguém mais viu o ceguinho.

Num deu meia hora e um bando de besouros mangangás invadiu a rua. Desses grandes, pretos, fedorentos. Parecia uma nuvem só. Escura e zoando. Zuuuuuummmmm. E eles foram ocupando todos os espaços. A rua, a igreja, o mercado e o cemitério. Aquela nuvem de besouro ia e vinha se balançando nos ares, subindo e descendo, batendo em tudo quanto era obstáculo. O único poste da praça, cuja luz os atraía, teve que ser apagado, quando Luiz do motor desligou a força da energia na esperança que os bichos fossem embora.

Quem ainda estava na calçada, puxou as cadeiras prá dentro e fechou as portas. Os mangangás voavam desconcertados, sem desviar qualquer obstáculo, batendo nas pessoas, paredes, portas e janelas. Passaram a noite toda nesse xafurdo. Quase ninguém dormiu com medo da praga, mas de manhã, tinham sumido. Não tinha um

só. Nem os que caíram por bater nas coisas. Muita gente achou que tinha sido uma visagem coletiva. Explicação também não teve, mas Flores depois disso nunca mais foi a mesma.

**Iaperi Araújo** é médico e escritor, autor de ‘Canções da Terra’ (contos) e numerosos outros livros, o último dos quais, “MARIA DO SANTÍSSIMO, UMA CANÇÃO INGENUA” foi lançado em dezembro de 2014 pela Editora Manimbu da Fundação José Augusto.

## Apocalipse e Gênese

*Claudem Arcanjo*

*À noite quando chora o sertanejo  
Na tábua de silêncio do seu chão  
Brotar faz esperança do desejo...*

(Antonio Fabiano, em Cancioneiro da terra)

### À noite...

**N**a noite esticada, os olhos secos de Jacinto, o velho sertanejo, estão postos no céu estrelado. As mãos, calosas e áridas, dispostas no gesto de oração, prostradas ficarão. Um entalo na garganta funda, na fundura oca do desvão.

De repente, a lembrança da última invernada: os potes cheios; a bica grossa, pura festa da meninada; as vacas amojadas e gordas; a mulher a debulhar o feijão verde, acororada. Fartura e remissão. Os bichos, em algaravia de coito, no reinado da abundância do sertão. Março, abril, maio, junho... No apajo do clarão da lua e ao som do dolente carão.

Revirou os olhos no rumo do nascente, à cata de uma nuvem bojuda, prenhe do inverno improvável. Serão.

As pedras de sal na tábua de madeira. Crendice dos homens de Licânia. A imagem viva, de Senhora Sant'Anna, no relicário da mente turva. "Tenha fé, homem de Deus! Melhores dias virão."

O trovão junto aos bofes. Trovão da fome? Na vista, o relâmpago da morte, bendito por lágrimas. Única chuva naquele rincão. Chão, esquecido dos santos, dos anjos e dos homens. Lembrado apenas pela precisão.

Logo depois, silêncio de cão. O martírio de um longo pesadelo, longuíssimo silêncio. Quase em compasso de excomunhão.

\*\*\*

## Na tábua de silêncio...

Na tábua de silêncio, ergueu-se. Não se lembra depois de quanto tempo, não. Horas, para o relógio da vida. Anos, para os ponteiros da morte, pulsão.

Reparou nos punhos gastos da rede, nos caibros marcados pela fumaça de um antigo fogão de lenha. O retrato de Das Dores, antes do último parto e da morte no nono mês, cansação.

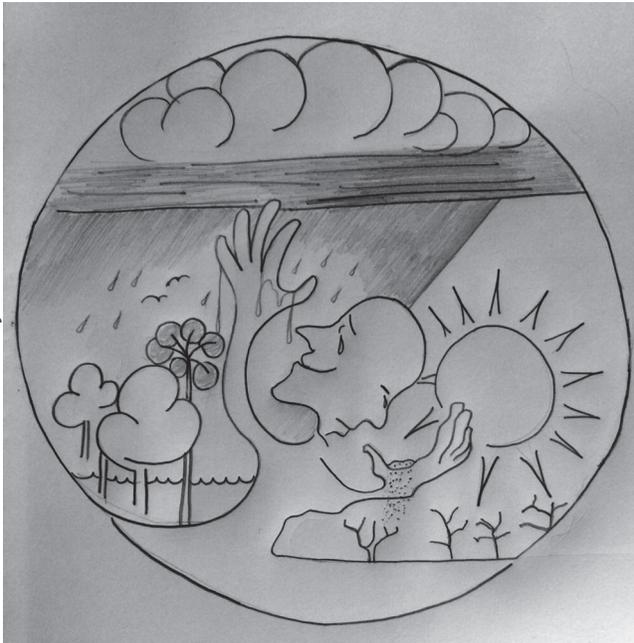
Quis levantar, faltaram-lhe forças. Quis rezar, negaram-lhe, da fé, o batismo da esperança, comunhão.

Rezou para a morte na porteira, e ela, de aboio e de desprezo, anunciou-lhe que não lhe levaria (por desprezo?); agora, não.

O lamento da acauá no pasto, e o riacho a escorrer, vazio, nas pedras da maldição.

\*\*\*

Desenho de João Helder



## Brotar...

Brotar pela teimosia do sertanejo? Pela rigidez do couro que não tem serventia para a onça Caetana?

Brotar pelo defastio da ossada? Sem uma nesga de gordura, sem carne, sem tutano. Tão só o couro e o osso; os bofes resistentes, tão duros como as pedras do eito e o couro das mãos.

Jacinto abriu os braços esqueléticos, na conta do sem jeito, e aboiou a vida e baniou a morte, tripudiando, desta última, a total e descabida falta de jeito. Feito de cão.

No nascente, a gravidez descabida de uma nuvem temporã, cúmulo da maldição. Uma chuva grossa e parideira na horta: a (des) valia da terra, arregaçada, por um cabeça de água, rasgando as tripas da mata, acordando os sapos, as cobras e o corrupeirão.

Na rede funda e suja, Jacinto gargalhando, a quase perder o fôlego com tanta fartura. Em êxtase, pela nova gênese da terra: o céu e o inferno emprenhados com a terra, gravidez das invernias com o pasto árido, em diluvial, sertaneja, apocalíptica e miraculosa anunciação.

— Tenha fé, homem de Deus! Melhores dias virão.

# Pesadelo pendular

*Elder Heronildes*

Todas as noites, qual um sonâmbulo, andava de um lado para outro, na casa deserta. Ia e vinha, como se estivesse acompanhando o pendular do relógio grande existente na parede principal da sala. Ficava a imaginar, que às vezes, sua lentidão confundia-se com a do pêndulo. Outras tantas pensava que era guiado por aquela peça que, na sua imaginação, parecia dominar o seu movimento, fazendo-o seguir a mesma cadência.

Não, era sua própria mente que criava todos aqueles elementos, que mais o faziam confuso e inquieto.

Via-se sendo aplaudido. Todos o olhavam. Havia alguém junto de si, fazendo-lhe carinho.

Mãos entrelaçadas.

Caminhava, com solenidade, sob olhares e sorrisos. Saía de um templo religioso, disso não tinha a menor dúvida. Não era um sonho. Era uma realidade. Olhou para trás. Muitos o seguiam. Todos lhe jogavam flores e pequenos carochos.

- Por que arroz?

A flácida e pequena mão junto à sua, contraía-se a tal ponto, que não se lhe notava o sangue.

-Por que o nervosismo? Se todos parecem tão alegres?

Sem resposta, o cortejo, com ele e ela à frente, prosseguia lentamente, já descendo as escadarias do Templo.

-“ A mão que afaga é a mesma que apedreja.”

Não sabia por que aquelas palavras foram pronunciadas.

- Quem as teria dito? - pensou em voz alta.

- Ah! Parece que foi Augusto dos Anjos. Que sabedoria!

Vinha-lhe à lembrança que aquele nome não lhe era estranho. Havia em torno dele uma abominação geral. Aprendera desde a casa paterna, tal a aversão que sentia por ele. Caíra no índice da família.

Entretanto, algo nele o atraía. Ainda não sabia o que era.

Gravadas estão as admoestações e reprovações. Naquele tempo não compreendia tais reações.

Hoje, compreendo-as, e por isso, condeno-as. Pura estreiteza de espírito preconceituoso fruto de um clericalismo exacerbado, ou consequência, simples, da ignorância compreensível, em tais circunstâncias.

Bom. Mas afinal de contas que tem Augusto dos Anjos com aquele cortejo e com sua existência?

Não compreendia, ainda, por que pensara em mão que afaga e que apedreja, quando aquela mão tão delicada o fazia tão feliz e contente. Além da mão afagante e apedrejante, não lhe saía da mente aquela outra de que o “escarro...

“Meu Deus, tinha que parar de pensar em Augusto dos Anjos”. As leituras que dele fizera mesmo contrariando todos os de casa, agora lhe faziam mal.

Continuava pendularmente a sua caminhada de ida e vinda dentro do minúsculo quarto, acompanhando com lúgubre cadência o tic-tac do relógio de parede. O pêndulo do relógio fazia-o voltar a cabeça de um lado para o outro.

-Comprara-o a pedido da esposa, - lembrou. Tinha uma predileção doentia pelo relógio e mais ainda pelo seu pêndulo que transformara numa verdadeira obsessão.

“Parecia a mim, em determinadas circunstâncias, que o pêndulo do relógio, com aquele vai e vem incessante, dominava-o completamente, a ponto de a ele dirigir-se como se falando estivesse com uma pessoa.”

Os sons emitidos por aquele pêndulo penetravam naquela mente fraca, pondo em risco a sua sanidade, se é que ainda a possuía.

Assim passavam os dias, as horas e os minutos. Era um vai e vem constante, e às vezes, inconstante, sem nexos e sem causas visíveis, aparentes ou ocultas. Dias a fio, via-se sem nenhum gesto coerente, sem esboçar sequer o menor desejo de ser alguém, de pensar ou de comunicar-se. Seus olhos eram incomunicáveis pela insensibilidade fria de que eram dotados. Fácil era perceber a incoerência dos gestos, o abandono de si mesmo, as caminhadas sem propósito e sem senti-

do, num pequeno percurso de ida e de vinda dentro de um quarto, que não era grande. Vez ou outra parava com atitude tresloucada, diante do motivo, como pensava de suas fantasmagóricas e indecifráveis ilusões, o tal pêndulo do relógio que parecia indiferente diante dos seus incontroláveis sofrimentos.

Se pelo menos – pensava de si para si, quando sobrevinha um instante de possível lucidez- aquele instrumento de terror parasse de pendular, cessasse de vez de atormentá-lo, induzindo-o àquelas voltas sobre si mesmo, numa grotesca imitação?

Ia e vinha. Voltava-se sobre si mesmo e descompletava a volta, repetindo-se seguida e pendularmente.

O relógio parecia dar o sentido real do cortejo, ao mesmo tempo em que o fazia seguir, na imaginação, lembranças fortuitas, repassadas com pesadas e arraigadas inquietações de indecifráveis estados de profunda melancolia.

Não havia mais risos. As alegrias de antes deram lugar a uma excitação doentia, própria daquele elemento carregado de morbidez e lugubridade, numa tenebrosa sequência de indecifráveis mistérios. Havia um emaranhado de situações diante da presença inconfundível do pêndulo que, nas suas idas e vindas, num tic - tac contaminante, incessante e arrepiante, tornava lúgubre e funéreo o estado daquela criatura que a si próprio não governava.

Rejeitava-se e se automatizava, na medida em que obedecia ao comando de um relógio, movido por um pêndulo, com batidas sequenciadas e repetidas, no íntimo do seu ser, como se fora o seu próprio coração.

O coração já não batia, batia o pêndulo.

O que pulsava dentro de si, não era fruto de um movimento impulsionado pelo sangue que corria em suas veias. Estas já não atendiam ao fluxo e refluxo sanguíneo, pois o medo contaminante paralisava o seu percurso, cedendo lugar, a um indescritível e inexplicável envolvimento pendular que, misteriosamente, dava-lhe condições mínimas de vida, através de idas e voltas como se fora impulsos extrassensoriais.

Por entre um estado de consciência e inconsciência, numa espécie de vigília e de sono, rememorizando como se um estado de

lucidez aparentemente existente, lhe indicasse caminhos, sentia por entre uma pancada e outra do pêndulo do relógio, - que inoculava em sua mente pensamentos, inclusive mórbidos - que o seu mundo desabara e com ele tudo aquilo que construía.

De início, o cortejo, a alegria, o riso, com aquele simulacro de poesia de que a “mão que afaga é a mesma que apedreja”; transmutando-se de repente em cortejo funéreo, mórbido e lúgubre.

Pressagiava não um futuro, mas fazendo emergir um passado tenebroso, e não muito distante, que teve como ponto culminante, numa sequência diabólica e como testemunha ocular, aquele maldito relógio, cujo pêndulo magnetizava, com suas pancadas, na hora mais cruciante, impiedosa e cruel, de um ser humano, a extinção de uma vida, em plena floração da existência.

Nem a suave beleza está livre de ser maculada pela chama incontrolável do pecado, mormente, quando impiedosamente induzida, por um incontrolável e maléfico espírito.

Naquele momento, naquela hora, durante as badaladas de um pêndulo que não se calava e teimava em anunciar o infortúnio que atingiria dois corações, aquela mão que antes afagava, movida por uma ferina, bestial e sanguinária disposição de ódio, maculando o leito nupcial, ao compasso cadenciado das pancadas pendulares, feria de morte, numa macabra repetição, aquela a quem jurara amor eterno.

Andava para lá e para cá. Indo e voltando.

Dava voltas no próprio corpo, seguindo em passos dolorosos, num minúsculo cômodo, o bater de um relógio, cujas pancadas penetravam, como ferro em brasa, no seu coração.

Balançando incontrolavelmente a cabeça para trás e para frente, tal qual o pêndulo do relógio, para o qual fixava-lhe o olhar morto, caiu por terra fulminado por um veneno terrível que ingerira, diante da dor insuportável e do total descontrole emocional.

**Elder Heronildes** é escritor, autor de “A Rua de Jaime” e outros livros. Presidente da Academia Mossoroense de Letras e ocupa a cadeira nº 37 da Academia Norte-riograndense de Letras.

## Num bar de Casablanca

*José Delfino S. Magalhães*

**D**o lado de fora, como que flutua, o letreiro. O nome iluminado numa bolha de néon, como se o lugar pudesse falar; como se fosse um personagem, o personagem principal de uma história.

Recebo a saudação do porteiro que usa um fez na cabeça. Meu olhar, em passos longos e mudos, me ultrapassa. O bar fervilha de gente. À noite, é como um bordel onde as pessoas são a principal mercadoria. No centro um piano: músicas processando memórias. Por um momento, minha visão é bloqueada pelo braço de um garçom que passa e se afasta. Vejo de relance um homem, de perfil, sentado à mesa pondo um cigarro entre os lábios, que o tragam em seguida. Meu andar passa pelo porteiro à porta, pelo salão do bar comprido, até o santuário interno das roletas; até a mesa onde, diante de um tabuleiro de xadrez, um cinzeiro e um calendário, está o patrão. Que também fuma e pensa, enquanto o tempo passa. Aliás, todos fumam e bebem. Afinal, cigarro e álcool são sublimes. E o tempo passa. Alguns esperam, outros caçam. Enfim, a cidade é o lugar para esperar, esperar e esperar. Me sento à mesa e, lógico, também acendo um cigarro. À direita da porta, entram dois casais bem vestidos. Acompanho o progresso deles a uma mesa. Meu pensamento corre ligeiramente ao letreiro do bar e imediatamente volta. Dois oficiais americanos acompanhando uma mulher entram no bar seguidos por dois árabes desacompanhados.

O resto é preenchido com imagens de taças de champanhe sobre as quais pairam nuvens de fumaça cinza. Vistas de um ângulo ligeiramente mais baixo, as taças enfumaçadas captam toda luz do café. Quando sem ninguém esperar, de repente, ela chega. Vejo as suas costas nuas atravessando a porta. O pianista, guardião do segredo e da inversão do tempo, quando ela entra ele ataca e toca “Love for Sale”.

- “Nunca pensei que a veria de novo, Srta Ilsa. Muita água passou sob a ponte”, ele começa. Ela pede que ele toque uma das “velhas músicas”. Ele tenta contentá-la com “Avalon”. Não é o que ela quer escutar. Toque “As Time Goes By” diz, o que desperta no olhar de Rick ao longe, a busca do tempo perdido; desde a hora, cinco para as cinco no relógio da Gare de Lyon, em que ela de Paris não partiu com ele. Até agora.

Foi assim que começou. Naquela noite fiquei sabendo. Anos após viverem intenso romance em momento inoportuno (apaixonaram-se no dia em que os alemães marcharam sobre Paris) um casal se reencontrou em um bar de Marrocos. Foi assim que vi, ao vivo como se assim fosse, os detalhes da estória. Até o final, quando o dono do bar afasta-se na névoa do aeroporto de braços dados com um outro, ao som dum crescendo da Marselhesa, falando do início de uma nova amizade.

Não interessa quem fica com quem ou se alguém fica só, sem ninguém. Qualquer final seria aceitável. A felicidade é uma isca na altura dos olhos. Tentar alcançá-la é o que conta. Num pouco de romance, em sonhos desfeitos, pitadas de frustrações, num rosto, num belo par de pernas a serviço do nosso erotismo; em promessas caídas do céu, em atitudes ambíguas nos perdemos, às vezes. Rosa púrpura do Cairo em Marrocos, naquela noite entrei na tela. E me perdi. Quase não dei conta que era um filme.

**José Delfino** é médico, poeta e professor da UFRN. Tem um livro de poemas pelo selo Jovens Escribas.

# O Passarinheiro

*Sanderson Nogueiros*

**A**ntônio morava em um socavão de serra. Era seu reino, desencantado. De lá, ele era capaz de ouvir o ranger da Terra como se o Universo fosse uma velha porteira rangedeira ou um portal secular, cujas dobradiças enferrujadas multiplicassem o som gutural dos sistemas de rotação e translação. Do seu buraco de mundo, ele subia em um cavalo baio, alvíssimo e manco, para a chá da serra – aquela planície onde o vento se equilibra como uma festa.

De sua casa, encravada e alvejada em grotões pesados e difíceis, ele sentia a vida como lhe chegava: suada, pegajosa, tonitruante. Era preciso respirar mais em cima. Respirar como o gado fazia – aproveitando os descampados e a perspectiva de lonjura, sorvendo o tempo pelas narinas, o vento violento que lá em cima se fazia mais do que uma festa: uma carícia. Antônio visitava a pequena plantação de abacaxis; tirava um ângulo novo com o olhar percuciente da paisagem em volta, e mordida no canto da boca o cigarro de palha, cheirando a um convite. Discutia a melhor maneira de proteger os abacaxis contra a violência do verão próximo e, no fim da discussão com os empregados, já havia tomado doses avantajadas de “ginebra”.

Cumprindo o ritual de inspeção, Antônio dispunha-se a fazer o que mais lhe apetecia a vontade de dono da terra obscuro: colocava o alçapão no último galho de um pé de oiticica para pegar um sabiá branco. Sabiás escuros ele os apreendera às dezenas – em cima da serra era fácil conseguir – se a prisão de passarinhos, belos conchizes, galos-de-campina que enchem a vista, pintassilgos vivíssimos: Mas toda sua vida, desde criança, era para ser dono de um sabiá branco. Pois só este tem o canto de que lhe falara, na infância, o avô: um canto triste e alegre; ao mesmo tempo, capaz de adormecer e acordar; rival da patativa dourada naquelas regiões longínquas de Mata-Pasto-de-Dentro.

E o sabiá branco não aparecia. O compadre Lucas, colega de infância, ouvira falar que perto dali morava um passarinho, por necessidade e convicção, que pegara certa vez um sabiá branco, vendendo-o logo depois a um mascate. Antônio procurou o fio da meada e constatou que tudo fora invenção. O passarinho morrera havia muitos anos e apenas a viúva confirmou que seu marido tinha sido, por toda vida, um caçador de pássaros; e nunca o encontrara também.

Depois de tanto procurar e desarticular o pensamento, já na hora do poente, ele subia no cavalo baio para ir até a ponta da serra. Ali, ficava demorado tempo inteiro a esperar que as luzes da cidade, lá longe, na serra da Araruna, se acendessem. E, acesas, tremessem na distância, aflitas pela escuridão. Naquelas luzes, ele via a imagem do sabiá branco do qual nunca pudera ser dono.

**Sanderson Negreiros** é poeta e escritor. Autor de “Fábula Fábula”, “A Hora da Lua da Tarde” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

## De travessia

*Paulo Bezerra*

Quando minha irmã mais velha (1916- 2008) casou, em 1937, foi morar na Pendanga, pois nosso pai botou-a lá na casa onde ele mesmo nasceu e morreu, terras que lhe chegaram por herança dos nossos avós e por compra a herdeiros. Menino ainda novo ar-dilei por ali até ser arrebanhado de volta para as águas das Pinturas sob protesto da filha a quem meu pai dizia: “Não. Você vá cuidar dos seus porque dos meus eu mesmo cuido”. E houve reclamação e choro, mas nada valeu.

O ano de 1939 foi estiagem pesada e até Oswaldo Lamartine (1919-2007) cunhou uma frase dizendo-se sobejo daquela seca que tudo esturricou, deixando o sertão cinzento, as árvores peladas, o chão descoberto, magrém no gado, toda fauna ressentida e ele menino novo chegando no dia 15 de novembro. Já em 1940 houve um bom inverno e tudo prosperou – os gados, os bichos, as plantações, e houve fartura muita, e boa safra de algodão antão um forte pilar da economia do Seridó, mas aí entrou 1941, a cara dura, sem relâmpago, sem trovão, sem chuva, a cigarra da seca zunindo cedo, as águas minguando e foi desse jeito que de 41 passamos a 42 e deste a 43 tudo na mesma pisada, compondo a triste e trágica trindade: 41,42 e 43. E como havia chegado gente nova na Pendanga uns se abalararam de chão a fora do rumo do poente. Coisa de umas três léguas de beijo.

Era muito clara a noite. A lua cheia havia apontado por cima do cocuruto da Serra Preta espalhando a sua claridade por todo o sertão e corria uma friagem no sopro macio do vento. A viagem tinha sido projetada de véspera para aproveitar a temperatura favorável daquele instante sob a luz da lua tão clara que desenhava no chão a sombra móvel e andante, dos animais e seus montadores. Cadocha (1920-1947), minha irmã, montava em cilhão o seu cavalo chamado Cego, bom de passo, mas que tinha um olho vazado por Zezé (1925-2000), outro irmão, ia em Pequeno, um burro da sua sela, ligeiro, forte e novo, bom de estrada e melhor de campo. A

primeira porteira era a da sua divisa das terras de Agostinho Pereira, quinhão recebido do finado Zé Sancho, ele pai de muitos filhos, pequeno agricultor, paraibano de Catolé do Rocha, ali chegado não se sabe por quê cargas d'água, mas feito em amansa de burro brabo e de boi para trabalhar na canga. Cruzando o terreiro da casa, portas e janelas estavam atravancadas e de dentro não se ouvia qualquer fala nem se via sinal de candeeiro aceso tangido a gás pobre, com sua luz fumacenta. Em tudo havia silêncio e paz.

Dali pra frente outras tantas porteiras e terreiros e casas e, vez por outra, o latido de um vira-lata de sentinela, dando guarda. As faveleiras, do pátio de Chiquinha Viúva onde em outros tempos houve apartação de gado e corrida de mourão, haviam perdido as folhas que o vento embolava pelo chão e também não se via a coruja no seu voo rasteiro, nem se escutava o piado do caboré, nem trilar dos grilos, nem acende e apaga dos vaga-lumes. Depois eram as terras em declive das Lanchinhas, das Imburanas, a porteira da ponta da serra, as terras de aluvião do Logradouro, a travessia da areia seca do rio do Saco para subir depois de atravessar um chão de caatinga, sobretudo de jurema, xiquexique e seixos rolados, até alcançar a porteira das Tábuas Brancas, território antigo do meu avô Felix Maranganha. Até ali era caminho estreito por onde passava o vaqueiro tangendo gado; o caminhante em busca da feira; o temente a Deus para alcançar a missa das 10; o homem a vender miçanga; o cidadão destinado a algum feito e, naquela quadra eventual, a travessia dos irmãos. Daí, o caminho quase deserto e, depois dele, a estrada de andar carro, o que permitiu aos irmãos andar de parelha.

O chão, agora, de piçarra com ondulações, drenando as águas dos invernos para o riacho do Açude da Ovelha e para o da Barragem do Porco, esta para plantio de arroz e aquele com boa água de consumo humano. À esquerda, ao longo da estrada, cerca de pedra preta com chapéu de cobertura, quase milenar nos dias de hoje, e casa de morador-meeiro onde viveu Deodoro Pereira – oleiro do lugar, e mais adiante, à direita, a do vaqueiro Manoel Pereira com sua mulher Josefa e o filho Cabrinha. Ali era já terreiro dos armazéns e do casarão da Pendanga.

O assunto da viagem foi trivial de uma fazenda onde morava uma família entregue aos seus afazeres e onde não havia nem jornal,

nem rádio, nem revista, nem vizinhança.

Já ia alta a noite. No meio do céu a lua. E nem uma só nuvem a lhe roubar o fulgor. Os animais suados pelo esforço da caminhada, irradiavam calor e do suor chegava um cheiro acre e forte. Do Cego que mancara ao transpor a caatinga, com uma ponta de pau, para aliviar a dor, tiraram-lhe a pedra metida na fêmea do casco. O silêncio era rompido pela conversa dos três, pelo rincho distante e longo do jumento contando as horas, pela badalada distante de um chocalho, perdida na amplidão. A casa do destino estava lá mais à frente, muito alva na noite clara, de altas paredes, com tradição e história e um franjado no frontispício da chegada compondo uma linha horizontal, caindo dela um V invertido.

Bateram repetidas vezes os nós dos dedos na janela de cumaru pintada de azul-claro até quando a voz titubeante de mulher idosa indagou quem àquela hora lhe batia a porta; de fora ouvia a resposta de quem precisava falar ao dono da casa, mas houve uma informação de que ela estava longe, com uma retirada de gado magro e que a dona estava de resguardo e ela era a empregada, não havendo ninguém mais em casa. Aí a dama da travessia deu uma risada logo reconhecida pela irmã que guardava resguardo, mas houve algumas perguntas para esclarecer quem de fato estava lá fora. Quando a porta então foi aberta havia no ar o cheiro de incenso, nas mãos de Maria das Neves um revólver e nas de D. Maria, sua sogra, um farol aceso.

Do que estou a lhe contar correm setenta anos. É que eu estava escanchado na garupa larga e sem rabicho de Pequeno.

**Paulo de Balá Bezerra** é médico e escritor, autor de “Cartas do Sertão” e outros livros. Ocupante da cadeira Nº 12 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# Uma noite no Palácio Potengi

*Francisco Rodrigues da Costa*

Cheguei ali por volta das 19 horas, para o lançamento do livro *Pétalas* da poeta Florina da Escóssia. Nunca havia subido os degraus externos do suntuoso prédio, sede antiga do Governo do Rio Grande do Norte.

Acompanhado do meu amigo Cláuder Arcanjo, um dos editores da Sarau das Letras, alcançamos o topo da escadaria e entramos no espaçoso salão. Dei uma rápida olhada nos circunstantes; o recinto coalhado de mossoroenses não mais residentes em Mossoró. Pretendo falar com eles, principalmente aos que não cumprimento há algum tempo. Dirijo-me à mocinha encarregada de identificar o comprador do exemplar com o autor. Adquiro um. “Que o autógrafo seja dos primeiros” - penso. Além de evitar a fila, que a antevejo enorme, tenho mais tempo para um papinho com os conhecidos: Maria das Graças Queiroz, Guia Brasil, Suerda, Simone e Sônia Rodrigues, estas filhas do memorialista Obery Rodrigues, ex-vizinho meu em Mossoró.

Acho que fui o terceiro a ser atendido pela simpática Florina, neta de Lauro da Escóssia, jornalista, e, por longos anos, diretor de um dos mais velhos jornais deste “Brasil brasileiro”: O Mossoroense.

Peço permissão a você, distinto leitor, para contar três “causos” acontecidos com gente de Mossoró.

Fiz questão de falar com Eve Mota, filha do ex deputado Mota Neto, com quem nunca tivera um contacto sequer. Explico: no nosso livro PERDÃO o autógrafo que fiz para Eve se referia a uma particularidade do seu casamento e ela ficou curiosa por me conhecer. Soube disso por meio de Rita Fernandes, minha cunhada, casada com Zezito.

No enlace matrimonial Eve/Dr. José Mário, o banquete oferecido aos nubentes na ACDP, foi de uma fartura imensurável. E os

presos da cadeia pública de Mossoró se refestelaram a valer. A eles foi destinada muita comida. “Nunca os detentos passaram tão bem na sua vida”. – comentário de alguém. A comida boa e abundante foi um presente de Mota Neto aos que cumpriam pena no presídio de Mossoró. Eve desconhecia essa passagem de sua vida. Daí...

Ao me dirigir a Concita Escossia sussurrei ao seu ouvido: “quantas passadas você deu mesmo naquele percurso”?

Ela riu, e perguntou:

- Você ainda lembra-se disso?

É uma historinha simples também. Concita foi miss Mossoró no ano de 1957. À época, noiva de Moacir Melo Filho, gerente das Lojas Seta. E como uma espécie de propaganda para incrementar a venda na loja, instituiu um prêmio: “Quantas passadas Miss Mossoró deu das Lojas Seta para o Cine Pax”? Concita fizera o trajeto para saber exatamente o número de suas passadas.

Naquele tempo ganhar um prêmio e ter o nome divulgado pelo rádio, era a glória. Por isso, se via muita gente fazendo a caminhada, entre os dois pontos, a fim de abiscoitar o trofeu.

Contemplando a escadaria de madeira do palácio que dá acesso ao pavimento superior, minha lembrança não deixou escapar um fato que a Telé, meu irmão, foi narrado pelo próprio Lauro da Escóssia, tendo a mim como testemunha.

Lauro estava no gabinete do então governador Dinarte Mariz. Fora ali com uma comitiva de irmãos maçons levada pelo deputado estadual Mota Neto. Pleiteavam a remoção do fazendário Lauro, de Currais Novos para Mossoró.

O interessado disse que o governador já estava com o processo em mãos para assinar o pleito. Foi aí que alguém informou ao funcionário do Fisco que Vingt Rosado vinha subindo a escadaria. Ao entrar no gabinete, o líder da família Rosado ouviu do governador:

- Vingt, estou com o processo da remoção de Lauro para Mossoró.

Então Vingt mostra todo o prestígio que gozava junto a Dinarte, sentenciando:

- Não pedi para ele sair e nem peço para ele voltar.

Foi água na fervura. Lauro só voltou para Mossoró no Governo de Aluizio Alves.

· Três historinhas simples, destituídas da mais leve maldade; passam para o anedotário mossoroense.

Lembro uma coisa: ACDP (Associação Cultural e Desportiva Potiguar).

**Francisco Rodrigues da Costa** é funcionário público aposentado e escritor. Autor de “Perdão” e outros livros.

## Nelson Rodrigues, atualíssimo

*Armando Negreiros*

**N**elson Falcão Rodrigues nasceu em Recife em 1912, mas aos quatro anos mudou-se para o Rio de Janeiro, onde viria a falecer aos 68 anos em 1980. O autor de “Vestido de noiva” era escritor, jornalista e dramaturgo. Direitista, chamado à época de reacionário. Paradoxalmente, Nelson Rodrigues Filho tornou-se guerrilheiro e passou para a clandestinidade. O estádio, hoje arena, do Maracanã tem o nome do seu irmão, o jornalista Mário Rodrigues Filho. Tido como realista, chegou a ser comparado a Eça de Queiroz. Cronista da tragédia carioca conquistou grande público com as suas crônicas intituladas “A vida como ela é”, no jornal “Última hora” de Samuel Wainer. Ele próprio se definia: “Sou um menino que vê o amor pelo buraco da fechadura. Nunca fui outra coisa. Nasci menino, hei de morrer menino. E o buraco da fechadura é, realmente, a minha ótica de ficcionista. Sou (e sempre fui) um anjo pornográfico (desde menino).”

Rafael Negreiros, meu pai, costumava citar Winston Churchill, que ele considerava o maior homem do século vinte. Uma das frases preferidas dele, nas nossas acaloradas discussões, era: “Quem nunca foi comunista até os 20 anos, não tem coração. Quem continua até depois dos 30, não tem cérebro”. Ou essa outra que não sei o autor: “Por trás de todo jovem revolucionário socialista, tem um pai capitalista dando duro”. Captei na Internet algumas frases de Nelson Rodrigues (declarando a sua visão política) e não resisti ao control C, control V. Vamos curtir o velho Nelson Rodrigues.

“Tão parecidos, Stálin e Hitler, tão gêmeos, tão construídos de ódio. Ninguém mais Stálin do que Hitler, ninguém mais Hitler do que Stálin.”

“Rússia, China e Cuba são nações que assassinaram todas as liberdades, todos os humanos, que desumanizaram o homem e o transformaram no anti-homem, na anti-pessoa. A história socialista é um gigantesco mural de sangue e excremento.”

“Na velha Rússia, dizia um possesso dostoiévskiano: ‘Se Deus não existe tudo é permitido’. Hoje, a coisa não se coloca em termos sobrenaturais. Não mais. Tudo agora é permitido se houver uma ideologia.”

“No Brasil, o marxismo adquiriu uma forma difusa, volatilizada, atmosférica. É ser marxista sem estudar, sem pensar, sem ler, sem escrever, apenas respirando.”

“Como a nossa burguesia é marxista! E não só a alta burguesia. Por toda parte só esbarramos, só tropeçamos em marxistas. Um turista que por aqui passasse havia de anotar em seu caderninho: ‘O Brasil tem 100 milhões de marxistas’.”

“Toda unanimidade é burra.”

“Hoje, o não-marxista sente-se marginalizado, uma espécie de leproso político, ideológico, cultural etc., etc. Só um herói, ou um santo, ou um louco, ousaria confessar publicamente: Meus senhores e minhas senhoras, eu não sou marxista, nunca fui marxista. E mais: considero os marxistas de minhas relações uns débeis mentais de babar na gravata.”

“Havia, aqui, por toda parte, ‘amantes espirituais de Stalin’. Eram jornalistas, intelectuais, poetas, romancistas. Outros punham nas paredes retratos de Stalin. Era uma pederastia idealizada, utópica e fotográfica.”

“Não há ninguém mais bobo do que um esquerdista sincero. Ele não sabe nada. Apenas aceita o que meia dúzia de imbecis lhe dão para dizer.”

“No Brasil, só se é intelectual, artista, cineasta, arquiteto, ciclista ou mata-mosquito com a aquiescência, com o aval das esquerdas.”

“A liberdade é mais importante do que o pão.”

“Com o tempo e o uso, todas as palavras se degradam. Por exemplo: liberdade. Outrora nobilíssima, passou por todas as objeções. Os regimes mais canalhas nascem e prosperam em nome da liberdade.”

“Outrora, o remador de Bem-Hur era um escravo, mas furioso. Remava as 24 horas por dia, porque não havia outro remédio e

por causa das chicotadas. Mas, se pudesse, botaria formicida no café dos tiranos. Em nosso tempo, o socialismo inventou outra forma de escravidão: a escravidão consentida e até agradecida.”

“Em muitos casos, a raiva contra o subdesenvolvimento é profissional. Uns morrem de fome, outros vivem dela, com generosa abundância.”

“Hoje, o sujeito prefere que lhe xinguem a mãe, mas não o chamem de reacionário.”

“Ah, os nossos libertários! Bem os conheço, bem os conheço. Querem a própria liberdade! A dos outros, não. Que se dane a liberdade alheia. Berram contra todos os regimes de força, mas cada qual tem no bolso a sua ditadura.”

“Ainda ontem dizia o Otto Lara Resende: ‘O cinema é uma maneira fácil de ser intelectual sem ler e sem pensar’. Mas não só o cinema dá uma carteirinha de intelectual profundo. Também o socialismo. Sim, o socialismo é outra maneira facilíssima de ser intelectual sem ligar duas ideias.”

“Marx roubou-nos a vida eterna, a minha e a do Otto Lara Resende. Pois exigimos que ele nos devolva a nossa alma imortal.”

“O homem só é feliz pelo supérfluo. No comunismo, só se tem o essencial. Que coisa abominável e ridícula!”

“Diz o dr. Alceu que a Revolução Russa é ‘o maior acontecimento do século’. Como se engana o velho mestre! O ‘maior acontecimento do século’ é o fracasso dessa mesma revolução.”

“O brasileiro não está preparado para ser ‘o maior do mundo’ em coisa nenhuma. Ser ‘o maior do mundo’ em qualquer coisa, mesmo em cuspe à distância, implica uma grave, pesada e sufocante responsabilidade.”

“Outrora, os melhores pensavam pelos idiotas; hoje, os idiotas pensam pelos melhores. Criou-se uma situação realmente trágica: ou o sujeito se submete ao idiota ou o idiota o extermina.”

“Antigamente, o silêncio era dos imbecis; hoje, são os melhores que emudecem. O grito, a ênfase, o gesto, o punho cerrado, estão com os idiotas de ambos os sexos.”

“Quando os amigos deixam de jantar com os amigos [por causa da ideologia], é porque o país está maduro para a carnificina.”

“Eu amo a juventude como tal. O que eu abomino é o jovem idiota, o jovem inepto, que escreve nas paredes ‘É proibido proibir’ e carrega cartazes de Lenin, Mao, Guevara e Fidel, autores de proibições mais brutais.”

“Qualquer indivíduo é mais importante que toda a Via Láctea.”

“As feministas querem reduzir a mulher a um macho mal-acabado.”

“A solidão começou para o verdadeiro católico. Tomem nota: ainda seremos o maior povo ex-católico do mundo.”

“A mais tola das virtudes é a idade. Que significa ter quinze, dezessete, dezoito ou vinte anos? Há pulhas, há imbecis, há santos, há gênios de todas as idades.”

“Deve-se ler pouco e reler muito. Há uns poucos livros totais, três ou quatro, que nos salvam ou que nos perdem. E, no entanto, o leitor se desgasta, se esvai, em milhares de livros mais áridos do que três desertos.”

“Em nosso século, o ‘grande homem’ pode ser, ao mesmo tempo, uma boa besta.”

“Invejo a burrice porque é eterna.”

**Armando Negreiros** é médico e escritor, autor de “Na Companhia dos Imortais”, “A Folga da Dobra” e outros livros. Ocupante da cadeira nº 14 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

## Encomenda para o Céu

*Cleudivan Jânio de Araújo*

Quando me vêm à mente narrativas do cotidiano, lembro-me do multifacetado Rolando Boldrin, que além de ator, cantor, compositor e apresentador de televisão, ainda é um exímio cronista e contador de causos. As situações narradas pelo decano da cultura brasileira, na maioria das vezes, são de natureza cômica, arrancando escandalosas gargalhadas do seu fiel público.

Distanciando-me da essência das histórias do respeitadíssimo artista, irei relatar nas linhas seguintes um fato inusitado que ocorreu no decurso de minha atividade laboral no ano de 2003. Naquela época, eu trabalhava como atendente, em uma agência dos Correios, localizada em uma cidade da Região Metropolitana de Natal/RN.

O dia do ocorrido foi uma quarta-feira, salvo engano. Aproximavam-se as festividades do carnaval. A população se preparava para recepcionar atrações musicais, advindas da Bahia, que o executivo municipal havia contratado para animar a tão esperada festa momesca. Confesso que na folia eu não iria cair. Todavia, esperava ansiosamente pelo longo período de descanso. Pretendia aproveitar e colocar em dia a leitura dos textos da faculdade. O semestre letivo se iniciara, recentemente, e já havia apontamentos acumulados. O movimento na agência, por incrível que parecesse, estava tranquilo. Sempre com uma apostila de lado, vez por outra, eu passava a vista em alguns parágrafos.

Já se aproximava o final do primeiro expediente, quando adentrou na unidade um senhor. Aparentava, aproximadamente, cinquenta anos de idade. Julguei que fosse de origem humilde, uma espécie de intuição, ao analisar suas vestimentas e sua fisionomia envergonhada. Ele se dirigiu ao meu guichê de atendimento. Inicialmente, perguntou se tínhamos à venda aquelas caixas para enviar encomendas. Respondi afirmativamente, apontando para uma de

tamanho 04, o maior modelo disponível à época. Ele afirmou ser exatamente aquela a dimensão desejada. Como de costume, a fim de orientá-lo quanto ao acondicionamento da mercadoria, o inquiri sobre qual a forma de encomenda pretendida (Sedex ou Encomenda Normal), e também se o conteúdo seria algo frágil.

Fiquei, então, estupefato com sua resposta. Disse ele: *Eu não vou enviar encomenda nenhuma, moço. Eu quero a caixa para conseguir a liberação do corpo de minha filhinha. Ela faleceu, logo após nascer, e encontra-se ali no Hospital Maternidade.* Aquelas palavras me deixaram atônito, a ponto de ficar paralisado por alguns segundos, sem nenhuma reação. O Gerente da agência também ouviu aquilo. Rapidamente, deixou seus afazeres e se aproximou do guichê. Recuperado do choque, questionei-o sobre o porquê da escolha de uma embalagem dos Correios para tal intento. Ele me surpreenderia, mais uma vez, com sua resposta: *Amigo, é porque eu não tenho condições de comprar um caixãozinho. Mesmo que eu tivesse dinheiro para comprá-lo, não sobraria nada para o transporte de uma funerária entre o hospital e o povoado onde moro. Não é permitido transportar minha filha num ônibus, em razão do seu estado. Agora, se eu a colocar em uma caixa como essa, fecho com fita adesiva, como se fosse uma encomenda, “uma encomenda para o céu”. Então poderei transportá-la, sem problema algum! Quando chegar lá, eu faço o enterro na mesma caixinha!*

Que inesperada justificativa! Aquele pai, mesmo enfrentando momento de extrema tristeza e dificuldade, parecia ter encontrado uma solução prática para o seu problema. Destreinado apresentei-lhe o produto, ainda tentando, de certa forma, demovê-lo da idéia dizendo. *Será que realmente servirá para o que o senhor pretende?* Ele, então, olhou-me serenamente, e respondeu: *Se não couber retinha, eu coloco ela atravessada que dá!*

Confesso que até hoje aquelas palavras ecoam em meus ouvidos. Intriga-me, ainda, tal fato. Fico a me perguntar como pôde isso ter acontecido em pleno século XXI?

Uma coisa me conforta: aquela criança, que sequer chegou a conhecer as mil e uma faces deste mundo, agora descansa em paz. Certamente, teve um enterro digno.

O esforço daquele pai me fez reavaliar alguns conceitos sobre o mundo. Mostrou-me a verdadeira riqueza de inteligência e de valores sentimentais que enobrece as pessoas, sem importar sua condição abastada ou desprovida de posses. Certamente, renovou minha crença na essência humana.

**Cleudivan Jânio de Araújo** é funcionário público federal, editor e escritor, autor do livro “O Rio Grande do Norte nos selos postais do Brasil” (CJA Edições, 2011).

*Poesias*

# O Peregrino

*Dorian Gray Caldas*



*Vinha o peregrino  
Beber na fonte a água serenada.  
Vinha como antes,  
Como se uma dor antiga  
O Afligisse.*

*A mesma túnica, a sandália,  
A mesma de tantos caminhos  
As mãos agora sem o gesto  
Que levantou os mortos  
E curou os mendigos.*

*A olhar pelo semblante  
Parece com ele (ou é ele),  
Apenas mudou, em vez do  
Pai é o Filho que anda  
Calmo e resignado  
Sem a turba agitada  
Procurando tocar-lhe. Ele o  
Ingênito, o puro, o iluminado!*

*Há dois mil anos já  
Anda o peregrino com  
O coração aberto, a chaga no  
Peito ao lado,  
E nas mãos a marca  
Do madeiro.*

*Se me perguntarem se o conheço,  
Digo: ouvi a sua estória e  
Nunca mais esqueci,  
E nem sei como contarei  
A meus filhos.*

Dorian Gray Caldas é artista plástico, poeta e escritor, ocupante da cadeira nº9 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

## Sonetos de sertão e mar

*Jarbas Martins*



Desenho de Carlos Lins Onofre

# SONETOS DE SERTÃO E MAR

VIRGOLINO

a Manoel Onofre Jr.

I

A estrela como ultraje no chapéu.  
Já não bastava? Em sua carne fria,  
trazia assinalado outro troféu  
- a Morte, essa jocosa companhia.

No horizonte de pedra e cascavel,  
pressagiava, ao sol, o Inado Dia;  
mais alguém, as pegadas de Babel -  
que o seu único olho entrevia.

Acovardado, sim. Mas que esperto!  
Adotara o punhal, o chão deserto,  
o rosário, o bormal e a quizília.

Esconjurava a Noite e a família  
dos remorsos. Mas Deus (que é santo velho)  
decretou, por ironia, o Evangelho.

## II

Deixetou, por irrisão, o Evangelho.  
Que deus ego engendriaria tal maranhã?  
Amancebado, a infâmia o acompanha,  
grudada ao rosto a máscara-espelho.

A treva o cerca, a caatinga o estranha,  
reza o Ofício e clama de joelho:  
" - Venha a bênção do céu, fel da entranha,  
que o mais é sem concerto, o mundo velho! "

Uma carabina em cada mão, o rim  
cingido por um cinturão de bala.  
Maldiz-se e baba, corta a sua fala.

Da chaga exposta, escorre o sangue ruim.  
Presente, ao lado, o Demo, seu igual,  
e ensaia, no deserto, o Carnaval.

## SONETO DO VERÃO INAUGURAL

Antes, bem antes, que o verão estenda  
os panos no varal, e seus cajus  
maturem o vão instante e, antes, que os  
ventos se soltem e contem a tua lenda;

bem antes, que do céu o ouvido atenda  
o grito da gaivota, que transluz,  
salte o peixe do mar, no ar, esplenda  
o seu rastro veloz, de escama e luz

— possa eu te amar, em tua brônzea ~~cor~~ cama,  
em nossas noites de pão e jogo,  
murmúrios, quietudes, paz e drama,

num entregar-se de dunas, sal e fogo,  
condenado do jardim de tuas delícias,  
ao inferno, a teu céu, nossas primícias.

**Jarbas Martins** é poeta e escritor, autor de “Contracanto”, “14 versus 14”, “44 Haikais” e outras obras.

# Seridó

*Humberto Hermenegildo de Araújo*

*Era um mundo de ramos de cores  
Sobre as serras?  
Sementes de flores.*

*Eram cinzas e ermos?  
Ramos de magrezas  
Águas nas represas.*

*Haveria brancuras?  
Garças e arapucas.*

*Sobre os pedregulhos?  
Orgulhos, gorgulhos.*

## Descida da serra

*Na cangalha do burrico  
Os urus nos cabeçotes:  
Quatro alças, dois sacos de couro.*

*No meio, a menina:  
Os pés dentro dos sacos  
Braços rentes às plantas  
Os olhos vagos, vastos.*

*Navega, arriba, plana.*

**Humberto Hermenegildo de Araújo** é professor da UFRN, escritor e poeta. Autor de “Asas de Sófia”, “O Lirismo nos Quintais Pobres” e outros livros.

# Flor improvável

*Rizolete Fernandes*

*Eis que uma flor brotou  
naquele improvável espaço  
entre o mosaico do piso  
e a parede do terraço*

*No caminho para o sol  
o caule que a sustenta  
mais e mais se adelgaça  
seu peso já mal aguenta*

*Enquanto busca o calor  
tanto cresce quanto expede  
para sua extremidade  
clorofila folha e flor*

*E o frágil caule vergado  
ao verde peso-destino  
descreve suave curva  
para o chão mas alertado*

*Quanto à nobreza de ser  
suporte para a flor branca  
a própria descida estanca  
e a beleza faz erguer*

*Porque uma flor brotou  
naquele improvável espaço*

# Rastros

*Há de rastros profusão  
nos múltiplos entroncamentos  
da estrada que percorro*

*São pegadas titubeantes  
sem profundidade e horizonte  
perfeita desorientação*

*Já outras são firmes passos  
trajeto com ritmo e norte  
hábeis recuos e avanços  
na manhã da caminhante*

## SEÑALES/SIGNAUX\*\*

*Les signaux sont à profusion  
aux multiples intersections  
de la route que je parcours*

*Ce sont des traces titubantes  
sans profondeur ni horizon  
parfaite désorientation*

*D'autre pas se révèlent déjà fermes  
trajet rythmé vers le nord  
reculs et progressions habiles  
de la voyageuse du matin*

\* Traduit de l'espagnol par Maggy De Coster

\*\* (Do livro Vento da Tarde, 2013. Tradução para o francês a partir da tradução em espanhol feita pelo poeta Alfredo Pérez de Alencart).

**Rizolete Fernandes** é socióloga, escritora e poeta. Autora de “Cotidianas” e “Vento da Tarde” e outros livros.

# Um pé

*Junior Dalberto*

## *Um pé*

Um pé de vento leva um pé de saci dentro  
Um pé de cabra leva um cabra, de fora pra dentro  
Um pé na porta empurra o pé para dentro da porta  
Um pé nas costas envia de volta quem não mais se gosta  
Um pé na bunda te deixa com a bunda de fora  
Um pé de gente multidão ausente  
Um pé fora é um pé dentro  
Não deu pé

**Junior Dalberto** é escritor, poeta, dramaturgo e diretor artístico. Autor dos livros “Pipa Voada sobre Brancas”, Cangaço e o carcará sanguinolento” e “Leveza infinita”, dentre outros.

# PATRONOS E ACADÊMICOS

Situação em março de 2015

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauro da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Cláudio Emerenciano
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota (eleito)
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcanti	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto (vaga)
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros
15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes

17	Ribeiro Dantas	Deoclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita
22	Côn. Leão Fernandes	Côn. Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Meneses, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Ferreira
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluizio Azevedo, Diva Cunha
31	Padre Brito Guerra	José Melquiades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine Carlos de Miranda Gomes (eleito)
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas (eleito)
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	

Este livro foi impresso em cartão Duo Design 250g. (capa) e  
Pólen Bold 90g. (miolo) pela Offset Editora, Natal/RN, em março de 2015.

[www.offsetgrafica.com.br](http://www.offsetgrafica.com.br)